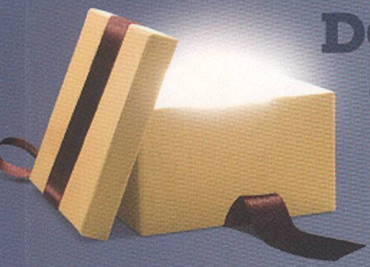
TIMOTHY KELLER

ESTE LIVRO É PARA VOCÊ ESTUDAR E SER ENCORAJADO COM A MUDANÇA QUE VEM DO EVANGELHO, PARA VOCÊ MEDITAR NA PALAVRA DE DEUS DIA A DIA, PARA VOCÊ ENSINAR A BÍBLIA E SER EQUIPADO PARA LIDERAR. ESTE LIVRO É



ROMANOS 8–16 PARA VOCÊ

USO EXCLUSIVO DO CANAL GOSPEL BOOK BRASIL
PROIBIDO COMPARTILHAR



ROMANOS 8-16
PARA VOCÊ



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Timothy, Keller
Romanos 8—16 para você / Timothy Keller; tradução de Jurandy Bravo. — São Paulo: Vida Nova, 2017.
240 p.
Bibliografia

ISBN 978-85-275-0772-1
Título original: *Romans 8—16 for you*

1. Bíblia — Romanos 2. Bíblia — Romanos — Estudo e ensino I. Título II. Bravo, Jurandy

17-0885 CDD 227.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia — Romanos

TIMOTHY KELLER

ROMANOS 8–16 PARA VOCÊ

Tradução
Jurandy Bravo

VIDA NOVA

©2015, de Timothy Keller
Título do original: *Romans 8—16 for you,*
edição publicada pela The Good Book Company (Epsom, Surrey, Reino Unido).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova
Rua Antônio Carlos Tacconi, 75, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2017

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações com indicação da versão *in loco* foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI) e da Almeida Revista e Atualizada (ARA), ou traduzidas diretamente da New International Version (NIV), da King James (KJ), da English Standard Version (ESV) e da New Revised Standard Version (RSV).

Direção executiva
Kenneth Lee Davis

Gerência editorial
Fabiano Silveira Medeiros

Edição de texto
Marcia B. Medeiros
Rosa Maria Ferreira

Preparação de texto
Tatiane Souza

Revisão de provas
Gustavo N. Bonifácio

Gerência de produção
Sérgio Siqueira Moura

Diagramação
Sonia Peticov

Capa
André Parker

Adaptação da capa
Vania Carvalho

SUMÁRIO

Prefácio da série 7

Introdução a Romanos 8—16 9

1. Enfrentando o pecado com o Espírito *8.1-13* 13

2. Vivendo como filhos de Deus *8.14-25* 29

3. Enfrentando a vida com confiança *8.26-39* 45

4. A soberania de Deus *9.1-29* 63

5. Nossa responsabilidade *9.30—10.21* 79

6. Deus e Israel *11.1-36* 95

7. Novos relacionamentos: com Deus e a igreja *12.1-8* 113

8. Novos relacionamentos: com amigos e inimigos *12.9-21* 129

9. Novos relacionamentos: como cidadãos do Estado *13.1-14* 144

10. Novos relacionamentos: entre o fraco e o forte *14.1-23* 161

11. Unidade e missão *15.1-33* 178

12. A Deus seja a glória *16.1-27* 195

Apêndice 1 203

Apêndice 2 213

Glossário 234

Bibliografia 238

PREFÁCIO DA SÉRIE

Cada volume da série *A Palavra de Deus para Você* o transporta ao âmago de um livro da Bíblia e aplica as verdades nele contidas ao seu coração.

Os objetivos principais de cada título são:

- estar centrado na Bíblia;
- glorificar a Cristo;
- ter aplicação relevante;
- ser lido com facilidade.

Use *Romanos 8—16 para você...*

... para ler e estudar. Você pode simplesmente percorrê-lo de capa a capa, lendo ou estudando, como um livro que explica e investiga os temas, as exortações e os desafios dessa porção das Escrituras.

... para meditar e se alimentar. Você pode trabalhar o livro como parte de suas devoções pessoais regulares, ou usá-lo em conjunto com um sermão ou uma série de estudos bíblicos da sua igreja. Cada capítulo é dividido em duas seções, com perguntas para reflexão no fim de cada uma delas.

... para ensinar e liderar. Pode usá-lo como recurso no ensino da Palavra de Deus, tanto no ambiente de um pequeno grupo quanto em toda a igreja. Você verá que versículos ou conceitos complicados estão explicados aqui em linguagem simples e encontrará temas e ilustrações úteis, acompanhados de sugestões de aplicações.

Os livros desta série não são comentários. Não pressupõem um entendimento das línguas originais da Bíblia, nem um alto nível de conhecimento bíblico. Palavras de uso mais raro, ou que são usadas de maneira diferente na linguagem do dia a dia

da igreja, são marcadas em VERSALETE quando aparecem pela primeira vez e explicadas em um glossário no fim do volume. Em geral, os substantivos e os adjetivos aparecerão no glossário no masculino e no singular e os verbos na forma não flexionada. Nele você também encontrará detalhes de recursos que poderá utilizar em conjunto com o livro, tanto na vida pessoal quanto na igreja.

Oramos para que, durante a leitura, você seja impactado não só pelo conteúdo de cada livro da série, mas pelo livro que ele está ajudando a expor; e para que você venha a louvar não o autor desta obra, mas Aquele para o qual ela aponta.

CARL LAFERTON
Editor da série

INTRODUÇÃO A ROMANOS 8—16

O livro de Romanos é a explanação mais fundamentada do coração do evangelho e a investigação mais emocionante de como esse evangelho opera em nosso coração.

Os sete primeiros capítulos explicam as verdades maravilhosas do evangelho: a justificação pela fé, a união com Cristo, a salvação somente por meio de Cristo e não por meio das nossas obras. Esses capítulos tratam de tudo isso e em profundidade. Você encontrará sua análise, apreciação e aplicação no primeiro volume deste livro, *Romanos 1—7 para você.*

Em seguida vem a segunda metade do livro. Nos capítulos de 8 a 16, Paulo continuará a responder à questão que propôs nos capítulos de 5 a 7: "Como a fé no evangelho de Cristo leva de fato à transformação na vida real?".

Paulo escreveu para a igreja em Roma por volta de 57 d.C., durante sua terceira viagem missionária, muito provavelmente de Corinto, Grécia. A igreja era composta por judeus e gentios convertidos, que eram cristãos comprometidos, mas jovens. Embora Paulo ainda não os conhecesse pessoalmente, sabia que sua maior necessidade era do evangelho. Contudo, ele não queria que eles o compreendessem apenas, antes desejava que amassem e vivessem o evangelho. O cristianismo não é acima de tudo uma questão de cabeça ou vontade; é uma questão de coração, um coração em que o Espírito Santo habita e que está embebido do evangelho. Esse é o coração que leva à real transformação de pensamento e comportamento.

Em certo sentido, Romanos 8—16 é apresentado em duas seções, cada qual iniciada por um "portanto". Primeiro, em 8.1, Paulo nos diz: "*Portanto*, agora já não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus" (grifo do autor). Esse é um resumo de todo o fundamento da confiança cristã. Para o crente,

nunca pode haver qualquer condenação ou separação de seu pai celestial. Por quê? Em virtude da obra do seu Filho na cruz e da obra do seu Espírito em nosso coração. Como Paulo demonstra nos capítulos de 9 a 11, nossa salvação tem a ver somente com a escolha de Deus, de modo que podemos ser tanto humildes em relação a nós mesmos quanto confiantes em relação a ele.

Segundo, em 12.1,2, Paulo diz: "*Portanto*, irmãos, exorto-vos pelas compaixões de Deus que apresenteis o vosso corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. [...] E não vos amoldeis [...], mas sede transformados pela renovação da vossa mente..." (grifo do autor). Esse é um resumo de toda a vida cristã. A vida do crente deve ser de gratidão. Vivemos para agradar nosso Pai celestial, obedecendo a ele, mesmo que nos custe ou seja inconveniente. O restante de Romanos mostra como podemos nos apresentar "como sacrifício vivo" em todas as áreas de nossa vida.

No século 20, o grande pregador galês D. Martyn Lloyd-Jones escreveu sobre Romanos:

> É uma das maiores entre todas as joias. Alguém disse que em toda a Escritura a pedra ou coleção de pedras mais brilhante, mais reluzente e cintilante é a Carta aos Romanos e que, dentre elas, [o capítulo 8] é a gema mais resplandecente da coleção. O [capítulo de Romanos] mais comovente é esse, o capítulo 8.[1]

Para mim, talvez a parte mais maravilhosa do livro de Romanos se encontre em 8.5, quando Paulo resume como você se transforma de dentro para fora; como você muda de maneira

[1] *Romans chapters 7:1—8:4*, Romans Series (Grand Rapids: Zondervan, 1989), p. 258-9 [edição em português: *Romanos: exposição sobre os capítulos 7:1—8:4: a lei: suas funções e seus limites* (São Paulo: PES, 2001)].

profunda: "... os que vivem segundo o Espírito [pensam] nas coisas do Espírito". Para crescermos em Cristo e sermos transformados em alguém como Cristo, precisamos firmar nossa mente nas coisas espirituais, nas coisas do alto. Precisamos aprender a meditar e a pensar no evangelho até que ele se torne real para o nosso coração e o alicerce de tudo que fazemos.

Sempre acreditei que no coração de Romanos 8 encontra-se o segredo para aplicar de verdade o evangelho ao seu coração a fim de ser transformado de maneira profunda; e o restante de Romanos lhe mostrará como será essa transformação na prática. Minha oração é para que, ao ler a segunda metade dessa carta maravilhosa, seu coração fique tomado de entusiasmo pelo evangelho, sua mente seja moldada pelo evangelho e sua vida, transformada pelo evangelho.

Sempre acreditei que no coração de Romanos 8 encontra-se o segredo para a transformação profunda.

De todas as Escrituras, Romanos talvez seja o livro sobre o qual mais já se escreveu. Costuma ser objeto de discussões tensas, daí a inclusão nos apêndices de um esboço detalhado dos últimos nove capítulos da carta. E os capítulos de 9 a 11 estão entre os mais difíceis de toda a Bíblia, tanto em relação ao entendimento quanto à apreciação; por isso há um apêndice com um tratamento mais extenso da doutrina da eleição soberana de Deus.

Mas esse recurso não pretende ser uma palavra completa ou final sobre a carta. Não se trata de um comentário. Não se aprofunda como faria um comentário, tampouco interage em detalhes com o conhecimento histórico e recente. Trata-se de um guia expositivo, tornando acessíveis as Escrituras e sugerindo como se aplicam a nós hoje.

1. ENFRENTANDO O PECADO COM O ESPÍRITO

Em Romanos 7, Paulo nos mostrou que os cristãos ainda lutam com o PECADO que habita dentro deles. Diz ele: "... não pratico o que quero, e sim o que odeio" (7.15). Todavia, ao mesmo tempo, os cristãos experimentam uma revolução na consciência — um verdadeiro asco pelo pecado e (agora) a incapacidade de encontrar prazer duradouro nele: "... pratico [...] o que *odeio*" (grifo do autor). Esses dois fatos nos mantêm longe tanto do legalismo, que diz: "Os verdadeiros cristãos não lutam mais contra o pecado", quanto da permissividade, que afirma: "Os verdadeiros cristãos são humanos; pecam como qualquer outra pessoa". O Espírito de Deus entrou em nosso "homem interior" e em nosso eu (7.22) e nos transformou de modo que almejemos Deus e a santidade, mas nossa "carne" ou "natureza pecaminosa" ainda é poderosa o suficiente para impedir que façamos o que pedem nossos novos desejos.

Todavia, Romanos 7 não diz tudo sobre a vida cristã. Nossa nova condição — uma "natureza dupla" — pode nos levar a mais aflição, a não ser que andemos "... segundo o Espírito" (8.4). Paulo nos dá orientações sobre como viver no Espírito. Se não atentarmos para isso, haveremos de nos descobrir continuamente praticando o que odiamos.

Nenhuma condenação

Contudo, antes de nos revelar como viver de acordo com o Espírito de Deus, Paulo quer nos mostrar como o Filho de Deus nos deu vida. O versículo 1 começa com um "portanto" — ele poderia estar retomando seções como 3.21-27 (como sugere John Stott) ou os dois capítulos anteriores (posição de Douglas Moo), quando Paulo caracterizou o cristão como alguém em quem o pecado ainda é poderoso, mas cujo "verdadeiro" eu interior é escravo da "... lei de Deus..." (7.25), e que anseia por ser resgatado "do corpo desta morte [...] por Jesus Cristo, nosso Senhor".

Por mais distante que esteja o ponto da carta para o qual Paulo está olhando, a grande verdade de 8.1 é captada por três palavras: "... não há CONDENAÇÃO...". Elas nos falam da nossa posição como cristãos. "Não estar condenado", naturalmente, é uma expressão legal, que significa estar livre de qualquer dívida ou penalidade. Ninguém tem qualquer acusação contra você. Quem está em Cristo Jesus não se encontra debaixo de qualquer condenação de Deus. Paulo já disse a mesma coisa em Romanos 5.16,18.

Isso é tremendo! Significa que Deus não tem nada contra nós! Ele não encontra falha alguma em nós. Não encontra nada pelo que nos castigar.

Contudo, a frase que Paulo usa não é simplesmente que os cristãos "não estão condenados". O significado dessa frase é muito mais forte. Ele afirma que, para os cristãos, não existe condenação alguma. Ela não existe para nós. Não é que tenhamos saído de debaixo dela por algum tempo, mas que ela possa voltar. Não; não há *absolutamente* nenhuma condenação para nós — isso não existe mais.

Não há *absolutamente* nenhuma condenação para nós — isso não existe mais.

O motivo pelo qual é importante mencionar esse fato é que muitos pensam que o cristão está isento de condenação apenas em caráter temporário. Querem restringir o significado dessa frase ao nosso passado ou ao nosso passado e presente. Mas Paulo está sendo categórico ao dizer que a condenação não mais existe de modo nenhum para o crente. Ela não está esperando nos bastidores para voltar e obscurecer nosso futuro!

Muitos creem que os cristãos que confessam o pecado e passam a levar uma vida correta estão perdoados e, naquele momento, não estão condenados. Mas acreditam que, caso eles pequem, voltam a ficar debaixo da condenação até confessarem e se arrependerem de novo. Em outras palavras, se pecar, o cristão estará de novo debaixo de condenação e poderá se perder caso morra nessa condição. Se isso fosse verdade, então os cristãos seriam pessoas sempre se movendo para a frente e para trás, dentro e fora da condenação.

Todavia, essa visão não se ajusta em nada com a abrangência e a intensidade da declaração de Paulo. Ele é bastante literal ao dizer que a condenação em si mesma não mais existe para nós: "... não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus" (8.1). Desse modo, no momento em que vamos a Cristo Jesus, a condenação desaparece para sempre. *Não há* mais condenação alguma para nós — ela se foi. *Nunca mais pode haver* condenação para nós. Não há nada além de aceitação e boas-vindas para nós!

O problema do esquecimento

O grande pregador galês do século 20 D. Martyn Lloyd-Jones disse: "A maior parte dos nossos problemas se deve ao nosso fracasso em entender a verdade desse versículo". O que acontece se nos esquecermos de que "... agora já não há condenação"...?

Por um lado, sentimos muito mais culpa, indignidade e dor do que deveríamos. Disso pode vir uma compulsão pela necessidade de "provarmos" quem somos; grande sensibilidade

à crítica, uma atitude defensiva; falta de confiança nos relacionamentos; falta de confiança e alegria na oração e na adoração; e até um comportamento dependente, talvez em reação a um profundo senso de culpa e indignidade.

Por outro lado, teremos bem menos motivação para levar uma vida SANTA. Contamos com bem menos recursos para exercer o autocontrole. Cristãos que não compreendem esse "não há condenação" só obedecem por medo e obrigação, o que não é uma motivação nem de perto tão poderosa quanto o amor e a gratidão. Se não compreendermos toda a maravilha do "não há condenação alguma", talvez entendamos cada uma das palavras do restante de 8.1-13, mas o sentido da passagem nos escapará por completo! Lloyd-Jones resumiu o problema com uma ilustração prática:

> A diferença entre o incrédulo que peca e o cristão que peca é a mesma diferença entre o homem que transgride as leis do [...] Estado e [...] o marido [que] fez algo que não deveria no relacionamento com a mulher. Ele não infringe uma lei, mas magoa o coração da esposa. Essa é a diferença. Não se trata mais de uma questão legal, é uma questão de relacionamento pessoal e [...] de amor. O homem não deixa de ser marido [em sentido legal, no exemplo]. A lei não tem nada que ver com o assunto [...] Em certo sentido, o problema agora é muito pior do que uma condenação legal. Eu preferiria violar uma lei da terra que me é objetivamente exterior do que magoar alguém a quem eu amo [...] [Nesse caso] você pecou, claro, mas contra o amor [...] [portanto] você pode e deve se sentir envergonhado, mas não condenado, pois isso seria colocar-se outra vez "debaixo da lei".[1]

[1]*Romans chapters 7:1—8:4*, Romans Series (Grand Rapids: Zondervan, 1989), p. 271-2 [edição em português: *Romanos: exposição sobre os capítulos 7:1—8:4: a lei: suas funções e seus limites* (São Paulo: PES, 2001)].

Nenhuma escravidão

O versículo 1, então, lembra-nos do argumento central de Romanos 1—7: não há condenação alguma pelo pecado para os que creem. O versículo 2 explica um segundo aspecto da vitória divina, em nosso favor, sobre o pecado — agora tampouco há ESCRAVIDÃO alguma. "Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus..." (v. 2) — por meio da fé nele — "... te livrou da lei do pecado e da morte". Como vimos em Romanos 7 (veja *Romanos 1—7 para você*, p. 186-7), Paulo usa a palavra "lei" com o sentido de:

(a) leis ou padrões de Deus;
(b) um princípio geral;
(c) uma força ou poder.

Assim, em 8.2, parece muito claro que "a lei" tem o terceiro sentido. O Espírito Santo vem para nos libertar da escravidão ao pecado dentro do nosso coração. Portanto, o versículo 1 nos diz que somos libertos da condenação legal do pecado; o versículo 2, que estamos sendo libertos do poder real do pecado. Em outras palavras, a salvação lida com nossa culpa legal (v. 1) e com nossa corrupção interior (v. 2).

Algumas pessoas se perguntam sobre a relação entre os versículos 1 e 2. Basicamente, Paulo declara: "Não há condenação alguma para os cristãos porque o Espírito Santo nos liberta do pecado". Isso poderia ser lido de modo a dar a entender que nossa SANTIFICAÇÃO pelo Espírito Santo é a causa ou o alicerce da nossa JUSTIFICAÇÃO — ou seja, ao lutarmos contra o pecado e obedecermos a Deus é que ficamos quites com ele.

Porém, até esse ponto, Romanos inteiro nega isso. Aliás, é provável que Paulo esteja dizendo: "Sabemos que a condenação não nos alcança porque Deus enviou o Espírito Santo à nossa vida para nos libertar do pecado".

Como Deus fez isso

Nos versículos 3 e 4, Paulo nos mostra como Deus realizou os dois aspectos da salvação (nenhuma culpa, nenhuma escravidão). Em primeiro lugar, ele enviou seu Filho para se tornar humano ("... em semelhança da carne do pecado...", v. 3) e uma oferta pelo pecado. Em outras palavras, a morte de Cristo derrota o pecado legalmente, pagando a dívida. Em segundo lugar, Deus fez isso não apenas para derrotar o pecado em sentido legal, mas para extirpá-lo de fato da nossa vida: "para que a justa exigência da lei se cumprisse em nós, que [...] [vivemos] segundo o Espírito" (v. 4). A obra do Espírito Santo em nós capacita-nos a obedecer à lei (embora nunca com perfeição, por conseguinte, nunca de um modo que contribua para nossa salvação nem que a comprometa). O grande pastor britânico John Stott explicou assim:

> Somos libertos da lei como forma de aceitação, mas obrigados a guardá-la como caminho de santidade. Como fundamento da justificação a lei não mais nos aprisiona [...]. Mas como padrão de conduta a lei ainda nos restringe, e buscamos cumpri-la ao caminharmos de acordo com o Espírito.[2]

Tudo que Cristo fez em nosso favor foi a fim de que pudéssemos ter uma vida santa.

Mas por que Deus enviou seu Filho para suportar nossa condenação e enviou seu Espírito para quebrar nossa escravidão? O versículo 4 nos conta que tudo o que Cristo fez em nosso favor — sua ENCARNAÇÃO ("... enviando o seu próprio Filho em semelhança da

[2]*Men made new: an exposition of Romans 5—8* (Downers Grove: IVP, 1966), p. 82-3 [edição em português: *A mensagem de Romanos 5—8: homens novos* (São Paulo: ABU, 1988)].

carne do pecado..." v. 3), sua morte e sua ressurreição — foi a fim (com o propósito) de que pudéssemos ter uma vida santa. Esse argumento é incrível. Aquilo para o que Jesus vive, o propósito de sua vida inteira, é tornar-nos santos, satisfazendo "... a justa exigência da lei..." (v. 4). Esse é o maior motivo possível para viver uma vida santa. Sempre que pecamos, acabamos por frustrar o objetivo e o propósito da vida, da morte e do ministério inteiros de Jesus Cristo! Se isso não funciona como incentivo para levar uma vida santa, nada o fará.

A mente é importante

No restante dessa seção (na verdade, no restante do capítulo), Paulo irá se concentrar no segundo grande benefício de estar "em Cristo" — vencer o pecado em nossa vida. Afinal de contas, como ele mostrou em detalhes profundos no capítulo 7, não só inexiste esperança de salvação para nós em nós mesmos, como tampouco há esperança de obediência para nós em nós mesmos. Para que haja qualquer mudança real, não podemos depender dos nossos esforços, mas apenas, como Paulo explica agora, da obra do Espírito.

Como vencemos o pecado com o Espírito? Ou, em outras palavras, como vivemos "... segundo o Espírito..." (8.5), do modo que nosso homem interior realmente deseja (7.22)? As pessoas que fazem isso são aquelas que "... pensam [...] nas coisas do Espírito" (8.5). Paulo diz que a conexão entre viver e pensar é estreita. Literalmente, afirma: "Para aqueles que vivem de acordo com a carne o que importa são as coisas da carne, mas para aqueles que vivem de acordo com o Espírito o que importa são as coisas do Espírito". Em outras palavras, aquilo em que você firmou sua mente determina seu estilo de vida e personalidade. O que significa considerar algo importante ou "firmar a mente" em determinada coisa? Considerar algo importante para nós é mais do que "pensar" nisso. Significa

concentrar a atenção em algo com intensidade, preocupar-se com esse assunto, ter a imaginação cativa em relação a ele.

William Temple, arcebispo da Cantuária no século 20, certa vez ensinou: "Sua religião é o que você faz com sua solidão". Ou seja, onde quer que a mente vá com maior naturalidade e liberdade quando não há mais nada que a distraia — é para isso que você vive de fato. Eis a sua religião. Sua vida é moldada seja lá pelo que for que preocupe sua mente. A derrota do pecado em nossa vida começa na nossa mente, e a vitória sobre o pecado nada mais é que o resultado de ter a mente firmada no Espírito.

Perguntas para reflexão

1. Você já se sentiu debaixo de condenação? O que o faz sentir-se assim e como você se certificará de lembrar que "não há condenação alguma" da próxima vez?
2. De que forma(s) saber que o ministério de Jesus teve como objetivo santificá-lo o motivará a viver de modo diferente hoje?
3. O que você faz quando está só? Como firmará os pensamentos no evangelho hoje?

SEGUNDA PARTE

As coisas do Espírito

Uma batalha bem-sucedida contra o pecado começa por pensar "... nas coisas do Espírito" (8.5). Não é o mesmo que simplesmente pensar em religião o tempo todo ou na TEOLOGIA em geral. As "coisas" do Espírito seriam aquilo para as quais o Espírito chama nossa atenção; considerar o Espírito importante seria preocupar-se com as coisas que preocupam o Espírito.

Que coisas são essas? No restante do capítulo 8, veremos que o Espírito vem para nos mostrar que somos filhos e filhas

do Senhor. Exploraremos mais a ideia no próximo capítulo, mas vale a pena ver aqui que as "coisas" ou verdades que o Espírito quer que consideremos importantes são:

- O versículo 14 nos dirá que "... todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus".
- Os versículos 15 e 16 nos ensinarão que o Espírito afasta o medo da rejeição e nos assegura que somos filhos amados de Deus.
- Os versículos 26 e 27 nos dirão que o Espírito nos dá confiança para nos aproximar de Deus em oração.

Em outras palavras, o restante de Romanos 8 nos ensina que o Espírito está preocupado com a maneira pela qual somos adotados, amados e acolhidos em Cristo.

Uma passagem análoga é Colossenses 3.1-3: "Já que fostes ressuscitados com Cristo, buscai as coisas de cima, onde Cristo está assentado [...] a vossa vida está escondida com Cristo em Deus". Aqui, Paulo nos diz para nos preocuparmos com "as coisas de cima": precisamos nos lembrar de que fomos ressuscitados com Cristo e somos aceitos nele diante de Deus. O Espírito Santo não é mencionado aqui, mas o princípio é o mesmo. Devemos nos preocupar com nossa posição em Cristo. Temos de inculcar em nossa mente e coração seu amor e adoção. Pensar "... nas coisas do Espírito" (Rm 8.5) quer dizer nunca nos esquecermos de nossa posição privilegiada ou do fato de que somos amados e deixar essa ideia dominar nosso pensamento, nossas perspectivas e, por conseguinte, nossas palavras e atos.

Pensar "... nas coisas do Espírito" (Rm 8.5) quer dizer nunca nos esquecermos de nossa posição privilegiada.

Todos se importam com alguma coisa

Em última análise, Paulo diz, todos se importarão com alguma coisa — ou nos preocuparemos com as coisas do Espírito, ou com "... a natureza pecaminosa..." (v. 5, NIV). "Natureza pecaminosa" é como a NIV de 1984 traduz o termo grego *sarx* — a ESV e a NIV de 2011 (assim como a A21) traduzem por "carne". São os desejos e as orientações dos nossos sentidos, uma COSMOVISÃO que é mundana em vez de divina e autocentrada em vez de focada em Cristo.

Aquilo que interessa à mente controla a vida — e se um interesse resulta em morte, o outro resulta em vida e paz (v. 6). Está claro que quem não tem o Espírito de Deus, e, portanto, não é cristão (v. 9b), enfrenta a morte eterna da justa condenação de Deus. Entretanto, Paulo não tem em vista aqui simplesmente ou acima de tudo a vida futura e a morte. Pelo contrário, ele está se referindo à ruína e ao senso de perturbação experimentados nesta vida por aqueles que "... pensam nas coisas da carne..." (v. 5). Deus criou a humanidade para crescer no relacionamento com ele, desfrutando do seu conhecimento enquanto vivemos em seu mundo. Assim, sermos controlados por nossos desejos em vez de deixar que os desejos dele nos controlem só pode levar a uma vida muito distante de como ela deve ser. Isso deve levar ao conflito (interno e com os outros) em vez de levar à paz, levar à escravidão em vez de levar à liberdade (veja Rm 6) e à morte em vez de à vida.

Podemos tomar qualquer emoção negativa e analisar o processo. Digamos que eu esteja ficando preocupado ao extremo com determinada coisa. A preocupação é inevitável a menos que você seja uma pessoa que não se importa com nada, indiferente. Se você se importa com causas, pessoas ou objetivos, haverá de se preocupar e ter receios. Todavia, se a preocupação se torna DEBILITANTE, é porque estou me esquecendo de que sou filho de Deus e de que meu Pai celestial só exerce seu controle sobre

o universo de modo que revele amor aos que lhe pertencem. Afligir-se em demasia é esquecer as "... coisas do Espírito".

Outro exemplo é quando a culpa e o senso de indignidade nos dominam. Um sinal disso é quando tomamos para nós coisas demais, quando assumimos um número esmagador de responsabilidades, porque tentamos "saldar" nosso pecado ou "compensá-lo" de alguma forma. Nesse caso, também nos esquecemos das "... coisas do Espírito". Como diz 1João 3.20: "... se o coração nos condena, Deus é maior que nosso coração...". Se nos lembramos de que somos filhos adotados, apelamos para quem nos é superior quando nos sentimos indignos.

Inimiga de Deus

Romanos 8.7 é simples e pungente: "A mentalidade da carne é inimiga de Deus...". A mente não é terreno neutro e não pode amar uma preocupação sem rejeitar a outra. Quando "... voltada para o que a carne deseja..." (v. 5, NVI), também deve tratar Deus e os desejos do seu Espírito como inimigos. Por isso nossa mente é incapaz por natureza de lidar com o pecado. Podemos perceber que determinado impulso é inútil ou que certo curso de ação é destrutivo. Podemos até resolver excluí-los e ser bem-sucedidos nisso. Mas a raiz do pecado continua implantada em nossa mente — a inimizade contra Deus. Assim, o pecado ainda se desenvolverá sem controle em nossa vida.

E essa inimizade nos torna incapazes de agradar a Deus. O versículo 8 é uma declaração igualmente surpreendente: "Os que vivem na carne não podem agradar a Deus". Entregues a nós mesmos, somos totalmente incapazes de viver de modo a levar nosso Criador a nos aprovar. Por quê? Porque a mente que dirige as ações age por inimizade contra ele. A pessoa controlada pela própria carne é capaz de ter uma ideia boa ou de realizar um ato correto. Contudo, nada disso pode agradar a Deus, uma vez que foi pensado ou efetivado em inimizade contra ele.

Aqui está uma ilustração que ajuda bastante: um homem alistado em um exército rebelde pode se sentir responsável junto aos companheiros, manter o uniforme em ordem e assim por diante. Tudo isso é "bom" — mas feito em inimizade ao governante legítimo. Jamais seria de se esperar que tal governante ouvisse falar da diligência ou da generosidade desse rebelde e se sentisse satisfeito com sua conduta durante a rebelião!

No entanto, nada disso precisa ou deve obrigatoriamente ser o modo de "vocês" — os cristãos — viverem (v. 9). Todo cristão está sob domínio "... não [...] da carne, mas do Espírito...", já que o Espírito vive em todos os que pertencem a Cristo. Quando recebemos a Cristo e tornamo-nos justos aos olhos de Deus, o Espírito Santo entrou em nós e nos tornou vivos em termos espirituais. O cristão tem um corpo decadente (v. 10), mas também usufrui de um espírito, a mente, que está vivo.

E, Paulo afirma, não apenas nosso espírito/mente não deve seguir nossa carne agora, como um dia nossa carne seguirá nosso espírito. No pensamento grego, o físico era mau, devia ser rejeitado e, se tudo desse certo, um dia ficaria para trás; o espiritual era bom, a ser abraçado. O versículo 11 derruba tudo isso: "... aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos há de dar vida também aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito, que em vós habita". Um dia, até nosso corpo será renovado por inteiro e receberá vida eterna do Espírito. Não há aqui nenhum dualismo (corpo ruim, espírito bom) — um dia, ambos serão aperfeiçoados.

Por enquanto, contudo, ainda há dentro de nós a natureza pecaminosa remanescente, que é hostil e INAMISTOSA em relação a nossa crescente vida espiritual. E, ao mesmo tempo que ansiamos por receber vida para nosso corpo (v. 11), devemos "... [mortificar] as práticas do corpo..." (v. 13 — o final desse versículo é mais bem compreendido como o término de uma oração, diferentemente do que está na NIV). Como argumenta John

Stott, é provável que Paulo esteja ainda se referindo a uma experiência de vida e morte agora — não no futuro. Ele diz aqui: "Se você deixar a natureza pecaminosa remanescente em paz — se der permissão à carne de prosperar e crescer —, haverá problemas terríveis. Em vez disso, você deve, pelo Espírito, atacá-la e fazê-la morrer. Quanto mais matar a carne, mais você desfrutará da vida espiritual que o Espírito Santo dá — vida e paz" (v. 6).

Mortificação

Esse processo de "fazer morrer" é o que os antigos teólogos costumavam chamar de "mortificação". É como a antiga versão King James traduz o versículo: "... se pelo Espírito mortificardes as práticas do corpo, vivereis" (v. 13).

O que então os versículos 12 e 13 nos falam sobre o que é a mortificação, e como a exercitamos? Em primeiro lugar, significa uma resistência inclemente e corajosa à prática do pecado. Até o termo grego traduzido por "mortificardes", *thanatoute*, é violento e definitivo. Significa rejeitar por completo tudo que sabemos ser errado; declarar guerra contra atitudes e comportamentos errados — não lhes conceder nenhum abrigo, não fazer nenhum prisioneiro, envidar todos os esforços.

Isso quer dizer que o cristão não brinca com o pecado. Seu objetivo não é ir abandonando-o aos poucos ou dizer: "Sou capaz de mantê-lo sob controle". Você se coloca o mais longe possível dele. Não apenas evita aquilo que sabe ser pecado; você evita tudo que leva ao pecado, e até o que for duvidoso. É uma guerra!

Em segundo lugar, significa mudar a motivação para o pecado ao lembrar-se de aplicar o EVANGELHO. Esse processo de "mortificação" se aprofunda mais do que a mera resistência ao comportamento pecaminoso. Ele analisa as motivações do coração. O versículo 12 diz: "Portanto, irmãos, temos uma obrigação, mas não para com a natureza pecaminosa" (NIV).

Essa é uma declaração crítica. "Portanto" refere-se à afirmação anterior, em que Paulo nos conta que fomos redimidos pela justiça de Cristo e que um dia seremos libertos por completo de todo mal e dor na ressurreição do corpo. Em seguida Paulo diz: "Portanto, [...] temos uma obrigação..." Algumas versões traduzem de modo diferente: "... somos devedores, não à carne..." (NRSV). Paulo quer dizer que, se nos lembrarmos do que Cristo fez e fará em nosso favor, sentiremos as obrigações do amor e da gratidão de servi-lo e conhecê-lo.

Paulo está dizendo que o pecado só pode ser extirpado pela raiz se nos expusermos o tempo todo ao amor inimaginável de Cristo por nós. Essa exposição estimula uma onda de gratidão e o sentimento de estar em dívida. O pecado só pode se desenvolver no solo da autopiedade e da valorização dos meus direitos. "Não estão me dando um tratamento igualitário! Não estou tendo minhas necessidades satisfeitas! Tenho levado uma vida dura! Deus me deve; as pessoas me devem; eu me devo!" Essa é a atitude central por trás da valorização dos meus direitos. No entanto, diz Paulo, você precisa lembrar-se de que é devedor. Banhar-se na recordação da GRAÇA de Deus afrouxará, enfraquecerá e matará o pecado no nível da motivação.

O pecado só pode se desenvolver no solo da autopiedade e da valorização dos meus direitos.

Portanto, "... mortificardes..." (v. 13) é apenas um subconjunto das "... coisas do Espírito" (v. 5). A mortificação faz murchar o poder do pecado sobre você, levando-o a concentrar-se de tal modo na redenção de Cristo que seu coração se suaviza com gratidão e amor, o que o leva a odiar o pecado em si, de modo que ele perde o poder de atração em sua vida.

Em suma, então matamos o pecado no Espírito quando damos as costas impiedosamente às práticas pecaminosas *e*

expulsamos de nosso coração as motivações pecaminosas com um senso de nossa dívida para com o amor e a graça, ao nos preocuparmos com as coisas do Espírito.

Pregando a graça para nossa mente

Isso quer dizer que, se falamos seriamente acerca de mortificar as práticas do corpo (e os versículos 6 e 13 devem oferecer motivação suficiente para levar isso a sério!), precisamos pregar minissermões centrados na graça para nós mesmos ao longo do dia, em especial quando tentados.

Lembre-se, sua vida é uma expressão de sua mente (v. 5). Muitos cristãos tentam controlar-se com minissermões centrados na lei. Dizemos para nós mesmos coisas do tipo: "Se fizer isso, Deus vai me castigar; é contra meus princípios cristãos; prejudicará as pessoas a minha volta; vou me sentir constrangido; vai ferir minha autoestima; vou me odiar pela manhã". Tudo isso ou parte disso pode ser verdade — mas Paulo nos diz que tal postura não é adequada! Nada disso elimina o pecado. Equivale a aplicar a lei à sua tentação e usar o medo para se conter.

Temos de aplicar a lógica do evangelho a nós mesmos, isso sim. "Veja o que Deus fez por mim! É assim que respondo a ele?" Devemos aplicar o evangelho às nossas tentações e encontrar o amor de Deus por nós, ao enviar seu Filho à cruz e seu Espírito ao nosso coração, mostrando-nos a perversidade desse pecado, motivando-nos a amar nosso Salvador e afastando nosso desejo de viver de acordo com a carne.

O pastor puritano John Owen pregava o evangelho ao próprio coração desta forma:

> O que foi que eu fiz? Que amor, misericórdia, sangue, graça desprezei e pisoteei? Essa é minha retribuição ao Pai por seu amor, ao Filho por seu sangue, ao Espírito Santo por sua

> graça? É assim que pago ao Senhor? Denegri o coração que Cristo morreu para lavar? [...] O que posso dizer ao querido Senhor Jesus? [...] Dou tão pouco valor à comunhão com ele? [...] Será que me empenharei em frustrar [o exato propósito] da morte de Cristo?[3]

Perguntas para reflexão

1. Você consegue pensar em maneiras pelas quais já experimentou ou está experimentando a "morte" que é o esquecimento das coisas do Espírito? E a "vida e paz" de habitar nelas?
2. Existe um pecado com o qual você anda "brincando" em vez de procurar mortificá-lo?
3. Como você precisa pregar a graça para si mesmo hoje?

[3]"On the mortification of sin in believers", in: *Temptation and sin* (Grand Rapids: Zondervan, 1958).

2. VIVENDO COMO FILHOS DE DEUS

Se quisermos entender quem é o cristão e por que ser cristão é um privilégio, precisamos compreender o significado da adoção divina. Precisamos começar a entender a magnitude das declarações de Paulo de que "... os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (8.14) e que "... somos filhos de Deus" (v. 16).

> A ideia de que somos filhos, seus próprios filhos e filhas [...] é a mola mestra da vida cristã [...]. Nossa condição de filhos de Deus é o auge da criação e o objetivo da redenção.[1]

A adoção era um procedimento legal muito mais habitual na sociedade romana do que na cultura hebraica ou no Oriente Próximo. Paulo, como cidadão romano, devia estar familiarizado com ela. A adoção costumava acontecer quando um adulto abastado não contava com herdeiros para seus bens. Ele então adotava alguém como herdeiro — podia ser uma criança, um jovem ou um adulto. No momento em que a adoção ocorria, várias coisas se tornavam verdadeiras de imediato em relação ao novo filho. Em primeiro lugar, suas antigas dívidas e obrigações legais eram saldadas; em segundo lugar, ele recebia um novo nome e se tornava instantaneamente herdeiro de tudo que o pai possuía; em terceiro lugar, seu novo pai passava a ser na mesma hora responsável por

[1]Sinclair Ferguson, *Children of the living God* (Edinburgh: Banner of Truth, 1989), p. 5-6.

seus atos (suas dívidas, seus crimes etc.); porém, em quarto lugar, o novo filho também tinha as novas obrigações de honrar e satisfazer o pai. Tudo isso está por trás dessa passagem.

Ao longo desse trecho de Romanos, os cristãos são chamados três vezes de *huioi* ("filhos" do sexo masculino) de Deus (v. 14,15,19) e outras três vezes de *teknon* (também traduzido por "filhos", no sentido de filhos e filhas) de Deus (v. 16,17,21). Hoje em dia, a linguagem neutra de gênero ou inclusiva está começando a ser considerada mais apropriada ("filhos e filhas"), e referir-se a homens e mulheres com um termo masculino (como "filhos") é considerado falta de sensibilidade. Ao estudar essa passagem, alguns podem expressar tal preocupação. Mas não devemos tentar corrigir as Escrituras. É verdade que em Roma a condição de "filho" (do sexo masculino) era um status que denotava privilégio e poder concedido apenas aos homens. No entanto, Paulo agora comete a TEMERIDADE de aplicar a palavra a nós — todos os que creem! Isso mostra que Deus não faz distinção ao atribuir honra. Todos os cristãos, homens e mulheres, são seus herdeiros. Era uma atitude SUBVERSIVA da parte de Paulo pegar uma instituição exclusivamente masculina e mostrar que, em Cristo, a instituição da "outorga de poder pela adoção" é aplicada tanto a mulheres quanto a homens, sem distinção. As mulheres cristãs não deveriam se ressentir de serem chamadas de "filhos" mais do que os homens cristãos deveriam se ressentir de serem considerados parte da noiva de Cristo (Ap 21.2). Os cristãos são todos filhos e noiva — Deus é imparcial no uso de METÁFORAS! E cada metáfora nos conta alguma coisa sobre nosso relacionamento com Cristo.

Quem são os filhos de Deus

O que nos torna um filho de Deus? Romanos 8.14 é claro — ter o Espírito de Deus: "... todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus". Em outras palavras, Paulo está

dizendo: "A categoria daqueles que têm o Espírito constitui a categoria daqueles que são filhos de Deus". Todos que têm o Espírito são adotados pelo Pai, e ninguém adotado pelo Pai deixará de ter o Espírito Santo ou de ser guiado por ele.

Muitos pretendem imaginar que ser "... guiados pelo Espírito..." significa o Espírito nos ajudando a tomar decisões — conduzindo-nos na escolha da esposa certa, do emprego certo, do local de moradia certo etc. Mas isso é fazer vista grossa para a conexão extremamente íntima do versículo 14 com o 13. Na NIV, o versículo 14 é uma continuação da frase que começa no versículo 13. No grego, o versículo 14 é uma nova frase, mas na verdade ela começa com a palavra *gar* ("porque"), vinculando o que Paulo está prestes a falar com o que acaba de dizer. No versículo 13 ele ensina que, com o Espírito realmente podemos triunfar sobre o pecado em nosso interior. A seguir, explica por que esse grande poder — o poder sobre o pecado — está à nossa disposição. É porque somos filhos de Deus. Portanto, ser "... guiados pelo Espírito..." deve ser a mesma coisa que "... [mortificar] as práticas do corpo..." do versículo 13. Em outras palavras, somos guiados para odiar as coisas que o Espírito odeia (o pecado) e amar as coisas que ele ama (Cristo). Assim, somos guiados pelo Espírito.

O versículo 14 é claro: se o Espírito de Deus não entrou em você, filho de Deus você não é, nem tampouco pertence a Cristo (v. 9). Isso é útil, pois nos lembra de que a "equação" opera no outro sentido também: se você, pela fé, pertence a Cristo, é filho de Deus e tem seu Espírito. As três declarações são inseparáveis — ou são todas verdadeiras, ou nenhuma é.

Se você, pela fé, pertence a Cristo, é filho de Deus e tem seu Espírito. As três declarações são inseparáveis.

O versículo 15 enfatiza isso — cristãos são pessoas que receberam "... o Espírito de adoção...". A palavra "adoção", *huiothesias*, tem o significado literal de "filiar" (tornar filho do sexo masculino), de modo que é correto o emprego de "adoção", como na ESV (e na A21). A imagem de "adoção" nos diz que ninguém nasce já em um relacionamento verdadeiro com Deus. O fato de que "recebemos" nosso status de filhos prova que houve um tempo em que estávamos perdidos; não somos filhos naturais de Deus. Isso significa que essa relação Pai/filho com Deus não é automática. Na origem, éramos órfãos e escravos espirituais.

Em segundo lugar, a imagem de "adoção" nos diz que nosso relacionamento com Deus se baseia inteiramente em um ato legal do Pai. Não se "conquista" nem se "negocia" um pai. A adoção é um ato legal da parte do pai — bastante dispendiosa apenas para ele. Não há nada que o filho faça para conquistar ou fazer por merecer esse status. Ele é recebido e ponto final.

É importante ver a clareza desse ensinamento porque hoje é comum ouvir pessoas falarem que "todos os seres humanos são filhos de Deus", já que Deus os criou a todos. É verdade que, em Atos 17.29, Paulo chama todos os seres humanos de "geração" de Deus. O termo grego, no entanto, é *genos,* que tem mais ou menos o sentido de "descendentes". Por esse mesmo sentido, poderíamos chamar Henry Ford de "pai" do carro Modelo T. Mas a Bíblia é enfática ao reservar toda a riqueza do termo "filhos de Deus" só para aqueles que receberam Cristo como Salvador e Senhor: "Mas a todos *que o receberam*, aos que creem no seu nome, deu-lhes a prerrogativa de se tornarem filhos [*tekna*] de Deus" (Jo 1.12, grifo do autor). A filiação é conferida àqueles que o recebem. Ninguém a tem naturalmente exceto Jesus Cristo.

Os privilégios da condição de filhos

Paulo agora estabelece, em Romanos 8.15-17, sete privilégios de tirar o fôlego que os crentes possuem como filhos adotivos de Deus. Cada um deles é maravilhoso, digno de se parar, MEDITAR e apreciar. Por ora, vamos analisar os quatro primeiros (v. 15,16).

- *Confiança.* Não devemos temer, mas desfrutar da condição de filho (veja v. 15a). O empregado ou o servo basicamente obedece por medo de ser castigado, ficar sem emprego etc. Mas o relacionamento filho/pai não é caracterizado pelo medo de perda dessa relação.
- *Autoridade.* Temos o status não de "escravo", mas de "filhos" (v. 15a, NVI). Em uma casa, os escravos não detêm nenhuma autoridade. Só podem fazer o que lhes é ordenado. Mas, abaixo dos pais, os filhos têm autoridade na casa — não são meros servos. Aos filhos de Deus é dada autoridade sobre o pecado e o demônio. Devem andar pelo mundo sabendo que este pertence a seu Pai. Devem transmitir confiança e equilíbrio. Os filhos têm a honra do nome da família. Há um novo status maravilhoso conferido a nós.
- *Intimidade.* "Espírito [...] pelo qual clamamos: Aba, Pai!" (v. 15b). Precisamos conhecer o termo original aqui. "Abba" era uma palavra em ARAMAICO mais bem traduzida por "papai" — uma expressão da maior intimidade. A criança pequena nem sempre (ou quase nunca) trata o pai por "Pai"; é provável que ela tenha um termo diferente para a figura paterna que demonstre sua familiaridade amorosa e confiante com o seu pai, como "paizinho" ou "papis" ou "papai". E é assim que os cristãos podem se achegar ao Criador todo-poderoso

> "Papai". É assim que os cristãos podem se achegar ao Criador todo-poderoso do universo!

do universo, que sustém cada átomo existente momento a momento!

Vale a pena citar aqui um trecho mais longo de Martyn Lloyd-Jones:

> "Aba" [era uma] palavra balbuciada pelas crianças pequenas. Observemos o termo "clamamos" em: "... clamamos: Aba, Pai!". Ele é muito forte, e está claro que o apóstolo empregou-o deliberadamente. Significa "exclamar fortemente" [...] expressando profunda emoção. O que então ele sugere? Obviamente [...] um conhecimento real de Deus. Ele não é mais um Deus distante para nós. Não é um mero Deus em quem cremos apenas intelectual, teológica, teórica e DOUTRINARIAMENTE. De forma alguma isso é possível para alguém que não é filho de Deus. [Nossa] adoração e oração são espontâneas; trata-se da espontaneidade da criança que vê o pai [...] e não só espontaneidade, mas confiança.[2]

- *Segurança.* "O próprio Espírito dá testemunho com nosso espírito de que somos filhos de Deus" (v. 16 NIV). Quando clamamos a Deus como "Aba", o Espírito de Deus de algum modo se coloca ao nosso lado ("... com nosso espírito...") e nos dá a garantia de que pertencemos de verdade à família de Deus. Existe muito debate quanto à natureza desse "testemunho", mas parece ser um testemunho interior no coração, a consciência de um: "Sim, ele me ama de fato".

[2]*Romans chapter 8:5-17*, Romans Series (Grand Rapids: Zondervan, 1989), p. 240-2 [edição em português: *Romanos: exposição sobre o capítulo 8:5-17: os filhos de Deus* (São Paulo: PES, 2002)].

Paulo está respondendo à pergunta: "Como sabemos que somos filhos de Deus?". Essa é uma grande reivindicação — como temos certeza de que é verdadeira? Paulo diz que o Espírito dá testemunho ou testifica junto ao nosso espírito de que somos dele. A palavra grega traduzida como "dar testemunho" é *martyria* (de onde vem o termo "mártir"). Originalmente a palavra significava uma testemunha abalizada que resolvia um caso difícil e dava uma solução acima de qualquer suspeita. O quadro que Paulo está pintando se parece mais ou menos com o seguinte: há um julgamento se desenrolando e a ré está sendo acusada de um crime. Parece haver evidências contra ela e evidências a favor de sua declaração de inocência. Então, de repente, a defesa entra com uma nova testemunha capaz de provar ter estado na cena do crime! A testemunha diz: "Eu estava lá, e ela (a ré) não estava. Ela é inocente!". Essa pessoa "dá testemunho" da ré. Diz a mesma coisa que ela e estabelece o veredito acima de qualquer suspeita.

Veja bem, Paulo afirma que nosso espírito já está dando testemunho: "O Espírito dá testemunho com nosso espírito" (NIV). Isso quer dizer que já temos a evidência de que somos cristãos. Sabemos que confiamos em Cristo. Temos suas promessas. Vemos nossa vida ser transformada e crescer. Todas essas provas levam nosso "espírito" — nosso coração — a ter uma medida de confiança de que somos dele de fato. Todavia, Paulo diz que o Espírito pode se aproximar de nós e, além de tudo que vemos, "dar testemunho". Isso parece se referir a um testemunho direto do Espírito em nosso coração. É provável que se trate de uma consciência da presença imediata de Deus e de seu amor que às vezes nos sobrevém (algo de que Paulo já falou lá atrás em 5.5). Não sentimos isso o tempo todo, ou mesmo com frequência; e pode não ser uma sensação muito forte. Entretanto, haverá ocasiões em que, ao clamarmos ao Aba, haveremos de nos descobrir profundamente seguros de que ele é de fato *nosso* Aba. Isso é

obra do Espírito, dando testemunho de nós e para nós de que somos de fato filhos do Deus vivo.

Perguntas para reflexão

1. Você pertence a Cristo pela fé nele? Caso contrário, o que o está impedindo de se aproximar dele como seu Senhor e Salvador?
2. Se você é filho de Deus, que aspecto da sua adoção mais o faz vibrar hoje?
3. Que diferença esse aspecto fará para seus pensamentos, prioridades ou comportamento hoje?

SEGUNDA PARTE

O filho de Deus sabe o que é ter confiança, autoridade, intimidade e segurança. Romanos 8.17 estabelece mais três privilégios da adoção divina.

Herança, disciplina e semelhança familiar

- *Herança.* "Se somos filhos, também somos herdeiros..." (v. 17). Isso quer dizer que temos um futuro incrível. Em épocas mais antigas, o primeiro filho era o herdeiro. Podia haver vários filhos, e todos eram amados, mas o herdeiro ficava com a porção maior da riqueza e levava o nome da família. Era desse modo que uma família grande mantinha sua influência intacta e impedia que ela se dividisse e se dispersasse. (A referência de Paulo não deve ser lida como apoio ou rejeição a essa prática. Ela é apenas ilustrativa.) Ora, em uma reviravolta impressionante, ele chama todos os cristãos de "herdeiros de Deus". Trata-se de um milagre, é claro, porque o herdeiro ficava com a maior parte da riqueza do pai. Paulo ensina aqui que aquilo que nos está

reservado é tão grandioso e glorioso que será — e a sensação será essa mesma — como se cada um de nós fosse receber a maior parte da glória de Deus — o que voltaremos a ver quando chegarmos aos versículos 19 a 22.

- *Disciplina.* "Se somos filhos, também somos herdeiros [...] se é certo que sofremos com ele..." (v. 17). Pais sempre disciplinam seus filhos. Ao fazê-lo, admitem ou introduzem uma forma branda de dor a fim de afastar o filho, pelo ensino ou aperfeiçoamento, de comportamentos que levem a uma dor muito maior no futuro. Hebreus 12.9,10 explica: "... tínhamos nossos pais humanos para nos disciplinar [...] mas Deus nos disciplina para o nosso bem...". Um pai bom disciplinará com amor. Não usará sua autoridade com egoísmo para satisfazer a própria necessidade de se sentir poderoso ou no controle. Mas tampouco será tão carente do amor e da aprovação do filho a ponto de nunca fazer o que é duro ou difícil. É um privilégio (doloroso) ser disciplinado pelo Pai mais amoroso do universo.
- *Semelhança familiar.* "... sofremos com ele..." (Rm 8.17). Os cristãos sofrerão, não apenas nas dores deste mundo que todas as pessoas enfrentam, mas especificamente porque são irmãos e irmãs de Cristo. Ele enfrentou a rejeição por ser quem era e porque viera para expor a natureza pecaminosa, advertir do juízo e oferecer salvação por meio de si mesmo. De igual modo, sua família sofrerá da mesma maneira à medida que viver para ele e falar dele. Somos como ele! Deus opera em nós e por meio das nossas circunstâncias de modo que sejamos "... conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (v. 29). Embora adotados, Deus implanta de fato a natureza de Cristo em nós. Como filhos de Deus, passamos a nos assemelhar realmente ao Filho de Deus. Ao levarmos sobre nós a semelhança familiar do sofrimento, tornamo-nos mais e

mais como o Filho e como nosso Pai em nossa personalidade e atitudes. É assim que o cristão enxerga a perseguição e a considera um privilégio (p. ex. At 5.41; 1Pe 4.13,16). Passamos a ser como ele!

Dois espíritos

Todos esses privilégios mostram o que Paulo quer dizer quando fala do "... espírito de escravidão para vos reconduzir ao temor..." que "... *não* recebestes..." e do "... Espírito de adoção..." que recebemos (Rm 8.15, grifo do autor). Ele está defendendo uma ideia crucial sobre as duas maneiras pelas quais podemos abordar a vida como cristãos: como um escravo ou como um filho. É possível, tendo confiado em Cristo para nos justificar, retomar o espírito de um escravo "outra vez" — ou seja, retornar a uma atitude de aceitabilidade baseada em desempenho, agindo como se a BÊNÇÃO de Deus se mantivesse ou aumentasse por nossas obras.

Na Parábola do Filho Pródigo (Lc 15.11-32), o filho mais novo rejeita a família e sai a esbanjar toda sua herança em uma vida desordenada. Até que cai em si — reconhece o próprio pecado. Resolve então voltar para casa, mas não tem nenhuma expectativa de ser digno de ser chamado filho do pai. Tudo que espera é que o recebam como um servo contratado (Lc 15.19). Ora, é bastante natural que as pessoas se aproximem de Deus — incluindo cristãos PROFESSOS — crendo basicamente dessa mesma forma. Dizemos: "Ah, com certeza não sou digno de ser filho de Deus! Tudo que posso esperar é labutar como seu empregado. Se tiver um bom desempenho, Deus 'pagará meus salários', atenderá minhas orações, me concederá favor e me protegerá. Mas, se tiver um mau desempenho, ele pode me mandar embora".

Acontece que um filho de Deus nunca tem medo de ser "mandado embora". Até pais humanos têm um ditado: "Bem,

independentemente de qualquer coisa, ela continua sendo minha filha!", ou: "Mesmo depois do que ele fez, ainda é meu filho!". O relacionamento é baseado no amor incondicional, não em padrões de desempenho.

O "... Espírito de adoção..." de que Paulo fala é, por conseguinte, uma capacidade que o Espírito Santo nos concede de nos aproximarmos de Deus como Pai em vez de como um chefe ou feitor de escravos. Em nosso estado natural, achegamo-nos a ele em um espírito de temor, com base apenas em padrões de desempenho. Mas o Espírito Santo acaba com essa postura. Traz ao nosso coração a segurança espiritual e emocional mais profunda possível — uma consciência de que podemos nos achegar a Deus em uma base familiar, como seus filhos amados. É por ele (o Espírito) que clamamos "Aba, Pai!" (Rm 8.15).

Aqui está a diferença entre um espírito de escravidão e o espírito de adoção:

O escravo	O filho
Obedece por compulsão, por ter de fazê-lo	Obedece por amor e alegria no "papai"
Trabalha debaixo de ameaça de dor ou de perda; castigo é "recompensa"	Disciplina não é retribuição, mas instrução em amor
Insegurança: "Se eu escorregar, meu senhor poderá me bater"	Segurança: "Se eu escorregar, meu pai me perdoará"
Concentração no comportamento exterior e submissão a regras	Concentração em relacionamento e atitudes
Tem de trabalhar, mas não lhe é dada nenhuma honra	É honrado e convidado a se juntar ao trabalho

Vale mesmo a pena?

Em 8.17, Paulo afirma que a família de Deus compartilhará dos sofrimentos do nosso irmão Jesus, para que, ao fazê-lo, "... também com ele sejamos glorificados". Mas vale a pena?

A herança dos cristãos tem sido digna de todo o sofrimento e aflição de viver como um filho de Deus nesta vida? Muita gente — é bem provável que incluindo pessoas que conhecemos — respondem *não*. Professam a fé como cristãos e buscam viver como Deus quer por algum tempo — mas, em determinado momento, concluem que seus sofrimentos presentes não valem a pena e se afastam. No entanto, Paulo responde à pergunta com um sim enfático. Na verdade, "... os sofrimentos do presente não se podem comparar com a glória que será revelada em nós" (v. 18). Ele está dizendo: "Se você sabe para onde vai no futuro, nem lhe passa pela cabeça que seus problemas e dores presentes não valem a pena".

Sendo assim, qual é essa herança gloriosa em direção à qual o cristão caminha, às vezes a passos dolorosos, dia após dia? É isso que Paulo expõe nos versículos 19 a 23.

"Pois a criação aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus" (v. 19). A glória que se aproxima é tão poderosa a ponto de cegar e, quando ela nos alcançar, haverá de envolver a ordem criada inteira e glorificá-la em conjunto conosco — nós e a natureza chegaremos a uma realidade renovada, restaurada, REDIMIDA. Não está muito claro o que significa essa "... revelação dos filhos de Deus"; mas deve querer dizer que nossa adoção será revelada em público, se tornará evidente e reconhecida; e é provável que também signifique que enfim seremos "... conformes à imagem de seu Filho..." (v. 29) em plenitude. Seremos perfeitamente santos tanto quanto Cristo e, portanto, de uma beleza tão deslumbrante quanto a dele. Isso é glória.

É por isso que ainda não desfrutamos dessa glória. A raça humana caiu em pecado quando o primeiro humano, Adão, pecou (veja 5.12-21); e 8.20 nos ensina que a natureza, a ordem criada, compartilhou de algum modo dessa Queda. Ela "... ficou sujeita à inutilidade...". A natureza não é o que deveria ser ou o

que foi criada para ser. O termo "inutilidade" aqui — *mataiotes* — é o mesmo traduzido por "vaidade" no livro de Eclesiastes na Septuaginta, a versão grega do Antigo Testamento. Significa que a natureza está ALIENADA, tanto de nós (que fomos feitos para viver em harmonia com a natureza, como seus administradores ou governantes — veja Gn 1.29) quanto de si mesma. Ela não é tão bela ou excelente quanto se pretendia. Tornou-se inutilizada, não por sua própria escolha, mas pela vontade "... daquele que a sujeitou" (Rm 8.20), expressão referente a Deus, uma vez que a sujeição foi acompanhada da "... esperança..." de libertação (v. 20,21). Assim como Deus expulsou Adão e Eva do Éden, sujeitando-lhes a vida à inutilidade, mas também lhes deu esperança de uma eventual reversão (Gn 3.20-24,15), assim também ele sujeitou a própria criação à imperfeição, ainda que tendo uma reversão e uma restauração em mente. Por isso a criação é capaz de aguardar "... ansiosamente...".

Por enquanto, contudo, a criação está no "... cativeiro da degeneração..." (Rm 8.21). Encontra-se presa em um ciclo contínuo de morte e decomposição. É maravilhoso ver como a qualidade vivificante da natureza busca o tempo todo se restabelecer, trazendo nova vida da morte (p. ex. as flores crescem com o fertilizante feito de organismos mortos). Mas o universo inteiro está se deteriorando e enfraquecendo, perdendo mais energia do que é capaz de gerar. Tudo na natureza se esgota e morre. A natureza é atualmente uma assassina.

> Na criação, nenhuma experiência está livre da dor [...]. Contudo, nada disso é a última palavra.

Portanto, a natureza é um reino de dor e sofrimento. Ela "... geme e agoniza [...] como se sofresse dores de parto" (v. 22). Há dor implacável do início ao fim à medida que as coisas se decompõem. Quando a vida nasce (parto) e se perde (morte), há dor e miséria. Na criação, nenhuma experiência está livre da

dor, mesmo que seja apenas a dor de saber que essa experiência não pode durar.

Contudo, nada disso é a última palavra. "... a própria criação [será] libertada [...] para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (v. 21). Em primeiro lugar, em vez de inutilidade, haverá satisfação. Quando consideramos *hoje* a majestade e a grandiosidade dos oceanos, das montanhas, dos vales, das florestas e assim por diante, a mente titubeia imaginando como será o mundo quando estiver livre para ser ele mesmo! Em segundo lugar, em vez de degeneração haverá força e novidade. Atualmente, a cada instante as coisas envelhecem, murcham, se fragilizam e se tornam mais incoerentes. Nessa nova Terra, no entanto, as coisas são novas, belas, fortes e coerentes — para sempre. Em terceiro lugar, em lugar da dor, só existe alegria. Por isso a melhor metáfora para o atual estado da criação é o parto (v. 22 — Jesus usou a mesma imagem em Mt 24.8): as dores intensas não são sem sentido, porque o mundo está dando à luz uma nova versão de si mesmo.

As dores do parto e os primeiros frutos

Esse é o futuro — satisfatório, renovador, cheio de alegria para dar — que a criação pode esperar *porque é o futuro pelo qual esperam os filhos de Deus*. Essa é a resposta de Paulo à pergunta sobre se nossa glória futura faz nosso sofrimento presente valer a pena. "Até a criação", diz Paulo, "motiva você a dizer: Sim!".

A dor presente e a glória futura explicam por que nós, cristãos, "... gememos em nosso íntimo, aguardando ansiosamente..." (Rm 8.23) — como fazem a criação e a mulher em trabalho de parto. Nesse versículo, Paulo chama nossa atenção para algo que os filhos de Deus já têm, e para algo que não têm. Nós "... temos os primeiros frutos do Espírito...". Os primeiros frutos de uma nova colheita encheram mesmo os primeiros cestos — e foram uma prova do que estava por vir. Hoje, o

Espírito nos vivifica por dentro (v. 10); nos dá liberdade interna gradual dos efeitos do pecado e da morte e nos torna pouco a pouco mais semelhantes a Cristo (v. 29). Entretanto esses são só os primeiros frutos — apenas uma prova da liberdade total e completa dos efeitos do pecado e da morte em nosso corpo e espírito que o Espírito um dia nos concederá. Isso só acontecerá quando tivermos o que hoje nos falta, embora esperemos ansiosamente "... nossa adoção, a redenção do nosso corpo" (v. 23). Como Paulo pode nos dizer para esperarmos por isso quando no versículo 15 ele disse que já somos adotados?! O significado disso é que, embora estejamos legalmente adotados, ainda não recebemos a plenitude da semelhança familiar e ainda não desfrutamos da celebração final do nosso status. Somos adotados e seremos feitos membros plenos da família.

Às vezes percebemos que nos tornamos mais como Cristo em determinado sentido; talvez notemos certa área em que temos menos defeitos do que antes ou que somos mais amorosos do que costumávamos ser, ou que agimos de maneira mais piedosa agora. Nessas ocasiões, deveríamos nos lembrar de que a dor, tanto de ser parte da família de Cristo em um mundo de inutilidade e rejeição quanto de ser transformado para ser conformado à imagem do Filho, não pode ser comparada à glória que esperamos. Sabemos que não somos o que um dia seremos, que não temos tudo que um dia teremos (v. 24). Sabemos que nossos melhores dias estão à nossa frente e que um dia todos os nossos dias de dor ficarão para trás. Aguardamos cheios de ansiedade e, ao mesmo tempo, pacientes também (v. 25), sabendo que a dor passará e que esta vida não é tudo. Ansiamos pelo dia em que, como C. S. Lewis pondera de maneira memorável:

Nossos melhores dias estão à nossa frente, e um dia todos os nossos dias de dor ficarão para trás.

> [Deus] fará do mais fraco e imundo dentre nós um deus ou deusa, [uma] criatura deslumbrante, radiante, imortal, pulsando de alto a baixo com tamanha energia, alegria, sabedoria e amor como hoje não podemos imaginar, um espelho brilhante a refletir para Deus com perfeição (embora, claro, em uma escala menor) seu próprio poder, deleite e bondade infinitos. O processo será longo e muito doloroso em certos momentos; mas é nesse processo que entramos. Nada menos que isso. Ele estava falando sério.[3]

Perguntas para reflexão

1. Como você está crescendo em semelhança com Cristo? Como precisa orar para crescer mais?
2. O que o tem feito "gemer" atualmente?
3. Como você se lembrará da glória para a qual está se dirigindo? Como ela transformará sua perspectiva de vida?

[3]*Mere Christianity* (London, Reino Unido: Macmillan, 1943/1969), p. 174-5 [edição em português: *Cristianismo puro e simples*, tradução de Marcio Brandão Cipolla (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009)].

3. ENFRENTANDO A VIDA COM CONFIANÇA

A esperança de futuro do cristão — seu próprio futuro e o de toda a criação — é um alicerce a nos habilitar para enfrentar cada dia e tudo o que ele traz com confiança. Nos versículos seguintes, Paulo nos indica mais duas pedras fundamentais.

A primeira diz respeito a sermos auxiliados naquilo que desconhecemos (v. 26,27); a segunda, com saber que estamos sendo ajudados (v. 28-30). Primeiro, Paulo aponta para a obra do Espírito quando não temos palavras para orar; segundo, para a obra do Deus soberano em todas as circunstâncias da nossa vida. Esses três itens — esperança futura, o auxílio do Espírito e a obra de Deus em tudo — formam então os alicerces para essa seção extraordinária e fervorosa dos versículos 31 a 39. A passagem é o fim da resposta de Paulo à pergunta implícita em 8.17,18: Como pode um cristão enfrentar os sofrimentos e as tentações da vida com incrível confiança e uma profunda segurança de que toda a luta vale mais do que a pena?

O Espírito e nossas orações

O versículo 26 começa: "Do mesmo modo, o Espírito nos socorre..."— como nossa esperança nos ajuda (v. 23-25), assim também age o Espírito. Ele faz isso socorrendo-nos em nossas orações. Há ocasiões em que "... não sabemos como devemos

orar..." (v. 26). Os cristãos realmente têm o desejo de orar, mas não têm palavras para dizer. Podemos estar enfrentando profunda perda pessoal, ou lutando com uma decisão que nos transformará a vida, ou confrontando nossos fracassos e defeitos. Todavia, quando o vocabulário humano se mostra insuficiente, o mesmo não acontece com a linguagem do Espírito: "... o próprio Espírito INTERCEDE por nós com gemidos que não se expressam com palavras". Quando nos sentimos fracos demais para agir como filhos de Deus, ao nos aproximarmos confiadamente do nosso Aba, o Espírito nos socorre. Quando nos sentimos sem palavras para orar, não precisamos achar que não podemos orar.

Além disso, nunca devemos sentir que não podemos orar por acharmos que não sabemos o que devemos orar. Enquanto o Pai "... sonda os [nossos] corações..." (v. 27), ouvindo os gemidos sob nossas palavras, conhecendo nossas afeições e os motivos por trás de nossos pedidos, o Espírito "... intercede pelos santos, segundo a vontade de Deus". O Espírito nos capacita a orar em harmonia com o plano e os propósitos de Deus para seu mundo e seu povo — a gemer, em conjunto com a criação (v. 22), enquanto esperamos com paciência e ansiosamente "... a glória que será revelada em nós" (v. 18). O Espírito nos capacita a fazer orações que agradem a nosso Pai.

Nossa oração, portanto, envolve todos os três membros da Trindade. Clamamos ao Pai, com a confiança de filhos. Como podemos fazer isso? Conforme Douglas Moo explica, agimos assim porque:

> Há alguém no céu, o Filho de Deus, que intercede em nosso favor, defendendo-nos de todas as acusações que poderiam ser apresentadas contra nós, garantindo a salvação no dia do juízo (8.34). Mas há também, conforme Paulo assegura nesses versículos, um intercessor "no coração", o Espírito de Deus,

> que ora efetivamente ao Pai em nosso favor durante todas as dificuldades e incertezas de nossa vida aqui na terra.[1]

Não há jamais nenhum motivo ou razão para não orarmos!

O bom, o ruim, os fracassos

O Espírito nos socorre quando *não* sabemos como orar. Mas mesmo nessas ocasiões em que as palavras nos fogem, existe algo, diz Paulo, de que o cristão pode ter certeza: "... Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam..." (v. 28). Temos uma promessa que transforma o modo de encararmos o que a vida tem de bom, de ruim e os seus fracassos.

Em primeiro lugar, ela nos leva à gratidão e à alegria, mesmo pelas coisas boas "rotineiras" da vida. Veja bem, Paulo não diz que as "coisas" operam por si mesmas para o bem! Só Deus faz os fatores da vida concorrerem para nosso bem. Os cristãos não creem que o mundo seja um lugar agradável ou que a vida será feliz por natureza. Muita gente fica chocada e desiludida pelas tragédias e pela crueldade da vida. Não os cristãos. Não esperamos que as coisas da vida "... concorram para o bem..." por si mesmas. Quando vemos as coisas acontecendo de modo a nos beneficiar, é tudo por Deus, por graça, por ele. Quando as coisas dão certo, os cristãos nunca dizem: "Claro — é assim mesmo que deveria ser!". Antes louvam a Deus por isso. Portanto, conseguem manter uma visão positiva da vida sem adotar uma visão adocicada, sentimental e fantasiosa das coisas.

Em segundo lugar, no entanto, essa verdade afasta o medo e a ansiedade gerais quando "tudo dá errado" na vida. Sabemos que nada deu errado, em absoluto! Se Deus opera em "... todas as coisas...", quer dizer que seu plano inclui o que chamaríamos

[1] *The Epistle to the Romans*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p. 527.

de coisas "pequenas" ou "sem sentido". Afinal, não existe acaso. "A SORTE se lança no colo, mas do SENHOR procede toda a decisão" (Pv 16.33). Deus está operando inclusive na moeda que é lançada para o alto.

Isso deve levar à capacidade de relaxar em alguma medida! Não estamos nas mãos do acaso ou do destino. Os gregos pensavam que até Zeus estava sujeito ao destino. Nós não! O universo não é um mecanismo governado pelo acaso; ele é governado por uma pessoa — e não uma pessoa qualquer, mas nosso Pai. Não precisamos ter medo da vida e das circunstâncias.

O universo não é um mecanismo governado pelo acaso; ele é governado por uma pessoa — nosso Pai.

De mais a mais, isso nos ajuda a enxergar o propósito de Deus nas dificuldades. Se Deus está operando para o nosso "bem" em tudo, então vemos que tanto as coisas boas quanto as más servem ao propósito de promover o bem em nossa vida. Esse texto maravilhoso leva à seguinte dedução lógica feita pelo pastor e compositor de hinos do século 18 John Newton:

> "Tudo é necessário no que ele envia; nada pode ser necessário no que ele retém".

Portanto, se pensamos necessitar de algo bom que Deus tem mantido longe de nós, na verdade não necessitamos disso em absoluto. Isso também significa que, se temos a sensação de que nossa vida foi arruinada por algo negativo, na verdade o que ocorreu tem um papel muito importante em nossa vida. Isso está nos ensinando, moldando, enriquecendo, tornando-nos mais humildes e assim por diante. Romanos 8.28 nos ensina a olhar para os problemas da vida como parte do propósito amoroso de Deus para nós.

Os problemas da vida, claro, incluem o sofrimento. Esse versículo nos mostra uma visão equilibrada que as pessoas raras vezes têm do sofrimento. Por um lado, há quem se desespere ao sofrer e diga: "Nada de bom pode vir disso!", algo que esse texto nega. Por outro lado, há quem cultive o sofrimento (incluindo muitos cristãos). Eles o veem como algo que lhes permite se sentirem mais nobres ou virtuosos do que as outras pessoas. Todavia, o texto não diz que as "coisas" são boas — mas que Deus faz com que concorram "... para o bem...". As dificuldades não devem ser apreciadas ou acolhidas! Não são boas, mas aquilo em que resultam pode vir a ser.

Então, em terceiro lugar, esse versículo maravilhoso nos dá a confiança de que não podemos arruinar os bons propósitos de Deus para nós. "A palavra "... todas..." significa todas mesmo! Ou seja, isso inclui até nossa recaída e nosso pecado. Ora, o pecado é sempre ruim, sempre uma coisa terrível, e sempre viveremos para lamentar suas dolorosas consequências em nossa vida. Porém, Deus é tão grande que o entrelaça no bem final que nos advirá. Ele é capaz de usar até nossos pecados e fracassos para nos trazer humildade e para nos ensinar a ter uma visão correta de nós mesmos e um grande apreço por Cristo. Ele usa o pecado para mostrar aos cristãos nossa fraqueza e fragilidade. E até trabalha com o pecado para salvar seu povo. Isso não justifica nosso pecado, mas faz com que observemos como Deus está operando por meio dele — de outro modo, como seríamos capazes de imitar José, ao dizer aos irmãos que o tinham vendido como escravo: "... planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem..." (Gn 50.20)?

Tudo para o bem, mas não para todos

Todavia, a verdade de que Deus opera para o bem das pessoas não é universal. É fácil fazer vista grossa para o fato de que a

promessa de que "... Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem..." é feita apenas "... [àqueles] que o amam, [àqueles] que são chamados..." (Rm 8.28). Há dois modos de descrever o mesmo povo — os cristãos —, mas ambos são importantes.

1. Na Bíblia, "... [aqueles] que o amam...", geralmente se refere às pessoas que assumiram um compromisso de viver para Deus. Esse compromisso significa servir a Deus em reconhecimento de quem ele é e em apreço por quem ele é. "Aquele que tem os meus mandamentos e a eles obedece, esse é o que me ama..." (Jo 14.21). O amor na Bíblia nunca é meramente teórico e intelectual, nem sentimental e emocional, nem uma simples obrigação baseada na vontade. Lloyd-Jones comenta:

> Acredito que Paulo tivesse uma razão especial para usar o termo "amam" em vez de "creem" nesse momento. Uma das melhores maneiras pela qual podemos decidir de imediato [se] amamos a Deus ou não é por nossa reação à adversidade [...] Muitas pessoas [...], quando as provações e tribulações se levantam [...], desistem. Sentem-se decepcionadas.[2]

Se você ama a Deus por quem ele é, assume um compromisso e suporta a dificuldade. Mas, se está usando Deus pelo que ele lhe dá, você pula fora quando chega o sofrimento.

2. Aqueles "... que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28). É provável que essa frase não se refira a todos que ouviram a mensagem ou o desafio do evangelho. (Todos os que ouviram o evangelho foram "chamados", no sentido geral de terem sido convidados, mas não faria sentido que

[2]*Romans chapter 8:17-39*, Roman Series (Grand Rapids: Zondervan, 1989), p. 186 [edição em português: *Romanos: exposição sobre o capítulo 8:17-38: a perseverança final dos santos* (São Paulo: PES, 2002)].

todos que ouviram falar de Cristo recebessem essa promessa.) Como demonstra o versículo 30, um certo número de pessoas é "chamado". Ou seja, ser "chamado" significa que Deus nos trouxe para um relacionamento consigo.

Como Paulo diz que a totalidade das circunstâncias da vida ("... todas as coisas...") concorrem "... para o bem..." só daqueles que amam a Deus, existe a forte implicação de que não concorrem para o bem daqueles que não o amam. O texto diz que tanto as coisas boas da nossa vida quanto as ruins têm um bom efeito sobre nós somente por causa de como Deus as governa e usa em nossa vida; portanto, parece que tanto as coisas boas quanto as ruins que acontecem com não cristãos concorrem para seu mal.

Como pode ser isso? Paulo é muito direto ao afirmar, em relação aos rebeldes, que Deus "... os entregou [...] ao desejo ardente de seus corações..." (1.24). Isso é espantoso. O apóstolo está afirmando que um dos piores castigos que Deus dá às pessoas é permitir que cumpram os desejos de seu coração pecaminoso. Ele as deixa receberem o que desejam. Isso significa que as coisas "boas" são ruins para aqueles que não amam a Deus. Por quê? Fora de Deus, as pessoas sempre têm a ilusão de que venceram por conta própria e estão no controle da própria vida. Pelo menos as circunstâncias ruins despertam os cristãos para nossa verdadeira humanidade e nossa real condição como criaturas dependentes, mortais. Entretanto, quando o coração incrédulo experimenta uma sucessão de êxitos e prazeres, isso só reforça sua ilusão, podendo fazer com que os piores pecados do coração humano — orgulho, excesso de confiança, egocentrismo etc. — cresçam e assumam o controle.

Portanto, no caso do incrédulo, as circunstâncias "boas" podem endurecer e enganar, promover o caráter fraco, egoísta e orientar a pessoa para o desastre. Para os que creem, as circunstâncias

"ruins" podem torná-los submissos, educá-los, desenvolver-lhes um caráter forte, compassivo e, acima de tudo, fazer com que se pareçam mais com Cristo. As circunstâncias boas podem ser terríveis para você, e as más, maravilhosas, como Paulo sabia por experiência própria: "... para que ninguém pense de mim além do que em mim vê ou de mim ouve, até mesmo sobre essas extraordinárias revelações [uma coisa boa]. Portanto, para que eu não me tornasse ARROGANTE, foi-me posto um espinho na carne [algo muito doloroso]..." (2Co 12.6,7).

As circunstâncias boas podem ser terríveis para você, e as más, maravilhosas.

Existe um provérbio conhecido que se aplica aqui: "O mesmo sol que derrete a cera endurece a argila". Em outras palavras, o que torna uma vida "boa" não é um conjunto particular de circunstâncias, mas como o coração interage com elas. Por si mesmo, esse é um princípio importante para entendermos e vivermos a vida. Shakespeare o aplicou ao escrever *Julio Cesar:* "A culpa, caro Brutus, não está em nossas estrelas, mas em nós mesmos". Não é tão importante mudar nossas circunstâncias quanto mudar a atitude de nosso coração e nosso posicionamento em relação a elas. Só se crermos e meditarmos na passagem de Romanos 8.28, aplicando-a em nossa vida, seremos capazes de experimentar o triunfo e o desastre, lidando com ambos do mesmo jeito: vendo-os como circunstâncias em que, considerando o fato de amarmos o Deus que nos chamou para conhecê-lo como Pai, ele trabalhará e fará com que concorram para nosso bem final.

Perguntas para reflexão

1. Já aconteceu de você se sentir fraco demais para orar com palavras? Como o fato de o Espírito interceder em seu favor o encoraja?

2. Reflita sobre qual consequência da verdade de Romanos 8.28 (p. 47-9) mais se relaciona com você hoje.
3. Você está buscando mudar as circunstâncias de sua vida de alguma maneira, quando, em vez disso, deveria buscar mudar a atitude do seu coração em relação a elas?

SEGUNDA PARTE

O bem que Deus está operando

A confiança que temos repousa em nossa esperança futura, na obra interna do Espírito e na obra soberana de Deus pelo nosso bem em todas as circunstâncias da vida. Mas em que consiste esse "... bem..."? O que podemos esperar confiantemente ver Deus fazer em "... todas as coisas"...?

Os versículos 29 e 30 dão a resposta. Mostram-nos que a definição divina de "bem" é muito maior e mais elevada do que a nossa tende a ser. A palavra "pois..." mostra a conexão estreita entre o versículo 28 e os versículos 29 e 30. Portanto, os versículos 29 e 30 são a explicação de Paulo de qual é na verdade o "... propósito" de Deus — o que ele está fazendo em todas as circunstâncias da vida. Por que Paulo acrescentou os versículos 29 e 30 em vez de nos deixar apenas com o 28? Porque o versículo 28 não pretendia nos dizer que, quando temos problemas, tudo acabará dando certo em um sentido genérico, abstrato.

Em vez disso, Paulo afirma que tudo que acontece conosco está cooperando para nossa santificação, santidade e salvação finais e definitivas. Tudo colabora a fim de que sejamos "... conformes à imagem de seu Filho..." (v. 29).

Isso nos mostra que o "bem" que Deus está sempre operando em nosso favor é a transformação do caráter. Ele está nos fazendo tão amorosos, nobres, verdadeiros, sábios, fortes, bons, alegres e gentis quanto Jesus.

Portanto, é de extrema importância ir até os versículos 29 e 30 sempre que lermos o 28! Algumas pessoas leem o versículo 28 como se ele ensinasse que Deus dá mais coisas boas ou tipos diferentes de circunstâncias aos cristãos do que aos não cristãos. Contudo, não é isso o que Paulo diz aqui. Ele não está prometendo aos cristãos uma vida mais fácil, mais confortável. Não está dizendo que os cristãos terão um percentual maior de circunstâncias "agradáveis" em relação às "desagradáveis" do que os não cristãos. O que ele diz, isto sim, é que "... todas as coisas..." — o mesmo conjunto de coisas boas e más que sucedem a todo o mundo, com o acréscimo do sofrimento que nos vêm por seguirmos a um Rei sofredor — são usadas por Deus em nosso coração a fim de que sejamos ensinados, nos tornemos humildes e sejamos refinados à semelhança de Cristo. Como dissemos antes, as mesmas circunstâncias causam efeito diferente sobre os que não creem.

O propósito de Deus para toda a história é visto nesta frase: "... para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (v. 29). Uma declaração espantosa.

Ela nos ensina que, em primeiro lugar, Deus está nos conformando. Isso significa que ele tem um desenho mestre ou forma definida ("... seu Filho..."), e agora toda circunstância — "... todas as coisas..." — é projetada para formatar, polir, amolecer, suavizar, esculpir, enquadrar, moldar e construir segundo esse desenho mestre. Ele nos está derramando no molde da perfeita grandeza de Cristo. A ideia de "conformar" não implica uma semelhança superficial, mas algo completo. Estamos sendo refeitos de dentro para fora, desde as profundezas. Trata-se de uma semelhança de essência. "Mas todos nós, com o rosto descoberto, refletindo como um espelho

Deus nos está derramando no molde da perfeita grandeza de Cristo.

a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, que vem do Espírito do Senhor" (2Co 3.18).

Seremos seus "... irmãos..." (Rm 8.29). Não fomos apenas adotados legalmente na família de Deus (veja o v. 15); também estamos recebendo sua "semelhança familiar". Aprendemos que, ao nascermos de novo, recebemos a própria natureza de Deus, seu "DNA" — somos "... participantes da natureza divina..." (2Pe 1.4). Por meio das circunstâncias da vida, Deus está desenhando isso, moldando-nos em irmãos e irmãs de Cristo, que se assemelham a ele e a nosso Pai. "Porque era preciso que aquele para quem são todas as coisas e por meio de quem tudo existe, ao trazer muitos filhos à glória, aperfeiçoasse por meio do sofrimento o autor da salvação deles. Pois todos vêm de um só, tanto o que santifica como os santificados. Por essa razão ele não se envergonha de chamá-los de irmãos, dizendo: Anunciarei teu nome a meus irmãos, cantarei louvores a ti no meio da congregação" (Hb 2.10-12).

Lloyd-Jones escreve:

> Em última análise, a prova de uma abordagem correta dessas doutrinas é que você encontre nelas o maior estímulo à santidade e à santificação. Se sua fé nessas doutrinas não o tem levado à santidade você se encontra em uma condição perigosa [...] você as está usando de forma errada, para dizer: "Bom, comigo vai tudo bem, logo, não importa o que eu faço. Sou salvo...". Ninguém pode olhar de verdade para essas doutrinas sem tornar-se mais humilde.[3]

Uma cadeia gloriosa, inquebrável

Agora, em Romanos 8.30, Paulo expõe o processo pelo qual Deus conforma seus filhos à semelhança do Filho. Ele relaciona

[3] *Romans chapter 8:17-39*, p. 202-3.

cinco verbos ativos que descrevem o que Deus tem feito. A chave para compreender esse versículo é usar o "critério de controle" de que cada verbo se refere ao mesmo conjunto de pessoas. Não se trata de: "Alguns a quem conheceu ele chamou, alguns a quem chamou ele justificou", e assim por diante. Antes, o mesmo grupo que Deus conhece ele também predestina, chama, justifica e glorifica. Não é "alguns" ou "a maioria"; é sempre "... os que...", em outras palavras, "todos os que". Se um desses verbos se aplica a uma pessoa, todos se aplicam.

Eis o que Deus tem feito pelos cristãos:

- "... conheceu por antecipação...": Deus derramou seu amor sobre nós;
- ... predestinou": Deus planejou um destino glorioso para nós;
- "... chamou [...] justificou...": Deus executa seu plano no tempo certo;
- "... glorificou...": Deus completa o plano na eternidade.

Precisamos analisar cada um desses verbos formidáveis.

- *Conheceu por antecipação.* Naturalmente, em sua onisciência, Deus conhece o futuro e vê todos que já viveram e os que viverão; mas não é a isso que Paulo se refere aqui (do contrário, uma vez que aqueles aos quais "conheceu por antecipação" ele também "justificou" e "glorificou", o ensino seria que todo o mundo será salvo). Na Bíblia, quando nos é dito que Deus "... conhece por antecipação..." alguém, significa que firmou seu amor sobre esse alguém de um modo pessoal. Por exemplo, quando Jesus diz "... Nunca vos conheci..." (Mt 7.23), não significa que ele nada sabe a respeito dessas pessoas, mas que não estabelecerá relacionamento nenhum com elas. Portanto, "... conheceu por antecipação..." quer

dizer "amou de antemão". Uma pesquisa em outros lugares onde "conhecer por antecipação" ou "presciência" é usado (At 2.23; Rm 11.2; 1Pe 1.2) mostra isso. Assim, Deus nos amou antes do início do mundo. Formidável!

- *Predestinou.* O significado é mesmo o que parece. Predestinar significa estabelecer um destino para nós ou para outros. Significa traçar um plano antecipado. Em grego a palavra é *prohorizdo*, que quer dizer determinar um horizonte e partir em busca dele. Deus, por amar-nos, estabeleceu um destino para nós — estarmos com ele na glória, conformados à semelhança de Cristo.
- *Chamou.* Como vimos em Romanos 8.28, os "... chamados..." são o povo que "ama a Deus". No versículo 30, os "chamados" são o mesmo grupo que é "justificado" e "glorificado" — ou seja, qualquer um que é chamado por Deus nesse sentido deve por fim tornar-se justificado e glorificado. Trata-se, portanto, de uma iluminação interna que Deus envia a fim de nos despertar para a verdade. Um exemplo perfeito se encontra em 1Tessalonicenses 1.4,5. Paulo escreve: "... sabemos que fostes escolhidos por ele". Como ele podia saber isso? Ele continua: "porque o nosso evangelho não chegou a vós somente com palavras, mas também com poder, com o Espírito Santo e com absoluta convicção...". Embora Paulo tenha pregado a muita gente, aqueles que responderam com profunda convicção só o fizeram porque eram "escolhidos". Foram chamados por Deus por meio do sermão de Paulo.
- *Justificou.* Ser "justificado" é ser declarado e tratado por Deus como legalmente justo e inculpável em virtude da obra de Cristo em sua vida e morte. Esse status nos é transferido quando cremos nele. O livro inteiro de Romanos trata disso, portanto não gastaremos mais tempo com o assunto aqui! A ideia em Romanos 8.30 é mostrar que a justificação não é

um incidente isolado, mas está ligada de modo inextricável ao plano inteiro do propósito e da atividade de Deus, começando na eternidade, entrando no tempo/história e terminando de novo na eternidade. O versículo 30 nos mostra que ninguém é justificado se também não for conhecido por antecipação, chamado etc.

- *Glorificou.* Ser glorificado significa ter todo pecado erradicado e ser aperfeiçoado em corpo e alma. É isso que Paulo já disse nos versículos 18 a 21: "... glória que será revelada em nós [...] a liberdade da glória dos filhos de Deus".

Mas observe que aqui Paulo fala de nossa glorificação futura no *passado*. Está querendo dizer que ela é tão certa quanto qualquer outra parte da cadeia de verbos do versículo 30. Ela é tão certa que bem poderia já ter acontecido. Os elos da cadeia não podem ser quebrados; todos andam juntos. James Denney explica tal ideia assim:

> O tempo verbal na última palavra ["glorificou"] é impressionante. É a expectativa de fé mais ousada que o Novo Testamento contém.[4]

O que isso representa do ponto de vista da nossa vida presente? Os cristãos experimentaram ser chamados ao ouvirem o evangelho e desfrutam de ser justificados porque depositaram sua fé nesse evangelho. Agora eles são capazes de olhar outra vez para os elos "anteriores" da corrente e saber que, antes da Criação, Deus os amou de antemão e os predestinou para serem justificados. E os cristãos também podem olhar para os elos "posteriores" da corrente e saber que, na eternidade, conhecerão glória inimaginável na presença do Senhor. Se amamos a Deus, somos chamados (v. 28). E, se somos o povo chamado,

[4]Citado em Lloyd-Jones, *Romans chapter 8:17-39*, p. 258.

então somos o povo amado de antemão, predestinado, justificado, prestes a ser glorificado. Isso é maravilhoso!

O que diremos em resposta?

"Portanto, que poderemos dizer diante dessas coisas?...", Paulo pergunta (v. 31). Aqui está a atitude do cristão que conhece as verdades dos versículos 26 a 30. Paulo faz cinco perguntas:

- v. 31: "... Se Deus é por nós, quem será contra nós?". Se o Deus que planejou nossa glória é todo-poderoso, por que temos medo de qualquer oposição?
- v. 32: "Aquele não poupou nem o próprio Filho [...] como não nos dará também com ele todas as coisas?". Se o Deus que planejou nossa glória está disposto a abrir mão de seu bem mais precioso, o Filho, por que nos preocuparmos com nossas necessidades?
- v. 33: "Quem trará alguma acusação [...]? É Deus quem os justifica". Se o Deus que planejou nossa glória declarou-nos justos, por que nos sentirmos culpados ou não perdoados?
- v. 34: "... quem os condenará? Cristo Jesus é quem morreu [...] ressuscitou [...] e também intercede por nós". Se o Cristo que levou uma vida perfeita e teve uma morte perfeita está diante do Pai em nosso favor, por que nos sentirmos culpados ou não perdoados?
- v. 35: "Quem nos separará do amor de Cristo?...". Essa é a última pergunta porque todas as outras são na verdade apenas versões diferentes dessa. A única coisa que devemos temer de fato, que nos faria mal de verdade, é sermos separados do amor de Cristo.

Assim, a questão central da vida cristã — aquela que provoca todas as nossas dúvidas, preocupações e tensões — é esta: "Existe alguém ou alguma coisa capaz de me separar do amor

de Cristo por mim?". E, como os primeiros leitores de Paulo — e seus leitores hoje —, olhando ao redor, vemos muitas coisas que parecem capazes disso. Problemas, dificuldades e perseguição vêm para todos os cristãos. Fome, nudez, perigo e espada vêm para muitos. A experiência do povo de Deus através das eras tem sido com muita frequência — nas palavras de Salmos 44.22, citado por Paulo em Romanos 8.36 — enfrentar a morte diariamente. Há muitos obstáculos e grande oposição, e com certeza qualquer uma dessas coisas poderia nos separar do amor de Cristo, certo?

Não, diz Paulo — na verdade, mesmo nas circunstâncias mais extremas, "... somos mais que vencedores..." (v. 37). Nenhuma situação é capaz de quebrar a cadeia do versículo 30. Os cristãos triunfam em meio e acima do pior que a vida traz. Por quê? Porque Deus não perde nenhum dos que "... conheceu...". Deus está sempre trabalhando para o bem daqueles que o amam. Ele detém o controle amoroso e soberano de cada aspecto da história humana. E, assim, Paulo tem "... certeza..." (v. 38) de que nada "... poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (v. 39). Nada na experiência humana ("... nem morte, nem vida..." [v. 38]); no reino espiritual ("... nem anjos, nem autoridades celestiais..."); no tempo ("... nem coisas do presente nem do futuro..."); em qualquer coisa que se oponha ao povo de Deus ("... nem poderes"); no espaço ("nem altura, nem profundidade...", [v. 39]); nada "em toda criação" (NIV). Nada! Nada pode nos separar do amor de Cristo! Por quê? Porque Deus nos ama simplesmente em razão de sua escolha, não por causa de alguma coisa em nós (que poderia mudar), nem por nada a nossa volta (que poderia mudar). Ele nos ama porque nos ama.

Nesse ponto de nossa caminhada por Romanos, muitas perguntas sobre predestinação podem surgir. Romanos 9—11 lidam de modo mais completo com essas questões — por

enquanto, lembre-se de que o ponto principal de Paulo não é suscitar a velha controvérsia DETERMINISMO versus LIVRE-ARBÍTRIO, que é um problema filosófico. Antes ele está declarando com firmeza que devemos encarar a vida — não só os problemas, mas até o nosso pecado — com uma confiança altaneira, infalível! O Deus todo-poderoso do universo planejou tornar-nos perfeitamente santos e gloriosamente felizes (há uma conexão inseparável entre essas duas coisas), e nada pode frustrar o propósito de Deus para nós!

O Deus todo-poderoso do universo planejou tornar-nos perfeitamente santos e gloriosamente felizes.

Considere como Paulo está sendo prático. Ele está dizendo: "Meu amigo, você foi chamado? Descobriu o evangelho tornando-se claro à sua alma com poder? Pediu a Deus para o justificar? Ótimo! Agora entenda o seguinte — isso não aconteceria nem poderia ter acontecido a menos que o grande Deus do céu derramasse seu amor por você nas profundezas da eternidade antes do tempo e estivesse agora operando de modo infalível seu plano de viver com você para sempre na família dele".

O propósito das perguntas é quase arrancar-nos a tapa da nossa descrença de que somos salvos inteiramente pela graça e, portanto, estamos completamente salvos para enfrentar a vida sem medo. Trata-se de uma lógica incrível, inexorável, intensa — o que Lloyd-Jones chama de lógica em chamas! Paulo está dizendo: "Pense! Você está com medo (8.31)? É porque não está pensando direito! Está preocupado (v. 32)? Não está pensando direito! Sente-se culpado (v. 33)? Não está pensando direito! Veja a lógica da graça acessível e da justificação gratuita! Não se tratam de doutrinas estanques; são a própria vida. E, se você não está vivendo com essa segurança e poder incríveis, não as está compreendendo em plenitude". O remédio é

ler, reler, ponderar profundamente e aprender a viver a partir das verdades dos versículos 18 a 30!

Perguntas para reflexão

1. Como sua leitura de hoje o motivou à santidade e à semelhança de Cristo?
2. Como olhar para trás na "cadeia" do versículo 30 o impressionou hoje?
3. Como você precisa que a verdade — de que nada pode separar o amor de Deus do povo de Deus — o conforte hoje?

4. A SOBERANIA DE DEUS

Muitas pessoas não veem quase nenhuma relação entre os capítulos 9 ao 11 com os oito anteriores ou com os cinco subsequentes. Os oito primeiros capítulos tratam de como somos justificados e de como Deus opera em seu povo justo, e por ele; os últimos cinco detalham como vivem os justos. Mas entre eles surgem três capítulos complexos e difíceis que podem ser vistos como um grande desvio da carta que Paulo se dedicou a redigir (e, podemos pensar, deveria ter redigido!), na qual 8.39 é seguido por 12.1. Afinal, o que fazem os capítulos 9 a 11 no livro de Romanos?!

Romanos 8 termina em um tremendo CRESCENDO de confiança, em que Paulo explica que Deus nos garante nossa PERSEVERANÇA final pelo fato de nossa salvação não ser baseada em nossa vontade ou força. Em vez disso, Deus nos chamou, abriu nossa mente para a verdade e agora nos conduz à glória final. "E os que predestinou, a eles também chamou; e os que chamou, a eles também justificou; e os que justificou, a eles também glorificou" (8.30). Mas agora Paulo consegue imaginar alguém chegando e dizendo: "Espere um pouco, Paulo! Você diz que, quando Deus chama alguém, sempre o conduz por todo o caminho até em casa. Mas e quanto aos judeus? Deus os chamou e veio para eles, mas hoje a maioria dos judeus rejeita Cristo. Então talvez o chamado e o propósito de Deus possam ser rejeitados! Se Deus prometeu que Israel seria seu povo, mas

a maioria não creu em Cristo, isso significa que a promessa, o poder ou a misericórdia de Deus são falhos?".

Assim, a questão da descrença judaica é de importância vital não só para as igrejas do primeiro século formadas tanto por judeus quanto por gentios, mas para nós também. Isso faz com que nos aprofundemos em quem Deus é e como ele trabalha.

Dor Incessante

Talvez um dos aspectos mais impressionantes de Romanos 9 seja também o menos citado — a agonia emocional de Paulo. Ele não é um homem frágil — passou por chicoteamentos, naufrágio, fome, escárnio e calúnia (2Co 6.4-10). E por isso Romanos 9.1-3 é tão impactante. O versículo 1 estabelece a seriedade com que ele faz sua declaração: ela é verdadeira, não mentirosa, e sua consciência sabe disso! E a verdade é que "... tenho grande tristeza e incessante dor no coração" (v. 2). Por quê? Por causa da rejeição do evangelho por "... meus irmãos, meus parentes segundo a carne. Eles são israelitas..." (v. 3,4). Paulo sabe o que é conhecer a Cristo e desfrutar de sua justiça; sabe também quais são as consequências de rejeitar a oferta de salvação de Deus. E por isso "... eu mesmo desejaria ser amaldiçoado e excluído de Cristo...", se isso de alguma forma levasse seus parentes judeus à fé no Messias.

Impressionante! Paulo está dizendo: "Eu abriria mão de todos os benefícios de conhecer a Cristo de que tenho falado nos últimos oito capítulos se de algum modo isso significasse que meus irmãos e irmãs judeus seriam salvos". Aqui está um vislumbre do amor ao próximo que, juntamente com a preocupação predominante com a glória de Deus, movia Paulo. E aqui está uma grande lembrança de que

O apóstolo, embora lógico em sua escrita, nunca era frio em seus sentimentos.

o apóstolo, embora lógico em sua escrita, nunca era frio em seus sentimentos. Ele experimentava a "... incessante dor..." de saber que seu povo rejeitara seu Salvador, e, em vez de procurar ignorar ou alterar a própria doutrina para NEGAR esse fato, conviveu com ele. Se os próximos três capítulos representam um desafio para nós e nos confrontam com verdades com que temos de batalhar, talvez esses três primeiros versículos precisem nos lembrar de que Paulo não escrevia de uma torre de marfim, mas com o coração tão ansioso por ver os judeus salvos que seria capaz de trocar a própria salvação pela deles — mas com um coração que também se importava demais com a glória de Deus e em fazer que seu povo soubesse quem ele é e como trabalhou neles e em favor deles. Esse é um assunto de grande importância intelectual — mas também de grande importância emocional para o apóstolo.

Privilégio rejeitado

Em certo sentido, a rejeição judaica a Cristo é quase inexplicável de tão surpreendente, já que eles gozavam de tantos benefícios (v. 4,5) que deveriam tê-los preparado para Cristo e ter-lhes indicado Cristo.

- A "... adoção..." se refere a Êxodo 4.22 e outras referências nas quais Israel é chamado de "filho" de Deus. Isso deveria ter preparado Israel para o ensinamento de Jesus de que, por meio dele, podemos nos aproximar de Deus em termos tão íntimos como "Aba" (Mc 14.36).
- A "... glória..." se refere à nuvem da glória visível de Deus — chamada de *shekinah* — a MANIFESTAÇÃO de sua presença, habitando no meio deles no tabernáculo e no templo (Êx 29.42-45; 1Rs 8.10,11). Jesus é uma manifestação ainda maior da presença de Deus: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós [...] e vimos a sua glória..." (Jo 1.14).

- As "... alianças..." se referem a Deus estabelecendo um relacionamento com o povo por intermédio de Abraão (Gn 15), Moisés (Êx 24.8) e Davi (2Sm 23.5). Em cada um desses casos Deus cria um relacionamento com eles e promete abençoá-los. Em todos os casos, no entanto, fala-lhes de um Messias ou personagem futuro que virá para cumprir o acordo (veja Gn 12.1-3; Dt 18.18; 2Sm 7.12,13).
- A "... promulgação da lei..." se refere a Deus dando os Dez Mandamentos e toda a lei por revelação a Israel (Dt 4.8). Paulo nos diz em Romanos 2 que, se de fato compreendermos a lei, veremos que não podemos merecer a salvação e nos voltaremos para Deus em busca de provisão.
- A "... adoração no templo..." (NIV) era uma ordem visível de culto. Hebreus 9.1-5 o descreve bem. Esboça como o povo podia se aproximar de Deus. Era preciso haver um sacrifício de sangue, uma lavagem e uma preparação para a purificação, além de um sacerdote que entrasse em favor do povo. Todos esses rituais prescritos por Deus mostravam que não podíamos nos aproximar de Deus de qualquer maneira — necessitávamos de sangue para expiar o pecado e de um sacerdote-substituto. Jesus é nosso sacrifício, nosso sacerdote, nossa pureza, nosso pão etc. (Hb 8.1-6).
- As "... promessas" se referem a diversas profecias e promessas do Antigo Testamento sobre a vinda do Messias. (Observe Gn 3.14-19; 49.10; Sl 2.2-7; 16.9,10; 22; Is 7.14; 9.6,7; 52.13-15; Mq 5.2.)
- Os "... patriarcas..." provavelmente se referem não apenas a Abraão, Isaque e Jacó, mas também a homens como José, Moisés, Josué, Samuel e Davi. Ora, todas as nações têm grandes líderes, mas Paulo parece salientar que Deus falou a Israel por meio desses homens. Quase todos eles previram e prognosticaram a vinda do Messias.
- "... deles descende o Cristo segundo a carne..." Isso é evidente, mas costuma ser negligenciado. Jesus era judeu. Para

o Filho de Deus tornar-se humano, tinha de passar a fazer parte de alguma raça e cultura. Tornando-se judeu, Deus estava dando a esse povo não só uma grande honra, mas "facilitando" para que se relacionassem com seu Filho mais do que quaisquer outras pessoas.

Nem todo Israel é Israel

Então por que os judeus não reconheceram seu rei tão prometido e por tanto tempo esperado? Paulo quer excluir uma resposta já de início: "Não é o caso de a palavra de Deus ter falhado..." (Rm 9.6). Deus transmitira essas promessas e alianças por intermédio dos "patriarcas" e profetas a Israel; por exemplo, Deus disse a Abraão que abençoaria seus descendentes (veja Gn 12.1-3). No entanto, Paulo faz uma distinção importante e radical: "... Porque nem todos os que são de Israel são israelitas" (Rm 9.6). Em outras palavras: "Precisamos definir bem o termo 'Israel'!". Alguns que descendem da raça de Abraão, Isaque e Jacó não são o Israel verdadeiro, e outros que não descendem fisicamente deles são (Paulo disse isso antes, em 4.11,12,16).

Em seguida, para provar o que está dizendo, ele recorre a dois exemplos do Antigo Testamento. Ele diz: "Olhem com todo cuidado para as promessas divinas". Deus prometera a Abraão que seus descendentes, seu "povo", seriam abençoados, mas Abraão teve dois filhos — Isaque e Ismael. E era "por meio de Isaque [que] a tua descendência [seria] chamada" (9.7 — Paulo está citando Gn 21.12). Só um dos filhos de Abraão foi aceito por Deus; Ismael era descendente físico, mas não espiritual de Abraão. Por conseguinte, explica Paulo, só Isaque era "... [filho] da promessa..." (Rm 9.8) — só ele nascera de Sara, só ele herdara as bênçãos de Deus (v. 9).

Paulo em seguida demonstra outra vez o princípio nos filhos gêmeos de Isaque e sua esposa, Rebeca. Embora ambos tivessem "... um mesmo pai..." (v. 10, NIV) e portanto fossem

descendentes físicos de Abraão, só um se tornou seu descendente espiritual e herdou as promessas. Todavia, ao falar do caso de Jacó e Esaú, Paulo se aprofunda no tratamento de Isaque e Ismael. Ele enfrenta a pergunta tão espinhosa: "Por que alguns descendentes de Abraão amam a Deus e são o verdadeiro Israel, e outros não?" (Claro, a partir disso a resposta de Paulo lidará com a pergunta mais ampla de por que alguém ama a Deus e por que outros não o amam.)

É difícil evitar a resposta de Paulo ou deixá-la passar despercebida, embora nem sempre seja fácil aceitá-la. Em primeiro lugar, a escolha de Deus em abençoar Jacó e não Esaú era anterior ao nascimento deles, "pois os gêmeos ainda não tinham nascido..." (v. 11).

Em segundo lugar, a escolha não fora feita com base no que ele sabia sobre como seriam os dois meninos. Ela foi feita quando "... os gêmeos ainda não tinham [...] praticado o bem ou o mal...". Algumas pessoas argumentam que Deus simplesmente "antevê" quem aceitará e quem rejeitará seu caminho, mas o versículo 12 reforça a ideia de que a bênção vem "... não por causa das obras, mas por aquele que chama".

Em terceiro lugar, e como resultado dos dois primeiros aspectos da resposta, a única diferença entre Esaú e Jacó era "... o propósito de Deus segundo a eleição..." (v. 11). A palavra grega para eleição é *ekloge*, que significa tirar, ou escolher.

Além disso, no versículo 13, Paulo parafraseia as palavras de Deus por meio do profeta Malaquias (1.2,3): "... amei a Jacó, mas odiei a Esaú..." (Rm 9.13, NIV). Precisamos ter cuidado para não pensar nesse ódio como algo idêntico à emoção que costumamos chamar por esse nome. Existe uma EXPRESSÃO IDIOMÁTICA hebraica por trás dessas palavras. Jesus disse a seus discípulos que eles precisavam "odiar" a família para segui-lo (veja Lc 14.26, NIV). Isso não tem o sentido literal de odiar nossos pais, mas de preferir Jesus a eles. Todavia, Paulo

está dizendo que Deus escolhe pôr Jacó acima de Esaú, mas não por causa de nada em Jacó que fosse moralmente superior a Esaú. O único motivo pelo qual Jacó recebeu a promessa foi em razão da escolha graciosa de Deus.

Esse ensinamento é fácil de entender, mas difícil de aceitar. A resposta de Paulo tem causado dificuldade para as pessoas há séculos. Por isso Romanos 9 a 11 costuma ser ignorado. Você encontrará um apêndice na página 213 tratando dessas dificuldades e questões em mais detalhes, mas aqui precisamos esclarecer rapidamente duas objeções particulares.



Esse ensinamento é fácil de entender, mas difícil de aceitar.

1. "Quer dizer que Deus é arbitrário? Ele escolhe as pessoas, de certa forma, enquanto recita: Um, dois, três?" Não. Paulo não está dizendo que Deus não tem suas razões. Tudo que nos é dito é que as razões não estão em nós. Não existe nenhuma superioridade dos que creem em relação aos que não creem.
2. "Por que temos de insistir na doutrina da eleição? Ela causa tantos problemas." Sim, a "eleição" causa muitas dificuldades. Mas o melhor motivo para aceitar a doutrina é que toda alternativa cria mais problemas e dificuldades. A primeira é: sem "eleição", você compromete o ensino central da Bíblia de que somos salvos só pela graça, não por nossas obras. Se a diferença entre o ímpio e quem crê está em nós (uma humildade maior, uma receptividade maior etc.), então somos os verdadeiros autores da nossa salvação.

A promessa de Deus falhou?

Paulo deu uma resposta abrangente (ainda que talvez desconcertante) para a pergunta: "A promessa de Deus a Israel falhou?".

Em primeiro lugar, as promessas de Deus no Antigo Testamento nunca foram automaticamente dadas a ninguém que descendesse em sentido físico dos patriarcas. Uma fé espiritual era necessária para herdar as promessas feitas a Israel.

Em segundo lugar, ele afirma que a fé espiritual que herda as promessas é, no final, em função da escolha de Deus. O Senhor não escolheu todo o Israel racial, e, assim, nem todo o Israel racial creu. Deve-se observar que essa é a resposta de Paulo "... Até o dia de hoje..." (11.8). Em Romanos, capítulo 11, ele diz que a descrença atual de Israel não é permanente. Haverá uma conversão em larga escala de judeus ao cristianismo no futuro. Entretanto, Paulo aqui estabeleceu de modo claro a doutrina da eleição: aqueles que se achegam por livre vontade a Deus são aqueles a quem Deus escolheu por livre vontade.

Perguntas para reflexão

1. Por que importa se as promessas de Deus falharam ou não?
2. Como a natureza emocional da linguagem de Paulo estimula e/ou desafia você?
3. Como o fato de sua salvação ser inteiramente o resultado da eleição de Deus o leva a uma maior gratidão?

SEGUNDA PARTE

Deus é injusto?

O início de Romanos 9.14 sugere que Paulo já ensinou essa matéria antes! Ele acaba de declarar que, quando as pessoas não creem, é porque Deus não as escolheu. Em seguida, de imediato, ele diz: "Que diremos? Há injustiça da parte de Deus?...". Ele propõe a pergunta, é claro, porque sabe que essa é a primeira reação de todos que ouvem tal ensino! É normal

indagar: "Escolher só alguns e não todos — isso não é justo! Deus não está sendo injusto?". Paulo, no entanto, contesta: "... De modo nenhum".

Nos versículos 14 a 18, ele deixa a fé dos patriarcas e se concentra no período do Êxodo; no tempo de Moisés e do faraó. E seu argumento central é que Deus tem misericórdia daqueles a quem escolhe. Em Êxodo 33.18,19, ao suplicar a Deus que continue a estar presente com Israel, embora eles o tenham rejeitado, Moisés lhe pede: "... Rogo-te que me mostres tua glória". Ele estava implorando: "Por favor, Deus, mostra-me quem o senhor é, o que faz o senhor ser Deus". A resposta divina? "... Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o meu nome, o SENHOR; e terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia, e me compadecerei de quem eu quiser me compadecer". Portanto, em Romanos 9.15, Paulo está falando sobre um aspecto de Deus que está bem na essência do seu caráter.

Contudo, a princípio, isso tudo soa quase como as palavras de um valentão arbitrário... até que paramos para refletir. A misericórdia, por definição, não pode nunca ser uma obrigação. Considerá-la "injusta" é dizer que ela é devida a todos. Acontece que a misericórdia é imerecida e, portanto, inteiramente facultativa. Sendo assim, vejamos o argumento de Paulo. Afirmar: "É injusto que Deus só tenha misericórdia de alguns" é uma declaração contraditória. Paulo está raciocinando: "Você está dizendo que Deus deve a salvação a alguém? Claro que não!". E, se ele não *deve* a salvação a ninguém, então é *livre* para concedê-la (a) a todos, (b) a alguns, ou (c) a ninguém. John Stott diz:

> O modo de Paulo defender a justiça de Deus é proclamando sua misericórdia. Isso soa como um completo *NON SEQUITUR*. Mas não é. Apenas indica que a própria pergunta é equivocada,

> pois, no que diz respeito à salvação, a base sobre a qual Deus lida com os pecadores, não é a justiça, mas a misericórdia.[1]

Portanto, a salvação "... não depende da vontade nem do esforço de alguém..." (v. 16) — ou seja, de algo que desejamos ou pelo que lutamos, ou que buscamos alcançar — "... mas de Deus mostrar misericórdia". Por conseguinte, ninguém pode acusar Deus de injustiça por não estender sua misericórdia a mais pessoas do que suas escolhidas. A salvação está relacionada com sua misericórdia e seu dom, não com nossas obras e nosso direito.

Como exemplo, considere uma mulher rica que resolve escolher vinte crianças de uma região degradada da cidade e garantir que tenham condições financeiras para concluir a faculdade. Há milhares de outros possíveis beneficiários igualmente dignos. E essa mulher rica teria condições de ajudar muito mais do que vinte crianças. Mas alguém pode dizer que, como ela ajudou algumas, está sendo injusta com as outras? Não. Ela não tem nenhuma obrigação particular de ajudar nenhuma criança. Como tudo que ela deu é por pura misericórdia, não se pode falar sobre ser "injusta".

Ninguém pode reivindicar nada da misericórdia de Deus (se o fizesse, não seria mais misericórdia). Como "... o salário do pecado é a morte..." (6.23), o que é chocante não é que Deus não estenda sua compaixão para *todo o mundo*, mas que a estenda para *alguém*.

O coração endurecido do faraó

Tendo considerado Moisés, o grande líder do Êxodo do povo de Deus, Paulo agora se volta para o grande inimigo dos israelitas, o faraó egípcio que os escravizava e se recusava a deixá-los

[1] *The message of Romans*, The Bible Speaks Today (Downers Grove: IVP Academic, 2001), p. 268-9 [edição em português: *A mensagem de Romanos*, A Bíblia Fala Hoje (São Paulo: ABU, 2000)].

partir. E ele fez isso pelo simples fato de que Deus resolvera que assim seria: "... Para isto mesmo te levantei: para mostrar em ti o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra" (9.17, citando Êx 9.16). Assim como Deus misericordiosamente tem compaixão daqueles de quem escolhe se compadecer (Rm 9.15), assim "... endurece a quem quer" (v. 18).

Esses versículos são bem difíceis; mas, de novo, fazem sentido depois de alguma reflexão. Nos versículos 17 e 18, Paulo usa o faraó como um estudo de caso de como a soberania de Deus se relaciona com a responsabilidade humana. Se recuamos até Êxodo 4—14 e lemos o relato do que aconteceu, vemos uma imagem fascinante. Por um lado, a Bíblia nos conta que Deus endureceu o coração do faraó: "... eu lhe endurecerei o coração, e ele não deixará o povo ir" (Êx 4.21 — veja também 7.3; 9.12; 10.1,20,27). Deus diz que endureceu o coração do faraó para cumprir seu plano (Rm 9.17). Mas, por outro lado, ficamos sabendo que "o faraó [...] endureceu o coração" (Êx 8.15 — veja também 8.19,32; 9.7,17,34). E Deus fala para o faraó que ele está sendo punido porque "... você ainda insiste em colocar-se contra o meu povo..." (Êx 9.17, NVI).

O que a Bíblia está dizendo sobre o endurecimento de coração? Alguns acham que o faraó era um sujeito bacana, mas Deus veio e tornou seu coração duro e frio. Mas essa não é uma interpretação justa. Se conferirmos em Êxodo mesmo, encontraremos o faraó escravizando e buscando eliminar (por meio do infanticídio) um grupo inteiro de pessoas, os israelitas. E há muitas declarações sobre o faraó endurecendo o coração, bem como sobre Deus endurecendo-o. De algum modo, as duas situações são verdadeiras. Além disso, Paulo já falou sobre isso em Romanos 1.24. Ele disse que o coração dos homens está cheio de desejos ardentes e "... por isso [...] Deus os entregou..." à satisfação de suas vontades. De modo que Paulo já explicou de maneira mais completa a ideia que defende em 9.17,18. O endurecimento por

Deus do coração do faraó foi um modo de "entregá-lo" à própria teimosia. O faraó decidiu resistir a Deus; Deus reforçou-o nessa posição. Concedeu ao faraó o que ele escolhera.

Quando Deus endurece alguém, não cria a dureza; apenas permite à pessoa seguir o próprio caminho. Ele endurece aqueles a quem quer endurecer. E aqueles a quem ele endurece querem ser endurecidos.

Martyn Lloyd-Jones escreve:

> O mundo caiu em pecado, mas Deus pôs um limite, uma barreira, e esse mundo seria o caos completo e um inferno se ele não o tivesse feito. Mas, no instante em que ele retira sua influência repressora [em determinado ponto], acontece o endurecimento [...]. Ou seja, esse é um dos modos pelos quais Deus produz o endurecimento [...]. Ele os entrega a si próprios.[2]

Não retruque

Em seguida, Paulo vai mais longe para explicar por que Deus não é injusto em ter misericórdia de alguns e ignorar outros tantos, particularmente agora que estabeleceu que Deus endurece aqueles a quem deseja endurecer. Em certo sentido, Paulo já respondeu à pergunta pelo exemplo do faraó que se endureceu e foi por Deus endurecido. Mas aqui estão mais três ideias apresentadas por ele.

Em primeiro lugar, nos versículos 20 e 21, ele diz que Deus nos fez e, portanto, tem direito de propriedade. Por si mesma, essa seria uma resposta suficiente à pergunta da "justiça", do motivo pelo qual "... Deus ainda nos culpa..." (v. 19, NVI). "Mas quem és tu, ó homem, para argumentares com Deus?..." (v. 20). Somos tão inferiores a Deus que não temos nem a sabedoria

[2] *Romans chapter 9*, Romans Series (Grand Rapids: Zondervan, 1989), p. 176.

nem o direito de questionar nosso Criador. Essa é a abordagem do próprio Deus quando Jó indaga por que o Senhor o fez passar por tamanho sofrimento. Na condição de leitores, conhecemos a resposta — Satanás quis provar que Jó só ama a Deus pelo que dele recebe, não por quem ele é, e, assim, Deus lhe permitiu testar Jó (1.8-12). Deus poderia optar por deixar Jó entrar nessa dimensão espiritual — em vez disso, desafia o direito de Jó até de fazer perguntas (Jó 38—41). Quem é Jó, um homem, para discutir com seu Criador ou lhe retrucar? Precisamos ter cuidado para não nos colocarmos como juízes de Deus, em vez de nos lembrarmos de que é ele quem nos julga; e, acima de tudo, precisamos ter o cuidado de não recriar Deus de um modo que seja mais agradável ou palatável, em vez de reconhecer que ele é nosso Criador. Ele é o oleiro divino; nós somos o barro humano (Rm 9.21).



Precisamos ter cuidado para não nos colocarmos como juízes de Deus, em vez de nos lembrarmos de que é ele quem nos julga.

Em segundo lugar, no versículo 22, Paulo afirma que, enquanto Deus é o autor da nossa salvação, nós somos os autores da nossa condenação. Observe que Paulo diz aqui que Deus "... suportou com muita paciência os vasos da ira...". Isso mostra que as pessoas más não são más porque Deus as fez assim. Ele as suporta. Nunca dá a ninguém o que esse alguém de fato merece. Deus não é injusto com ninguém. E então Paulo acrescenta que esses vasos da ira estão "... prontos para a destruição" — mas não revela quem os destruiria. Compare isso com o versículo 23, que fala claramente dos vasos da misericórdia de Deus, "... [preparados] "de antemão para a glória". Depreende-se que os vasos da ira foram preparados para a destruição por si mesmos (lembre-se de 1.24, em que Deus entrega as pessoas para a vida e a morte que elas escolheram).

Em terceiro lugar, em 9.23, Paulo afirma que Deus está mostrando "... as riquezas da sua glória..." ao ter misericórdia de alguns e ignorar outros. Essa é a essência do mistério. De alguma forma, se Deus tivesse misericórdia de todos ou condenasse todos, não veríamos sua glória. Não penso que Paulo esteja nos dando aqui muito mais do que uma dica, mas é uma dica muito sugestiva. Pois a dúvida maior é: "Se Deus pode salvar todo o mundo, por que não o faz?". E aqui Paulo parece dizer que o caminho escolhido por Deus (salvar alguns e deixar outros) no fim será mais adequado para manifestar a glória de Deus do que qualquer outra possibilidade que possamos imaginar. Talvez nos pareça estranho, mas essa é a questão — não somos Deus, e não temos como saber tudo ou decidir o que é melhor (v. 20 — Paulo voltará a essa ideia em 11.33-36).

Resumindo, na eleição Deus vem, suaviza nosso coração e nos torna bons. No endurecimento, ele simplesmente ignora e deixa as pessoas seguirem o caminho que escolheram. Nas palavras de John Stott:

> Se [...] alguém está perdido, a culpa é dele, mas se alguém é salvo, o crédito é de Deus. A ANTINOMIA contém um mistério que nosso conhecimento presente não é capaz de solucionar; mas que é coerente com as Escrituras, com a história e com a experiência.[3]

D. James Kennedy oferece uma ilustração muito útil nesse sentido:

> Cinco pessoas planejam assaltar um banco. São amigos meus. Descubro tudo e discuto com eles. Imploro que não o façam. Por fim, tiram-me da frente e dão início ao plano. Agarro um dos homens e luto com ele no chão. Os outros vão em

[3] *The message of Romans*, p. 270.

> frente, assaltam o banco, um guarda é morto, eles são presos, condenados, sentenciados [...] O único homem que não se envolveu no assalto está em liberdade. Agora proponho a você a seguinte pergunta: De quem é a culpa pela morte dos outros homens? [...] Esse outro homem que agora caminha livremente por aí — será que ele pode dizer: "Sou um homem livre porque meu coração é muito bom"? O único motivo pelo qual ele está livre sou eu, porque eu o impedi. De igual modo, aqueles que vão para o inferno não têm ninguém mais para culpar a não ser a si mesmos. Aqueles que vão para o céu não têm ninguém mais a louvar a não ser Jesus Cristo. Assim, vemos que a salvação é pura graça do início ao fim.[4]

O Deus da reviravolta surpreendente

Paulo agora está pronto para retornar a sua primeira pergunta sobre a descrença dos judeus. O que interessa não é a descendência física, mas o chamado de Deus (9.24) — e ele chamou judeus e gentios. Tendo olhado para os patriarcas (v. 7-13) e para o Êxodo (v. 14-18), Paulo agora passa para o tempo dos profetas. A função dos quatro versículos do Antigo Testamento que ele cita nos versículos 25 a 29 é estabelecer que Deus sempre trabalhou para fazer e cumprir promessas, e isso com frequência envolve reviravoltas surpreendentes. A própria história judaica é um registro de como Deus chama aqueles que não são seu povo de "... Meu-povo..." (v. 25) — de modo que aqueles que um dia não foram seu povo se tornam seus filhos (v. 26). Paulo cita Oseias, que profetizava sobre o que aconteceria ao Israel étnico no exílio — aqui, o apóstolo parece usá-lo como um modelo para o que Deus está fazendo pelos gentios. Diz ele aos judeus: "Vocês sabem que Deus sempre foi o Deus que abençoa aqueles

[4] *Truths that transform* (Grand Rapids: Revell, 1974; ed. expandida, Revell, 1996), p. 39-40 [edição em português: *Verdades que transformam* (São José dos Campos: Fiel, 2012)].

que não merecem e que não poderiam prever isso". Se os gentios estão afluindo para se tornarem povo de Deus, isso deveria mesmo nos surpreender?

Deus abençoa aqueles que não merecem e que não poderiam prever isso.

E o inverso também é verdade. A história do Antigo Testamento deveria mostrar aos judeus que Deus não prometeu abençoar todo o Israel étnico — pelo contrário, na verdade. Falando outra vez em exílio, Deus prometeu por meio de Isaías que só "... o REMANESCENTE é que será salvo" (v. 27), porque Israel enfrentara o julgamento divino (v. 28). Somente por causa da misericórdia de Deus sobre o remanescente é que Israel não foi destruído como foram Sodoma e Gomorra, os grandes exemplos do Antigo Testamento do justo juízo de Deus (v. 29). Paulo está dizendo: "Vocês sabem que Deus sempre foi o Deus que rejeitou aqueles que se achavam merecedores de suas bênçãos e se apoiavam nisso. Se os judeus rejeitaram Cristo e seu povo, isso deveria mesmo nos surpreender?

Deus é um Deus que mantém suas promessas por meio de reviravoltas surpreendentes; as mantém por caminhos que nem sempre podem ser previstos. E ele é um Deus absolutamente livre para escolher dar sua misericórdia imerecida a quem ele quiser e para continuar a optar por entregar pessoas à vida e ao destino que escolheram. Ele sempre foi assim — nos dias de Abraão, no tempo de Moisés, no período dos profetas e hoje.

Perguntas para reflexão

1. Como você usaria Romanos 9 para responder a alguém que diz que Deus é injusto?
2. Medite nos versículos 20 e 21. Como isso o torna mais humilde e o ajuda a exaltar a Deus?
3. Há questões sobre essa doutrina com as quais você tem dificuldade ou das quais necessita descobrir mais?

5. NOSSA RESPONSABILIDADE

A situação que Paulo descreveu ao longo de Romanos 9 é de que uma crescente maioria da igreja era gentia. Em geral, os gentios se mostravam mais receptivos ao evangelho do que os judeus — embora estes fossem o povo de Deus no Antigo Testamento.

Alcançaram sem que buscassem

A situação às avessas é descrita por Paulo em sua declaração surpreendente de Romanos 9.30,31: "... os gentios, que não buscavam justiça, alcançaram justiça..." (v. 30). Que é uma declaração muito enxuta. Os incrédulos (descritos em 1.18,19), em primeiro lugar, não contavam com uma imagem completa da justiça como os judeus, os quais tinham toda a lei de Deus. Os gentios tinham uma noção básica na consciência (2.14,15). Todavia, não seguiam a consciência; antes dedicavam-se ao egoísmo e ao prazer. Isso também é verdade para os incrédulos modernos.

Ironicamente, no entanto, os gentios que levavam uma vida assim perversa estavam mais abertos ao evangelho, à "... justiça que vem da fé" (9.30). Em contrapartida, "... Israel, buscando a lei da justiça, não alcançou essa lei" (v. 31). Os judeus tinham uma consciência profunda de que necessitavam da justiça para comparecerem diante de Deus, ao passo que os gentios não tinham esse entendimento tão desenvolvido. Entretanto, a busca da justiça pelos judeus era "... com base nas obras..." (v. 32).

Considerando que procuravam criar a própria justiça como forma de se posicionarem diante de Deus, tropeçaram no conceito de que a justiça de Deus deve vir como uma dádiva por intermédio de Jesus Cristo.

A ironia dessa inversão pode ser vista de várias maneiras. Aqueles que mais sabiam sobre Deus não chegaram a conhecê--lo, ao passo que aqueles que sabiam o mínimo sobre ele foram os que o conheceram melhor. Aqueles que mais quiseram ser justos acabaram mortos em seus pecados, ao passo que aqueles que menos queriam ser justos acabaram tornando-se santos e inculpáveis aos olhos de Deus.

Não é tão difícil entender o que aconteceu com os judeus e os gentios se pensarmos nos diferentes modos pelos quais as pessoas "religiosas/morais" e as "irreligiosas/descrentes" respondem ao evangelho hoje. As últimas são bem capazes de menosprezar o evangelho, ainda mais quando jovens, mas, à medida que o tempo passa, com frequência aprendem a reconhecer o próprio pecado. Muitas passam a sentir seu vazio espiritual de modo bastante pungente. Mas as pessoas religiosas são bem menos sinceras consigo próprias acerca de seu pecado e, em geral, são presunçosas, têm uma atitude de superioridade para com os outros e um sentimento que proclama: "Eu me esforço muito, então Deus tem uma dívida para comigo". As pessoas religiosas ou se ofendem com o evangelho ("Quer dizer que você poderia ser um criminoso e crer em Jesus e ser salvo? Fácil demais!"), ou submetem a mensagem ao próprio padrão de justiça pelas obras e a reinterpretam para que se adéque, esvaziando da graça o evangelho. Ou seja, esse tipo de pessoa "religiosa" pensa já ter ouvido o evangelho. Como Richard Lovelace observa:

A pessoa "religiosa" pensa já ter ouvido o evangelho.

> Todos nos sentimos automaticamente atraídos pela suposição de que somos justificados por nosso nível de santificação [...]. Começamos cada dia com nossa segurança pessoal repousando não no amor receptivo de Deus e no sacrifício de Cristo, mas nos nossos sentimentos presentes ou conquistas recentes relacionados à [religião]. Como esses argumentos não aquietarão a consciência humana, somos inevitavelmente levados [...] a uma justiça própria, que falsifica os registros para alcançar um senso de paz.[1]

Tropeçando em Cristo

A primeira metade do versículo 32 explica o que Paulo quer dizer com a afirmação de que os judeus "... tropeçaram na pedra de tropeço" da segunda metade. Essa pedra é Cristo, que é "... pedra de tropeço para os judeus..." (1Co 1.23, NIV). Por que as pessoas tropeçam em Jesus? Porque a fé nele requer que abramos mão de qualquer ideia de justiça própria e aceitemos a dele. Jesus requer que nos humilhemos antes que possamos ser exaltados. Enquanto qualquer pessoa buscar a salvação "... com base nas obras..." (Rm 9.32), tropeçará e cairá quando confrontada com Cristo. Como Paulo demonstra ao combinar duas citações de Isaías (28.16 e 8.14) em Romanos 9.33, Cristo é uma pedra sobre a qual edificamos nossa vida ou sobre a qual tropeçamos. Como o apóstolo destacou nos versículos 4 e 5, os judeus tinham toda a luz de que precisavam para ver que quem crer nessa pedra, que é Jesus, "... não será envergonhado" (v. 33). Em vez disso, tropeçaram nele, estorvados por seus mantos de justiça própria.

Contudo, até o versículo 29, Paulo atribuiu essa descrença ao propósito soberano de Deus. Portanto, mesmo buscando

[1] *Dynamics of spiritual life* (Downers Grove: IVP, 1979), p. 211 [edição em português: *Teologia da vida cristã: as dinâmicas da renovação spiritual* (São Paulo: Shedd, 2004)].

manter juntas as seções de 9.1-29 e de 9.30—10.21, as duas a princípio parecem contraditórias. Se a descrença é por causa do controle soberano de Deus, como qualquer ser humano pode ser responsabilizado por ela?

Ora, claro que podemos presumir que isso é uma contradição, o que não confere grande crédito a Paulo. Mesmo que não creiamos na inspiração da Bíblia, temos de concluir que Paulo tinha um intelecto superior. Afinal, ele formulou a fé cristã e a disseminou de forma tão estratégica que ela conquistou o Império Romano e se tornou o maior movimento religioso da história. É improvável, então, que um homem desse calibre escrevesse um tratado organizado sobre teologia e por engano se contradissesse em um capítulo. Mas, se não for uma contradição ou erro, o que está acontecendo?!

Paulo nos mostra que a soberania de Deus e a responsabilidade humana estão relacionadas como em uma "antinomia" — uma contradição aparente. Um exemplo famoso de antinomia é o fato de que a luz às vezes se comporta como partícula e outras vezes como ondas. Não entendemos completamente como pode ser isso — é uma contradição aparente da física. Contudo, esperamos entender no futuro à medida que obtivermos mais informação. O mesmo acontece aqui. A Bíblia nunca diz: "Esse acontecimento se deu inteiramente de acordo com o plano de Deus, portanto os seres humanos não eram responsáveis por seus atos". Tampouco diz: "Os seres humanos eram responsáveis por seus atos, portanto não é certo que o acontecimento se desse de acordo com o plano de Deus". Não. Em vez disso, a Bíblia une essas verdades:

(1) A completa soberania de Deus sobre toda a história.

(2) A completa responsabilidade de cada ser humano por seu comportamento.

A seguinte citação de Martyn Lloyd-Jones não explica toda a "antinomia", mas nos ajuda a ver como Deus pode salvar

pessoas por meio da eleição e, no entanto, as pessoas que não creem ainda serem responsáveis pelo próprio comportamento.

> [Em Romanos 9], versículos 6 a 29, [Paulo] explica por que as pessoas são salvas — pela eleição soberana de Deus. Nesses versículos [v. 30-33], ele está nos mostrando por que elas se perdem, e a explicação é que a responsabilidade é de cada um [...]. Portanto, é isso o que a Bíblia ensina. Somente a eleição explica o salvo, mas a não eleição não explica o perdido [...]. Ninguém seria salvo se Deus, de um modo soberano, não o escolhesse, como vimos extensamente nos versículos 6 a 29. Só a ação de Deus salva o homem. Então por que alguém se perde? Porque não foi eleito? Não! O que explica o perdido é sua rejeição do evangelho [...]. Somos responsáveis por rejeitar o evangelho, mas não por aceitá-lo.[2]

Zelo sem conhecimento = fanatismo

Lembre-se, tudo tem profunda importância para Paulo. Não se trata de uma questão intelectual, abstrata para ele, um mero problema teológico a pedir explicação. Ele está emocionalmente envolvido, porque aqueles que tropeçaram são seus irmãos, que desesperadamente (embora não o percebam) precisam ser salvos. Sua mente está envolvida, mas também seu coração se comove: "... o desejo do meu coração e a minha súplica a Deus em favor de Israel é que ele seja salvo" (10.1). Note que, por crer na verdade sobre Deus e por se importar com aqueles a sua volta, Paulo ora. Nossa vida de oração — se oramos

> Nossa vida de oração tende a revelar o que de fato está em nossa mente e em nosso coração.

[2]*Romans chapter 9*, Roman Series (Grand Rapids: Zondervan,1989), p. 285.

e pelo que oramos — tende a revelar o que de fato está em nossa mente *e* em nosso coração.

O que parece trazer sofrimento para Paulo mais que qualquer outra coisa é que os judeus "... têm zelo por Deus..." (v. 2). Claro, Paulo sabia o que isso significava por experiência própria, uma vez que ele mesmo, como judeu, tinha extremo zelo por agradar, honrar e servir a Deus. Eles estavam dispostos a não medir esforços para obedecê-lo. Paulo está dando crédito onde o crédito é devido e confirmando como é bom para Israel sentir com tanta intensidade a importância de honrar a Deus.

Todavia, ele diz que o motivo de Israel se perder é que zelo não basta; o zelo deve ser baseado em conhecimento. Isso contradiz totalmente um provérbio comum dos nossos dias: "Não importa em que você crê desde que seja sincero". "Bem", diz Paulo, "os judeus eram sinceros e zelosos em suas crenças, mas elas eram erradas e equivocadas!". A verdade é que zelo sem conhecimento ou entendimento é fanatismo, até terrorismo. Imagine uma mulher que ama sua vizinha e lhe leva com toda sinceridade um grande buquê de flores, não percebendo que a vizinha é terrivelmente alérgica a flores. Esse é um zelo sem conhecimento e pode até ser fatal. Imagine uma pessoa que creia com veemência que determinada solução venenosa não é fatal. Se ela a beber, morrerá. Seu zelo não só não a terá ajudado como contribuirá para sua morte.

Por que culpá-los, então, se o problema deles era a ignorância? Olhando bem de perto, vemos que Paulo diz: "... não reconhecendo a justiça de Deus [...] não se sujeitaram à justiça de Deus" (v. 3). Vemos que a ignorância é SUPERÁVEL. Existe basicamente um zelo sincero neles, mas Israel permanece ignorante não porque a informação está indisponível, e sim porque lhes convém continuar ignorantes. Os fanáticos são pessoas que têm zelo e sinceridade (com frequência se dispõem a morrer por sua causa), mas é um zelo que rejeita a

reflexão. Recusam-se a parar e pensar bem nas coisas. Embora sejam sinceros, também podem causar muitos danos. Quando o fazem, nós os responsabilizamos porque deveriam ter mais conhecimento do que ninguém.

Por que Israel deveria ter mais conhecimento do que ninguém

Israel deveria ter mais conhecimento do que ninguém e é indesculpável por dois motivos. Primeiro, porque Cristo veio, e segundo, porque as Escrituras os avisaram antes que ele viesse. "Pois Cristo é o fim da lei [de buscar estabelecer a própria justiça] para a justificação de todo aquele que crê" (v. 4) — a justificação que é "... a justiça de Deus por meio da fé em Jesus Cristo..." (3.22).

Quando Paulo declara que Cristo é "... o fim da lei...", está colocando em termos surpreendentes o que ensinou nos primeiros capítulos da carta. Trata-se de um confronto direto com os moralistas LEGALISTAS e com os religiosos (do tipo de que está tratando neste capítulo). Paulo não está dizendo aqui que a categoria da lei chegou ao fim ou que a natureza obrigatória da lei acabou, e sim que Cristo pôs fim à lei como modo de justificação, como um modo de ser aceitável a Deus. Como sabemos que é dessa maneira que ele está usando a palavra "justificação" aqui? Quando Paulo fala da justificação que vem para aqueles que creem (como fez na última parte de 10.4), ele não se refere à moralidade em geral, mas ao estado de "justiça com Deus" que significa que você encontra favor diante dele. Ou seja, Paulo está dizendo: "A obra de Cristo mostra que a lei como meio de justificação terminou, de modo que a fé possa ser vista como o meio de justificação".

O texto de Romanos 6.1—8.4 nos mostra que estar "... debaixo da lei..." como um *sistema de salvação* não se aplica mais ao cristão. O que não chegou ao fim é nossa obrigação de

obedecer à lei *como forma de agradar e expressar nossa gratidão* ao Deus que nos salvou pela graça.

O segundo modo pelo qual Paulo mostra que a ignorância deles era superável é pelas referências ao Antigo Testamento. Ele cita Moisés duas vezes para mostrar que, embora Moisés pudesse ser lido como quem ensina moralismo, ele sabia que guardar a lei não era suficiente.

Em primeiro lugar, em 10.5, Paulo cita o que Moisés diz em Levítico 18.5 acerca da lei desta maneira: "... o homem que pratica a justiça proveniente da lei viverá por meio [por causa] dela" (acréscimo do autor). Superficialmente, isso parece indicar que Moisés estava ensinando a possibilidade de se obter salvação ("vida") guardando a lei. Na verdade, tudo que Moisés estava dizendo era: "Se você pudesse obedecer à lei com perfeição, receberia a vida eterna". Claro que isso é verdade! Mas esse não é o quadro todo.

Em seguida, em 10.6,7, Paulo passa para Deuteronômio 30. A fim de compreender seu argumento, você precisa entender a passagem de Deuteronômio 30.1-14 inteira. Embora só cite o versículo 14, Paulo faz alusões à passagem toda. Em Deuteronômio 30.1,2, Moisés alude ao fato de que Israel se afastará de Deus e receberá maldições e castigo. Então, em 30.6, ele diz: "O SENHOR, teu Deus, circuncidará o teu coração [...] a fim de que ames o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração e com toda a alma, para que vivas". Em seguida, em 30.11-14, ele esclarece: "Ora, o que estou lhes dizendo não é impossível de fazer! Não é preciso subir ao céu ou cruzar o mar para fazê-lo!".

A fé reconhece que não precisamos fazer nada para sermos justos.

De modo que Paulo cita Moisés em Romanos 10.6,7 para mostrar a sabedoria da fé. A fé reconhece que não precisamos fazer nada para sermos

justos. Você não precisa subir ao céu (Cristo já desceu de lá) ou lidar com os próprios pecados na morte (Cristo já fez isso). Paulo mostra que Moisés sabia ser necessário algo mais que guardar a lei e que Deus fez tudo que era preciso: "... A palavra está perto de ti..." (v. 8). Moisés sabia que fé tem a ver simplesmente com o que você diz com a boca por crer em seu coração. Zelo com conhecimento significa confiar em Cristo para justificação, crescer nele como o alicerce da vida, obedecer à lei de Deus por gratidão e (como veremos na próxima parte deste capítulo) proclamar o evangelho de Deus por amor.

Perguntas para reflexão

1. Você já viu pessoas (talvez você mesmo!) que não buscavam a justificação, mas nas quais Deus trabalhou para levá-las à fé?
2. Você é por natureza alguém que precisa acrescentar zelo a seu conhecimento ou conhecimento a seu zelo?
3. Você já se deu conta de que a fé em Cristo significa o fim de qualquer dependência do cumprimento da lei para alcançar segurança? Que diferença isso faz para você?

SEGUNDA PARTE

Confesse e creia

"... A palavra está perto de ti..." (v. 8) — mas qual é "... a palavra de fé que pregamos" e que leva à verdadeira justificação (ao contrário da lei)? Como ela nos salva? O versículo 9 explica. Em primeiro lugar, essa "... palavra..." é uma verdade que precisa ser conhecida. Entende-se que esse conteúdo consiste em:

- *A pessoa de Jesus.* "... Jesus como Senhor..." é uma referência a tudo que sabemos sobre a identidade divina de Jesus. A

palavra grega que Paulo usa para "Senhor" é *kurios*. No grego do Antigo Testamento, o termo *kurios* era a tradução do nome pessoal de Deus, *Yahweh*. Assim, chamar Jesus de *kurios* era não só proclamar sua DIVINDADE como declarar que ele era a autoridade suprema sobre o mundo (os Césares também reivindicavam o título de *kurios* ou governante supremo).

- *A obra de Jesus.* "... Deus o ressuscitou dentre os mortos..." Precisamos crer que ele foi ressuscitado dos mortos e, portanto, que morreu. Em outras palavras, temos de crer na vida, morte e ressurreição de Cristo por nossos pecados.

Deve haver um corpo básico de conteúdo disposto diante de nós. Você não pode ser salvo ao acreditar por acreditar! Horatius Bonar, autor de hinos, expressou isso desta forma:

> Em uma vida que não vivi,
> em uma morte que não morri.
> Na vida de outro, na morte de outro,
> nisso aposto toda a minha eternidade.

Em segundo lugar, essa "... palavra..." é uma verdade em que se deve crer. Isso não quer dizer que o coração inteiro deva ser purificado perfeitamente. No contexto do restante de Romanos 10, podemos ver o que significa "crer". O coração é o símbolo de todo o eu. Portanto, devemos confiar todo o nosso eu à pessoa e obra de Cristo como nossa justificação. Devemos transferir a confiança que temos em nossos próprios esforços para sermos justos para a justificação de Cristo em nosso favor. Essa é a fé que salva — não simplesmente uma crença geral em que Cristo viveu ou em seu ensinamento. Temos de confiar em sua obra (sua morte e ressurreição) por nós.

O versículo 10 é uma reafirmação da verdade do versículo anterior. Mas também nos mostra que confessar com a boca

e crer no coração não são atos separados — são dois lados da mesma moeda de fé real. E, em pé de igualdade, a justificação e a salvação são em essência a mesma coisa. Como explica John Stott:

> O PARALELISMO é reminiscente da poesia hebraica no Antigo Testamento, e as duas condições [...] devem ser consideradas juntas em vez de separadas. Assim, não há nenhuma diferença substancial aqui entre ser "justificado" e "salvo". De modo semelhante, o conteúdo da crença e o da confissão precisam ser fundidos.[3]

Em outras palavras, "confessar com a boca" nada mais é que parte de "crer com o coração". As duas coisas significam "professar" fé em Cristo. Qualquer um que crê expressa essa crença.

Se entendermos errado o ARTIFÍCIO LITERÁRIO do "paralelismo", podemos pensar que Paulo estava dizendo que temos duas coisas distintas a fazer: primeiro, confessar oralmente que Jesus é Senhor; e, segundo, crer internamente que ele ressuscitou. Mas isso contradiria o restante de Romanos, pois exigiria um tipo de "obra" para ser salvo, uma profissão pública de certas "palavras mágicas". Em vez disso, é somente necessário transferir todas as nossas esperanças das nossas mãos e do nosso controle para Cristo. Paulo promete que jamais nos arrependeremos de confiar nele em vez de em nós mesmos (v. 11). E nos lembra de que todos podem fazer isso — não existe diferença

Transferimos todas as nossas esperanças das nossas mãos e do nosso controle para Cristo.

[3] *The message of Romans*, The Bible Speaks Today (Downers Grove: IVP Academic, 2001), p. 283 [edição em português: *A mensagem de Romanos*, A Bíblia Fala Hoje (São Paulo: ABU, 2000)].

alguma entre judeu e gentio quando se trata da necessidade da salvação em Cristo nem quando o assunto é sua disponibilidade (v. 12). Em Joel 2.32 temos um resumo dessas verdades maravilhosas, citadas em Romanos 10.13: "Todo aquele [judeu ou gentio, religioso ou irreligioso, bom ou mau] que invocar o nome do Senhor [reconhecendo quem é Jesus e nossa necessidade dele] será salvo [completamente amado, abençoado e justificado para toda a eternidade por Deus]" (acréscimos do autor).

Como eles podem invocar?

Tudo que todos precisam fazer, então, é tudo que todos podem fazer: "... invocar o nome do Senhor..." (v. 13). Deus, por intermédio de seu Filho, já fez tudo. Como as pessoas invocam o Senhor? Em primeiro lugar, elas devem crer (v. 14). Paulo disse isso nos versículos 9 e 10 — essa crença na verdade sobre Jesus em nosso coração é o que nos torna cristãos. Mas "... como crerão naquele de quem não ouviram falar...?" (v. 14). A mensagem deve ser ouvida. É provável que Paulo tenha mais em mente do que a mera exposição. Isso quer dizer que a fé salvadora não pode acontecer de modo místico, mas tem de ocorrer em resposta ao conteúdo que penetra de fato o entendimento. Por exemplo, só ler a Bíblia não salva; não se trata de um processo mágico. A mensagem da Bíblia precisa ser ouvida e compreendida de fato. A pessoa não pode crer a menos que a mensagem seja ouvida com atenção.

Mas "... como ouvirão, se não há quem pregue?" (v. 14). A mensagem precisa ser transmitida. A palavra traduzida como "pregue" é *kerysso*, que significa ser um "arauto" ou fazer anúncios. O arauto era, em certo sentido, um jornal vivo; os arautos representavam um grande meio de transmissão de notícias ao fazer anúncios no mercado e nas ruas da cidade. Assim, a palavra "pregar" não se refere apenas ao que hoje chamamos de "sermões". Os arautos atuavam nas ruas.

"E como pregarão, se não forem enviados?..." (Rm 10.15). Alguém deve se incumbir da transmissão da mensagem, deve ser o arauto. A palavra grega traduzida por "... enviados..." é *apostello*. É provável que Paulo tivesse dois aspectos em mente quando escreveu "enviados". Primeiro, que Cristo enviou testemunhas e mestres autorizados, os apóstolos, cuja mensagem está na Bíblia. Segundo, é provável que "enviados" também se refira ao modo pelo qual Cristo, por meio de sua igreja, envia missionários, pregadores e cristãos comuns a todos os lugares e em todos os tempos para serem mensageiros da palavra apostólica. Deus nos enviou com a mensagem da salvação. Ele pode nos enviar além-mar, para o púlpito ou para o outro lado da rua de nosso bairro. Mas são nossos os pés que levam boas-novas (v. 15).

Observe o que Paulo está ensinando sobre o evangelismo aqui:

- É absolutamente necessário: "... E como crerão [...] se não há quem pregue?" (v. 14).
- Requer uma disposição para falar (pregar).
- Requer não só proclamação, mas persuasão, fazer com que a pessoa entenda e veja a importância do que compreendeu (ouviu).
- Requer a transmissão de um corpo de verdades que não é a opinião de alguém, mas a revelação autorizada de Cristo e seus apóstolos.

Beleza não reconhecida

"... Como são belos os pés dos que anunciam coisas boas!" (v. 15). Mas a beleza com frequência não é reconhecida. Foi isso o que aconteceu em Israel, diz Paulo: "Mas nem todos os israelitas deram ouvidos ao evangelho..." (v. 16). "Dar ouvidos" é melhor traduzido por "obedeceram". Rejeitar a bela mensagem do evangelho é desobedecer a Deus. Ironicamente, os judeus, ao insistir em que poderiam conquistar a justificação

pela obediência a Deus, estavam desobedecendo a Deus ao rejeitar o evangelho da salvação pela fé!

Na verdade, como Paulo mencionou antes (9.27-29), a rejeição dos judeus ao plano de salvação de Deus não é nada novo. Setecentos anos antes do nascimento de Jesus, Isaías relatava: "... Senhor, quem deu crédito a nossa mensagem?" (Rm 10.16). O que faltava aos judeus era fé — e fé na "... palavra de Cristo" (v. 17). Uma vez que os judeus tivessem ouvido e compreendido a mensagem do evangelho, então a única coisa a faltar na cadeia da salvação (Deus enviou... os cristãos pregaram... as pessoas ouviram... as pessoas creram e invocaram Jesus) seria o último elo.

Mas talvez ainda haja espaço para desculpas. Talvez não tenham ouvido o evangelho (v. 18). Paulo responde: "... Claro que sim..." (v. 18). Ele cita o salmo 19, o que é um pouco surpreendente, pois o salmo fala de como a criação de Deus (as montanhas, o céu) declara a glória de Deus por todo o mundo. Paulo provavelmente queria dizer que a disseminação do evangelho era ampla dessa forma. Antes que alguém discorde disso já que o evangelho ainda hoje não alcançou todas as partes do mundo, perceba que Paulo está pensando nos judeus. Onde quer que existisse uma comunidade judaica, o evangelho fora pregado. Eles tinham ouvido.

Todavia, Paulo questiona, será que Israel havia entendido (Rm 10.19, NVI)? Ao fazer essa pergunta, ele está mostrando que é possível ser exposto ao evangelho e não entendê-lo de fato com o intelecto. Mas sua resposta é que, sim, eles entenderam. Paulo cita Deuteronômio 32.21 para demonstrar que só os gentios eram "... insensatos...", ou seja, "sem entendimento". Não conheciam a natureza de Deus (sua santidade), a necessidade de santificação, as promessas de perdão por substituição implícitas na adoração no tabernáculo e no Templo, todas as promessas sobre um Messias ou (especialmente) o fato de o Senhor poder se tornar nossa justiça em nosso lugar (Jr 23.5,6).

De modo que os gentios, não os judeus, desconheciam os caminhos de Deus. Deuteronômio 32.21 mostra que Deus, em certo sentido, coloca os judeus em pé de igualdade com os gentios, tornando-os "invejosos".

Então por que Israel não creu? Não pode ser porque não compreenderam, visto que Deus pode operar para superar isso, como fez com os gentios (Rm 10.19). Não pode ser porque não buscavam a Deus, pois Deus trabalha para se revelar àqueles que não perguntavam por ele (v. 20). E Deus "... Todo o dia [estendeu] as [...] mãos..." para Israel (v. 21). Contudo, eles não responderam porque são desobedientes e obstinados. Essa é uma acusação impressionante. Deus não estende as mãos para os gentios como fez com os judeus. Não deu aos gentios nada nem próximo do que deu aos judeus. Porém, eles reagiram melhor do que os judeus. Portanto, Israel não deve ser perdoado por sua recusa.

Deus é soberano. Mas isso não significa que exista alguma desculpa para desobedecer a seu chamado para crer no evangelho, para invocar em confiança seu Filho e desfrutar da salvação. Somos, em nosso pecado e rejeição do evangelho, "... indesculpáveis" (Rm 1.20). Essa passagem nos comunica duas verdades distintas: todo ser humano é responsável pelo modo como trata a "... palavra de Cristo"; e todo cristão é responsável por transmitir a "... palavra de Cristo". Todos prestarão contas a Deus em relação terem completado o último "elo da cadeia": em relação a terem crido. Temos de nos assegurar de que, onde quer que Deus nos tenha colocado, ninguém a nossa volta possa dizer que não ouviu ou que não entendeu.

Deus é soberano. Mas isso não é desculpa para desobedecer a seu chamado para crer no evangelho.

Perguntas para reflexão

1. Você considera um privilégio fazer parte do modo pelo qual Deus salva as pessoas? Como isso o motiva a "pregar"?
2. Como você poderia ter "belos pés", compartilhando as boas-novas hoje?
3. Você costuma se descobrir dando desculpas para "pessoas boas" que rejeitaram a mensagem do evangelho? Como as palavras de Paulo sobre seu próprio povo desafiam você?

6. DEUS E ISRAEL

Deus escolhe aqueles que salvará pela fé no evangelho. Somos responsáveis por rejeitar a ele e ao evangelho. Portanto, os judeus são responsáveis pela própria recusa em se voltar para Cristo, e eles não abraçaram a fé porque Deus não escolheu ter misericórdia deles. Esse foi um resumo do ensinamento de Romanos 9 e 10. Mas, se é assim, permanece a pergunta: "... Por acaso Deus rejeitou o seu povo?..." (11.1). Ele rejeitou o Israel étnico? Depois de todas as promessas que fez a Abraão e a Davi, bem como a tantos outros ao longo da história de Israel, por que Deus não inclina o coração deles para si? Será que ele agora os abandonou por completo? Paulo responde de imediato com um grande *NÃO!* O restante de Romanos 11 detalha a razão desse *não* — e o argumento central é: *Deus não rejeitou Israel, pois a incredulidade de Israel não é completa.*

Antes de examinarmos cada versículo com mais detalhes, precisamos reconhecer que este é um dos capítulos de mais difíceis compreensão em toda a Escritura. Para ter uma visão sucinta de como ele flui, veja o apêndice que resume a estrutura na página 203. Não devemos esperar que um guia com a extensão e a profundidade deste livro responda a todas as perguntas ou se detenha em cada complexidade que a passagem contém; no entanto, podemos orar para que passemos a conhecer melhor a Deus e a louvá-lo mais, como resultado do nosso tempo examinando essa porção de sua Palavra.

Deus não rejeitou Israel

Paulo apresenta quatro argumentos para demonstrar que Deus na verdade não rejeitou Israel, seu antigo povo.

1. **Versículo 1** — o "argumento paulino". Paulo chama a atenção para o fato de que ele próprio, o maior missionário da igreja primitiva, é judeu. Está dizendo: "Olhem para mim! Sou judeu e fui uma pessoa muito blasfema e endurecida. Como podemos dizer que Deus desistiu dos judeus se não desistiu de mim? Ele me tomou e vem me usando poderosamente em sua obra".
2. **Versículo 2** — o "argumento da eleição". Vimos no capítulo 9 que conhecer por antecipação é mais do que ver de antemão. Paulo está dizendo que Deus determinou — preordenou — levar os judeus à fé. Aqueles a quem ele conheceu por antecipação não podem deixar de crer.
3. **Versículos 2 a 4** — o "argumento de Elias". Para Elias Deus havia abandonado Israel e ninguém acreditava exceto ele: "... os israelitas abandonaram a tua aliança, derrubaram os teus altares e mataram os teus profetas pela espada; e fiquei eu, somente eu..." (1Rs 19.14). Mas Deus contradisse a percepção de Elias, como Paulo destaca em Romanos 11.4: "... Reservei para mim sete mil homens que não dobraram os joelhos diante de Baal" (parafraseando a resposta de Deus para Elias em 1Reis 11.18). Em outras palavras, sempre houve em Israel um "remanescente" fiel, o Israel espiritual dentro de Israel — mesmo nas épocas em que Israel parecia ter rejeitado a Deus por completo, e Deus a eles.
4. **Versículos 5 e 6** — o "argumento da graça". Paulo diz: "Assim, pois, também no tempo presente...", para mostrar que, como Elias, equivocamo-nos pensando que todo Israel foi rejeitado. Não, afirma Paulo: "... restou um remanescente segundo a eleição da graça" (Rm 11.5,6). O que ele

> quer dizer é o seguinte: a garantia de que sempre haverá um remanescente fiel não é que sempre há um conjunto de pessoas boas e decentes que crerão, mas, sim, que há sempre a graça de Deus. É Deus que preserva um remanescente. Os que creem o fazem inteiramente por causa da graça.

Outro modo de dizer isso é que Paulo usa um argumento com duas ilustrações. O argumento é "... a eleição da graça"; Deus escolheu um remanescente fiel por pura graça de sua parte. As duas ilustrações são a fé de Paulo e o erro de Elias.

Como Israel deixou de receber a justificação

A passagem de Romanos 11.7 nos lembra de que "... nem todos os que são de Israel são israelitas" (9.6): "... O que Israel..." — i.e., a nação como um todo, ou a grande maioria — "... está buscando, isso não alcançou; mas os eleitos..." — a minoria de Israel que creu, como Paulo — "... o alcançaram; e os demais foram endurecidos...". Lembre-se, conforme 10.3, de que Israel procurava a justiça. Aqui Paulo diz que, apesar de "... tanto..." (11.7, NVI) a buscarem, faziam-no tentando estabelecer a justiça própria, em vez de recebê-la como um dom de Deus por intermédio de Jesus (10.3,4).

Parece haver então uma ordem dos fatos: primeiro, Israel procurou a justiça de Deus, mas, quando confrontado com a opção de obtê-la pelas obras ou como um dom, a maioria a buscou por meio das obras, ao passo que os "eleitos" a aceitaram como um dom. Em seguida, a maioria foi endurecida. Penso ser justo parafrasear Paulo em 11.7 do seguinte modo: "Israel procurou muito a justiça de Deus, mas da maneira errada, exceto os eleitos. Em consequência disso, a maioria foi endurecida".

Portanto, o endurecimento que temos aqui é "penal", um castigo por se ter um coração orgulhoso que rejeita a

mensagem da graça. De novo, Paulo cita o Antigo Testamento, pois deseja demonstrar que Deus sempre tratou assim o Israel étnico — se eles se endureciam, ele os endurecia, dando-lhes "... um espírito entorpecido, olhos para não ver e ouvidos para não ouvir" (v. 8). Observe o que Paulo está fazendo ao escolher essa citação em particular. Ele cita Isaías, o qual, por sua vez, parafraseou as palavras de Moisés em Deuteronômio. De modo que Paulo está dizendo: "Moisés advertiu Israel na época de que a rebelião deles resultou na cegueira espiritual dada por Deus. Isaías avisou Israel que isso perdurava 'até o dia de hoje'. Agora estou lhes advertindo de que esse endurecimento ainda permanece".

Dessa forma, nos versículos 9 e 10 (citando Sl 69), vemos que o "escurecimento" dos olhos deles é uma "... retribuição...", a qual é um castigo que se ajusta com exatidão ao crime. O endurecimento, portanto, é um castigo ajustado para o espírito orgulhoso. Orgulho e egocentrismo levam ao endurecimento e ao desamor. A rejeição a Deus leva à rejeição de Deus. Embora Deus a execute, trata-se de uma consequência natural.

Buscando, mas rejeitando

Paulo está dizendo algo surpreendente nesses versículos — que o povo que "... tanto buscava [o relacionamento com Deus]" [...] (Rm 11.7, NVI, acréscimo do autor), que tanto queria agradá-lo, foi o mesmo povo que rejeitou o amor de Deus e foi por ele endurecido. Como é isso?

Precisamos nos lembrar de que "endurecimento" nem sempre é sinônimo de amargura, ira e hostilidade contra o cristianismo *em si*. Não necessariamente significa aspereza ou severidade. O homem endurecido é alguém OBTUSO por completo em relação ao evangelho da justificação e adoção gratuitas.

O versículo 7, portanto, nos oferece a imagem de uma DINÂMICA capaz de acontecer hoje. O conceito que impressiona é o

seguinte: alguém pode se desesperar ("tanto") tentando agradar e servir a Deus a ponto de resistir com vigor à ideia da graça. Como? Bem, seria possível concluir com muita facilidade que Deus, sendo santo e esplendoroso, não tolera o mal de modo algum. Por isso, você deduz que precisa limpar e purificar seu coração para se aproximar dele. Você considera desonroso para um Deus santo qualquer conceito de aceitação gratuita, total e incondicional. "Imagine!", diz uma pessoa com essa visão. "Um assassino condenado poder proferir palavras de arrependimento e achegar-se a Deus como quem trabalhou durante anos para ser bom! Que ilógico! Que insulto à justiça de Deus!" Você pode ver o evangelho como um insulto à grandeza de Deus.



Alguém pode se desesperar ("tanto") tentando agradar e servir a Deus a ponto de resistir à ideia da graça.

Isso é uma forma de "judô" espiritual, praticado no coração pelo pecado e pelo Diabo. O judô usa o movimento de ataque do inimigo contra ele mesmo. É bom buscar a justiça de Deus, mas o anseio por buscá-la pode facilmente ser usado para fazer com que o evangelho pareça indigno dessa justiça. Assim, por meio de um desejo real de agradar a Deus — entremeado pelo orgulho involuntário das próprias habilidades —, o coração adquire profunda alergia e resistência à misericórdia e ao amor de Deus por meio de Cristo.

Esse é o caso de muitas pessoas por todo o mundo nos dias de hoje. Por exemplo, pessoas religiosas bastante sinceras (sejam elas judias, hindus, muçulmanas e assim por diante), se mal orientadas, rejeitam o evangelho porque ele parece atenuar a necessidade de esforço moral. Acertar-se com Deus é algo que buscam seriamente, com sinceridade — mas, ao mesmo tempo, a oferta amorosa de Deus para esse acerto é rejeitada. Essa dinâmica também ocorre dentro da igreja. Ela pode

ser vista nas congregações motivadas quase unicamente pelo medo, pela culpa e pela necessidade de aprovação.

O futuro de Israel

A pergunta do versículo 11 é, em essência, a mesma do versículo 1. Por causa da sua rejeição e do castigo de Deus, será que os israelitas "... tropeçaram para que ficassem caídos..." e nunca mais se levantassem? A resposta é a mesma: "... De maneira nenhuma...". Na verdade, o modo como o evangelho foi recebido por judeus e gentios faz parte do plano soberano de Deus — nesse plano não somente os não judeus alcançam a fé, mas também os judeus. Nos versículos 11 a 16, Paulo estabelece os três estágios pelos quais Israel passará com relação ao evangelho de Jesus.

No primeiro estágio, Israel cometeu uma "... transgressão..." (v. 11,12), que, no entanto, trouxe salvação aos gentios. Isso é fascinante. Paulo quer dizer que, embora muitos judeus cressem, havia grande hostilidade contra o cristianismo em meio à maior parte de Israel. Se isso não tivesse acontecido, os primeiros cristãos judeus poderiam ter chegado facilmente à conclusão de que o evangelho era apenas para o Israel étnico, e teria havido pouco estímulo para pregar o evangelho a mais alguém. No livro de Atos, um ciclo se repete:

(a) O evangelho é pregado em uma sinagoga.
(b) A comunidade judaica se divide, com alguns crendo, mas muitos se tornando hostis.
(c) Consequentemente, os pregadores se voltam para os gentios da cidade e encontram muitos convertidos entre eles.
(d) Por fim, a igreja se torna multiétnica, tanto com judeus quanto com gentios.

Imagine se a sinagoga inteira se convertesse em todas as cidades. O cristianismo poderia ter sido visto como um movimento de renovação apenas dentro do Israel étnico. Assim,

"... a transgressão deles [dos judeus] significa riqueza para o mundo..." (v. 12).

No segundo estágio, os gentios provocam "... ciúmes..." em Israel (v. 11). Paulo prossegue dizendo que um dos objetivos do seu ministério é "... provocar ciúmes nos da minha raça e [por isso] salvar alguns deles" (v. 14, acréscimo do autor). Em geral, usamos a palavra "ciúmes" em sentido negativo. Na verdade, Lucas menciona que os judeus tinham inveja dos apóstolos (veja At 5.17; 13.45; 17.5), querendo dizer que tinham ciúmes de seu sucesso, de sua aclamação, da influência e do poder crescentes que desfrutavam. Em Atos 8, Simão, o Mago, ficou com inveja do poder de operar milagres dos apóstolos e pediu para tê-lo. Foi repreendido com rigor por Pedro.

O tipo de inveja que Paulo devia ter em mente é bem descrito por John Stott:

> Nem toda inveja é maculada pelo egoísmo, pois nem sempre se trata de um descontentamento relutante ou de uma cobiça pecaminosa. Em essência, a inveja é "o desejo de ter para si algo possuído por outrem", e se é boa ou má depende da natureza do que é desejado e se a pessoa tem algum direito de possuí-lo. Se isso é mau por si mesmo ou se pertence a outra pessoa e não temos nenhum direito de reclamá-lo, então a inveja é pecaminosa. Mas, se o que é desejado é bom em si mesmo, uma bênção de Deus, da qual ele pretende que todo o seu povo desfrute, então "cobiçá-lo" e "invejar" quem o tem não é indigno, em absoluto. Esse tipo de desejo é correto em si mesmo, e estimulá-lo pode ser uma motivação realista no ministério.[1]

[1] *The message of Romans*, The Bible Speaks Today (Downers Grove: IVP Academic, 2001), p. 297 [edição em português: *A mensagem de Romanos*, A Bíblia Fala Hoje (São Paulo: ABU, 2000)].

Aqui, então, está um esclarecimento notável. Assim como os gentios só podiam ter ouvido falar porque a maior parte de Israel rejeitou a Cristo, agora os judeus só podem crer porque aqueles que aceitaram a Cristo eram na maior parte gentios. Em outras palavras, os judeus verão muitas promessas do Antigo Testamento cumpridas nos gentios e crerão.

Um possível exemplo disso é Atos 6.1-7. Depois de a igreja primitiva separar oficiais (diáconos) para cuidarem dos necessitados, a Bíblia nos conta (v. 7) que muitos sacerdotes judeus se converteram a Cristo. Por quê? Esperava-se que os sacerdotes levassem os dízimos e recursos do povo aos pobres, mas isso não aconteceu como deveria. Agora os cristãos, sob o poder do Espírito Santo, estavam sendo generosos e criando uma comunidade em que cada pessoa necessitada era atendida. Essa era a postura que Israel deveria ter (veja Dt 15.4,5)! Parece que os sacerdotes viram isso, ficaram com inveja e, convencidos do pecado, deram ouvidos ao evangelho. É provável que Paulo tenha algo assim em mente em Romanos 11. Primeiro os judeus alcançaram os gentios, mas, no segundo estágio, os gentios alcançarão os judeus.

Por fim, Paulo fala de um terceiro estágio, em algum momento no futuro. No segundo estágio, o ciúme de Israel só alcança "... alguns deles" (v. 14). Contudo, Paulo antevê um tempo de maiores riquezas (v. 12), de aceitação (v. 15). Ele entrará em mais detalhes sobre como é esse estágio nos versículos 25 a 27.

O versículo 16 é difícil de interpretar. É provável que signifique que o remanescente fiel deveria ser visto como os "... primeiros frutos..." de uma colheita posterior muito maior. A fé no evangelho por parte de judeus como Paulo é um sinal de que, um dia, haverá muitos mais como ele.

Observe que Paulo está falando "... a vós, gentios..." (v. 13). Ele quer que os cristãos não judeus da igreja de Roma entendam que Deus não desistiu de seu antigo povo. Tampouco Paulo fez

isso, nem eles deveriam. Há um desafio implícito aqui para a comunidade cristã gentia e para as comunidades cristãs de hoje: "Será que estamos criando uma comunidade que é o cumprimento daquilo que Deus chamou Israel a ser no Antigo Testamento? Um judeu devoto olharia para nossa igreja, seria estimulado a sentir inveja e daria ouvidos ao evangelho?".



Será que estamos criando uma comunidade que é o cumprimento daquilo que Deus chamou Israel a ser no Antigo Testamento?

Perguntas para reflexão

1. Há pessoas que você considera estarem fora do alcance de Deus — das quais ele abriu mão? Como você combaterá essa atitude?
2. Você já conheceu alguém com uma visão tão elevada da santidade de Deus a ponto de não conseguir aceitar sua graça?
3. Olhando para sua vida, alguém conseguiria ver e assim passaria a invejar os benefícios do evangelho de que você desfruta?

SEGUNDA PARTE

Ramos enxertados

No versículo 16, Paulo comparou os crentes judeus de seu tempo a uma raiz, prometendo mais ramos santos no futuro. No versículo 17, ele prossegue com a imagem da árvore — uma oliveira —, mas muda o que ramos e raiz representam.

Para compreender a advertência de Paulo aos cristãos gentios nesse contexto, precisamos de uma rápida lição de horticultura! William Ramsay, estudioso escocês do Novo Testamento, nos fornece um esclarecimento nesse ponto:

> Em circunstâncias excepcionais [...], costuma-se revigorar a oliveira que está deixando de dar frutos enxertando-lhe um broto de oliveira silvestre, a fim de que a seiva da árvore ENOBREÇA o broto silvestre e a árvore comece a dar frutos de novo.[2]

Essa prática da horticultura é uma grande metáfora para Paulo. O "ramo da oliveira silvestre" é algo de crescimento dinâmico, mas capaz de extrair e produzir vida pelo simples fato de estar enxertado na árvore da qual extrai seu alimento. Ao mesmo tempo, a presença do ramo renova a árvore inteira, ativando todo o seu sistema. Paulo aplica a metáfora em especial "... a vós, gentios..." (v. 13). Eles são os "... ramos [...] cortados [da] oliveira silvestre..." e que foram "... enxertado[s]..." no povo de Deus, de modo que agora podem ser "... participante[s] da raiz e da seiva da oliveira cultivada" (v. 17) — o evangelho vivificante da justificação pela fé, a qual tem sido a fé de um Israel que crê desde Abraão, fundador do povo judeu.

E a advertência de Paulo aos gentios é para que não se vangloriem (v. 18), não devem menosprezar os ramos que "... foram cortados..." (v. 19) — os judeus incrédulos. Eles têm de perceber que são os beneficiários da religião bíblica de Israel (veja 9.1-5). Foram enxertados na árvore de Israel. São herdeiros das promessas feitas a Abraão porque têm a fé de Abraão (9.6,7). Mas em tudo isso eles chegam e se posicionam no fluxo da história e promessa bíblicas que passam por Israel. Assim, não devem menosprezar os judeus, mas respeitá-los: "... não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti" (11.18). Não há nada mais inadequado do que os gentios faltarem com o respeito para com os judeus. Temos uma Bíblia judaica e um Messias judeu!

Os gentios são advertidos a não serem arrogantes, mas, em vez disso, temerem (v. 20). É verdade que "... ramos [judeus]

[2] *The expositor*, citado em Stott, *The message of Romans*, p. 300.

foram cortados, para que eu [um gentio] fosse enxertado" (v. 19), no sentido de que a rejeição dos judeus trouxe o evangelho para os gentios (v. 12,15). Todavia, nenhum gentio deve pensar que por isso o judeu merece menos, e ele mais, um lugar entre o povo de Deus. Considerando que "... tu estás firme, pela tua fé..." (v. 20) e que "... Deus não poupou os ramos naturais..." quando se recusaram a depositar fé em Cristo (v. 21), os cristãos gentios devem responder com temor reverente. Qualquer que seja nossa origem, tudo que nos impede de sermos "cortados" é a fé que Deus nos concedeu por misericórdia.

Sendo assim, Paulo nos convida a considerarmos "... a bondade e a severidade de Deus..." (v. 22). O fato de a bondade e a severidade divinas repousarem sobre sua vida depende de você crer ou não. O exemplo de um Israel que não crê deveria evitar qualquer comodismo ocasional.

É normal tentar entender como esse tipo de conversa condiz com tudo o que ouvimos Paulo falar em Romanos 8 e 9. Ele disse que só somos crentes justificados porque fomos escolhidos pela graça (8.30,31; 11.5,6), que nossa salvação é certa, e que nada no céu ou na terra é capaz de nos separar do amor de Deus (8.38,39). Então por que nos alerta para que temamos?

Paulo está defendendo a ideia de que fé não é presunção. Ao longo do livro inteiro de Romanos, todo seu argumento acerca dos judeus é: "Embora fossem o povo escolhido, começaram a achar que eram seletos. Tornaram-se confiantes de estar "dentro" independentemente de como vivessem, pelo simples fato de serem descendentes físicos de Abraão. Não é o caso". Portanto, Paulo agora diz: "Não caiam na mesma presunção!". Ele os exorta a "[...] [permanecerem] na bondade [de Deus] [...]" (11.22). A única forma de sabermos que o amor soberano de Deus está



Paulo está defendendo a ideia de que fé não é presunção.

sobre nós é prosseguirmos, perseverando em buscar ser como Jesus, até o dia em que o encontremos. Se essa continuidade desaparece — se começamos a viver por nós mesmos e em pecado ou a confiar em nosso próprio desempenho para manter nosso relacionamento com Deus —, então começaremos a nos perguntar se sua bondade está mesmo sobre nós, se fomos de fato escolhidos — e é melhor mesmo que o façamos.

Não podemos estabelecer uma oposição entre esse tipo de exortação junto com Romanos 8.30 ("... os que justificou, a eles também glorificou") e as várias outras passagens em que Paulo insiste no fato de estarmos seguros no amor de Deus. Em 1João 2.19, lemos: "Eles saíram dentre nós, mas não eram dos nossos, pois se fossem dos nossos teriam permanecido conosco...". Ninguém está falando em "perda da salvação" aqui, mas apenas na *revelação de impostores*. Hebreus 3.14,15 é parecido: "Porque temos nos tornado participantes de Cristo, se mantivermos a nossa confiança inicial firme até o fim, enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais vosso coração...". Se temos fé em Cristo Jesus, podemos nos sentir seguros; mas nunca devemos ser arrogantes.

Todo Israel será salvo

Paulo agora volta a discutir o futuro de Israel. Primeiro ele salienta que é perfeitamente possível os judeus serem incluídos no povo de Deus: "... se não permanecerem na incredulidade [...] Deus é poderoso para enxertá-los novamente" (Rm 11.23). Se ele foi capaz de salvar os que pertenciam à "... oliveira silvestre por natureza..." (v. 24) — os gentios — "... quanto mais..." é capaz de trazer os judeus, os "... ramos naturais...", de volta à "própria oliveira!". Paulo está dizendo aos gentios: "Considerando que Deus pode salvá-los, a vocês que nasceram sem todos os privilégios de 9.4,5, ele com certeza pode salvar um judeu, nascido com todos eles!".

Desse modo o apóstolo revela um "... mistério..." para ajudar os irmãos gentios a não serem "... arrogantes..." (11.25). E o mistério é que a dureza de Israel não é permanente e que "... todo o Israel será salvo..." (v. 26). Um versículo surpreendente! O que significa?

De quem se está falando aqui? O que Paulo quer dizer quando faz menção a "Israel"? Alguns pensam que ele esteja se referindo apenas ao remanescente eleito de Israel, mas isso torna a declaração sem sentido (claro que todos os eleitos serão salvos!). Além do mais, está claro que a palavra "Israel" no versículo 25 diz respeito ao Israel étnico, em contraste com os gentios. Portanto, ela se refere aos judeus como um todo.

O que está sendo dito acerca deles? O que significa quando Paulo diz "salvo"? A citação logo a seguir, nos versículos 26 e 27 (de Isaías e Jeremias), faz referência a um "... Libertador [que] virá de Sião..." e lhes tirará "os pecados". Trata-se de Jesus, é evidente. Então, Paulo está dizendo que em algum momento "Israel" como um todo experimentará a salvação por meio de Jesus Cristo. Isso significa que Paulo está incentivando com veemência a evangelização contínua do povo judeu. John Stott faz um comentário interessante, digno de uma citação mais extensa:

> É compreensível que desde o holocausto os judeus exijam o fim da atividade missionária cristã entre eles e que muitos cristãos se sintam constrangidos de lhe dar continuidade. Argumenta-se até que o evangelismo de judeus é uma forma inaceitável de antissemitismo. De modo que alguns cristãos têm tentado desenvolver [...] uma "teologia da dupla aliança" [...], a saber, existiriam duas "trilhas" diferentes de salvação — a trilha cristã para o remanescente e os gentios que creem e a trilha para o Israel histórico que confia na aliança de Deus com eles [...]. Romanos 11 coloca-se em clara oposição a essa tendência por insistir no fato de que só há uma oliveira, a que judeus e gentios pertencem. Os judeus "serão enxertados" de novo "se não

> permanecerem na incredulidade". [Devemos "temer" o que a incredulidade fez com alguns deles.] Portanto, a fé em Jesus é essencial para eles [...]. A teologia da dupla aliança também tem o efeito desastroso de perpetuar a distinção entre judeus e gentios, abolida por Jesus Cristo [...]. "A ironia disso", escreve Tom Wright,[3] "é que o fim do século 20, para evitar o antissemitismo, advogou uma posição (a não evangelização dos judeus) que Paulo considera exatamente antissemita. Seria intolerável imaginar uma igreja, em qualquer época que fosse [ou] apenas um fenômeno gentio, ou consistisse apenas em judeus".[4]

Quantos serão salvos? O que a palavra "... todo..." no versículo 26 significa? É provável que "... todo o Israel..." não se refira a todo judeu sem exceção, explica F. F. Bruce:

> "Todo o Israel" é uma expressão recorrente na literatura judaica, que não precisa significar "todo judeu sem uma única exceção", mas "Israel como um todo".[5]

É provável que a palavra faça referência a uma grande massa de judeus. É assim que "Israel" é usada no restante do capítulo. Paulo costuma empregá-la para falar da maioria dos judeus em relação à minoria dos judeus que creem e em contraste com essa minoria. Isto é, embora ele próprio faça parte de Israel no sentido étnico, não se inclui quando trata do "Israel" que rejeita o evangelho.

Muitos acreditam que Paulo deva estar fazendo alusão a um avivamento em massa, de última hora e em larga escala, do cristianismo entre os judeus — e talvez esse seja o caso.

[3] *The climax of the covenant*, p. 253.

[4] *The message of Romans*, p. 304-5.

[5] *Romans*, Tyndale New Testament Commentaries Series (Downers Grove: IVP Academic, 2008), p. 209.

Mas a linguagem que ele utiliza favorece a possibilidade de um fluxo constante e crescente de judeus para o cristianismo até chegarmos à situação em que mais judeus ou a maioria deles passariam a crer.



A linguagem que Paulo utiliza favorece a possibilidade de um fluxo constante e crescente de judeus para o cristianismo.

Sendo assim, como os gentios deveriam enxergar os judeus não cristãos? Apesar da hostilidade entre eles (v. 28), Deus ama os judeus por causa da promessa que fez a seus antepassados, os "patriarcas", e "... Porque os dons [a promessa] e o chamado de Deus [o compromisso em fazer de Israel seu povo] são irrevogáveis" (v. 29, acréscimos do autor). Além disso, nos versículos 30 e 31, Paulo diz que os judeus incrédulos precisam ser vistos com esperança. Os cristãos têm de dizer para si mesmos: "Desobedeci a Deus e me recusei a crer no evangelho, e olhem para mim agora — aqui estou, um cristão, em parte porque o evangelho foi além do Israel descrente (v. 30). Portanto, se Deus pode me alcançar com sua misericórdia por meio da desobediência deles, com certeza pode alcançá-los com sua misericórdia por meio da minha fé (v. 31)! Que papel eu conseguiria desempenhar em seus maravilhosos propósitos soberanos para seu antigo povo?".

O versículo 32 é (quase) a conclusão de Paulo para o capítulo e da seção que começou em 9.1: "Porque Deus colocou todos debaixo da desobediência [i.e., endureceu-lhes o coração já duro, 9.17,18], a fim de usar de misericórdia para com todos" (acréscimo do autor). Pelo fato de Paulo usar a palavra "todos" para se referir àqueles com quem Deus usará de misericórdia, muitos pensam que o apóstolo está ensinando a salvação universal — ou seja, no fim, Deus simplesmente terá misericórdia de todos e salvará a todos. Mas o restante de Romanos não nos permite interpretar dessa maneira. Romanos 2.5-8 nos diz

com toda clareza que alguns receberão o julgamento de Deus no final. Pelo contrário, devemos entender que 11.32 (em conjunto com os versículos 30 e 31) ensina que Deus não está demonstrando preferência. Ele usa os judeus para alcançar os gentios e os gentios para alcançar os judeus. Todos os povos — tanto os gentios quanto os judeus — encontrarão a misericórdia de Deus (ou, antes, serão por ela encontrados). O fato de a misericórdia de Deus abranger a todos significa que, como expõe F. F. Bruce, ela alcança "a todos sem distinção, em vez de a todos sem exceção".[6]

Quão insondáveis os seus juízos!

O versículo 32 marca o fim da argumentação de Paulo — mas não do capítulo. Nos versículos 33 a 36, encontramos o apóstolo irrompendo em adoração espontânea! São versículos maravilhosos para leitura e meditação. Podemos aprender muitas coisas sobre nossa própria adoração com seu exemplo — aqui estão quatro delas:

1. *Não deve haver adoração sem verdade.* Paulo cita as Escrituras ao prestar louvores espontâneos a Deus. No versículo 34, ele cita Isaías 40.13 e, no versículo 35, Jó 41.11. Conhecer as Escrituras na intimidade faz enorme diferença tanto para dar início ao louvor no coração quanto em sua expressão. Muitos livros ensinam técnicas de meditação e/ou de espiritualidade centradas em "visualizações" de incidentes do passado ou em frases, imagens ou mesmo em absolutamente nada. A verdadeira adoração não vem pela meditação geral, mas pela meditação das Escrituras em particular. A Bíblia deve sempre ser o centro de qualquer louvor e adoração públicos ou privados.

[6] *Romans*, p. 219.

2. Em contrapartida, *não deve haver ensino ou estudo da verdade sem adoração.* Paulo não ensina nem estuda a verdade doutrinária sem utilizá-la de imediato para louvar a Deus. Ele nunca trata a verdade simplesmente como algo a ser conhecido ou mesmo aplicado, mas, sim, como uma porta de acesso ao louvor a Deus. Ele usa a verdade para ver Deus. Nunca devemos estudar Deus ou a Bíblia de modo desinteressado, apático. Temos de permitir que a verdade nos incomode, console e desafie. Temos de sempre nos permitir sentir-lhe o poder.
3. *Doutrinas que exaltam a Deus levam a maior alegria.* Paulo não encontra os mais profundos impulsos para o louvor buscando-os nas realizações humanas. O louvor depende do grau de clareza com que enxergamos nossa fraqueza, impotência e dependência completa de Deus. Em outras palavras, a doutrina da soberania total de Deus na salvação é o que leva Paulo a maior louvor e alegria. Nunca demos nada a Deus — ele não nos deve nada. Essas são as ideias que trazem maior alegria a Paulo na adoração.
4. *Não precisamos entender tudo para louvar ao Deus que entende tudo.* Paulo não se deixa abater pelos aspectos dos caminhos de Deus que não consegue discernir ou compreender. "... Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!" (Rm 11.33). Muitos têm a impressão de não conseguir adorar a Deus a menos que entendam tudo acerca dele; Paulo, no entanto, sabia que isso era uma impossibilidade. Um Deus cujo conselho pudéssemos entender em plenitude, cujos caminhos pudéssemos discernir em sua totalidade e cuja natureza pudéssemos explicar por completo em nossa



Um Deus cujos caminhos pudéssemos discernir em sua totalidade seria um "Deus" bastante limitado.

mente humana seria um "Deus" bastante limitado. O Deus da Bíblia é muito maior do que nós. Por isso, como Paulo, não necessitamos ficar preocupados com o fato de não compreendermos tudo acerca dele e de seu plano. Nós o louvamos por tudo que ele tem revelado. E o louvamos por haver tanto mais que ele não revelou. Podemos não ser capazes de entender tudo a seu respeito, mas somos capazes de nos maravilharmos com ele. Ecoamos Paulo no versículo 36: "... A ele seja a glória eternamente! Amém".

Perguntas para reflexão

1. O que daria errado em sua vida cristã se você só se lembrasse da bondade ou da severidade de Deus, e não das duas?
2. Como esses versículos mudam sua visão do povo judeu?
3. Medite nas verdades de Romanos 9—11. Permita que o levem a louvar a Deus por seu caráter e suas obras.

7. NOVOS RELACIONAMENTOS: COM DEUS E A IGREJA

O capítulo 12 marca uma virada, o início de uma nova seção. "Portanto..." (v. 1), Paulo começa; ele está prestes a traçar um perfil da vida cristã que deveria brotar do conhecimento e da confiança no evangelho que vem explicando. Assim, os versículos 1 e 2 são um resumo de toda a vida cristã!

Por que obedecer?

Qual a motivação para a vida cristã? O versículo 1 nos dá a principal delas, resumida em duas palavras. "Portanto..." indica que nos entregamos a Deus em virtude de tudo o que Paulo explicou nos capítulos 1—11, ou seja, pelo fato de sermos justificados só pela graça, só por meio da fé, só por causa de Cristo.

A segunda palavra, "... misericórdia...", que aparece em "... pelas *misericórdias* de Deus..." (NVI, grifo do autor), em essência diz a mesma coisa. Resumindo, a única motivação suficiente para a vida cristã é a gratidão pela graça.

Isso é de especial importância à luz do argumento magnífico e incomparável de Paulo, em Romanos 8, de que os cristãos não podem perder a salvação ou o lugar que ocupam no amor de Deus. Se fosse possível ao cristão perder a salvação,

com certeza a motivação predominante para nossa obediência seria o medo. Em geral os não cristãos não creem na ira de Deus e, portanto, não a consideram muito assustadora. Todavia, nós sabemos de sua existência, de modo que, se um cristão crê ser possível ficar novamente debaixo dessa condenação, experimentará um medo imenso. A obediência baseada no medo é mais negativa (medo de punição) do que positiva (gratidão pela graça).

Se o medo for a motivação principal para nossa obediência, certamente detectaremos os seguintes efeitos:

1. Nossa motivação perderá poder com o tempo. O medo, por ser uma emoção, é muito exaustivo. Ele conduz a grandes feitos no início, mas acaba cansando. As pessoas que vivem com grande medo experimentam um efeito entorpecedor depois de algum tempo. Pouco a pouco, elas se cansam demais para dar importância às coisas, indiferentes ao que acontece. Por conseguinte, a religião baseada no medo com frequência tende a ter vida curta.
2. A obediência baseada no medo também enfrenta grandes problemas com o arrependimento. Motivados pelo medo, acreditamos que em algum lugar existe uma "linha"; se pecamos demais, significa que a atravessamos e que Deus nos condenará. Mas não sabemos onde fica essa linha. Por isso, o arrependimento não é uma coisa doce, mas muito amarga. Não temos segurança para reconhecer nossos pecados, temendo a represália divina, de modo que nos entregamos a um sem-número de racionalizações e culpa.
3. A obediência baseada no medo sempre tornará difícil suportar o sofrimento ou os problemas. A pessoa que se baseia no medo pensará: "Deus está me dando o troco! Talvez eu tenha passado do limite desta vez...". Ou: "Não é justo! Obedeço para que Deus me abençoe, para que coisas

ruins como essas não aconteçam!". Em outras palavras, o desespero ou a amargura serão o resultado do sofrimento se a vida do cristão tiver o medo como base.

Sacrifícios vivos

Assim, Paulo nos oferece um ponto de partida para a vida cristã em uma frase simples que nos desarma: "Portanto [...] pelas misericórdias de Deus..." (12.1, NVI). Em seguida, exorta os irmãos a fazerem duas coisas, que são as características centrais da vida de quem segue Jesus. Uma está no versículo 1, e a outra, no versículo 2. Voltemo-nos agora para a primeira: "... apresenteis o vosso corpo como sacrifício vivo...".

Paulo lança mão aqui da terminologia utilizada no templo. Sua metáfora é do adorador que chega ao templo com uma oferta. Ora, no Antigo Testamento, algumas ofertas eram "pelo pecado", quando o adorador derramava sangue e pedia perdão. No entanto, Jesus é nossa oferta pelo pecado — é disso que trata o livro inteiro de Hebreus. Portanto, a oferta para a qual Paulo aponta não é pelo pecado.

O segundo tipo era a "oferta queimada", na qual se sacrificava um animal valioso do rebanho. Ele tinha de ser sem defeito (santo e sem mácula). Por quê? Um animal desses era caro! Indicava que tudo que você tinha estava à disposição de Deus — que você não lhe oferecia as suas sobras! A oferta era sempre queimada por completo e representava a total consagração e devoção a Deus.

Ser um "... sacrifício vivo..." é estar à disposição de Deus por inteiro. Significa se dispor ativamente a obedecê-lo em qualquer coisa que ele *diga* em relação a qualquer área da vida; e, passivamente, estar disposto a agradecer a Deus por tudo que ele *envia* em qualquer área da vida.

Outra maneira pela qual Paulo transmite a ideia de totalidade ou integralidade é exortando seus leitores a que

ofereçam o próprio "... corpo...". Isso devia ser surpreendente para os leitores greco-romanos, criados para crer que o corpo era negativo e mau e que espiritualidade envolvia o cultivo da mente e da alma. Paulo afirma que Deus não deseja uma adoração voltada só para dentro e abstrata, mas prática e completa. Quer que lhe demos tudo que fazemos. Não devemos lhe oferecer as sobras!

Deus quer que lhe demos tudo que fazemos. Não devemos lhe oferecer as sobras!

John Stott escreve:

> Paulo deixou claro, em sua exposição da DEPRAVAÇÃO humana em 3.13ss., que ela se revela por meio do nosso corpo, em línguas que praticam o engano e lábios que espalham veneno, em bocas cheias de blasfêmia e amargor, em pés ligeiros para derramar sangue e em olhos que se desviam de Deus. Em contrapartida, a SANTIDADE cristã se revela nas ações do corpo. Portanto, temos de oferecer diferentes partes do nosso corpo [...] a Deus como "instrumentos de justiça" (6.13,16,19). Então nossos pés percorrerão os seus caminhos, nossos lábios falarão a verdade e proclamarão o evangelho, nossa língua trará cura, nossas mãos levantarão os caídos [...] nossos braços envolverão o solitário e o não amado, nossos ouvidos ouvirão os gritos dos aflitos e nossos olhos olharão com humildade e paciência para Deus.[1]

A palavra "... vivo..." pode significar que o sacrifício é constante. E a palavra "... sacrifício..." na verdade quer dizer "matar". O que converte a expressão em "matar em vida"! Significa que devemos

[1] *The message of Romans*, The Bible Speaks Today Series (Downers Grove: IVP Academic, 2001), p. 322 [edição em português: *A mensagem de Romanos*, A Bíblia Fala Hoje (São Paulo: ABU, 2000)].

renovar o tempo todo nossa posição de obediência completa e de estar à disposição de Deus. Jesus quis dizer isso quando afirmou que um seguidor seu precisa negar "... a si mesmo, [tomar] a cada dia a sua cruz e [...] perder a vida..." (Lc 9.23,24). Assim é a vida "santa" (Rm 12.1). Santo é ser absolutamente puro e completamente separado. A vida cristã precisa ser uma entrega diária de nossa vida e corpo em obediência a Deus, motivada pela visão da misericórdia de Deus que temos ao nos colocarmos ao pé da cruz e vermos seu Filho morrendo ali por nós.

Agradável a Deus

Sacrifício "... santo [...] a Deus..." descreve a qualidade de vida que devemos buscar; "... agradável a Deus..." descreve seu resultado. O evangelho promove um redirecionamento radical de nosso alvo na vida, de modo que não mais esperamos e buscamos agradar aos outros, ou a nós mesmos, mas a nosso Pai. Como Paulo esclarece para a igreja tessalonicense: "... não para agradar a homens, mas a Deus, que testa nosso coração" (1Ts 2.4).

O evangelho tanto nos motiva quanto nos liberta para vivermos de forma que agrade nosso Criador. No evangelho, descobrimos que confiar em Cristo traz favor e aprovação de Deus plenos e completos. O Espírito nos transforma de pessoas cuja mente era "... inimiga de Deus..." (Rm 8.7) em pessoas cuja real natureza deseja amar e servir a Deus (7.22). Ao olhar para o crente, Deus enxerga Jesus e sua obediência perfeita (Gl 3.25-27) — e assim dirige a nós as palavras que profere acerca dele: "... em ti me agrado" (Mc 1.11). Deus se agrada de nós.

E, pelo fato de que ele se agrada de nós, podemos viver de modo que agrade a Deus. Sabemos que, ao obedecermos sacrificialmente, agradamos a nosso Pai celestial. Assim desejamos obedecer a Deus, não por nós mesmos, a fim de que ele nos salve, mas por gratidão a Deus, que sabemos já ter nos salvado. A aprovação divina nos livra para vivermos da maneira

que Deus aprova. Somos seus filhos, por sua graça — em vista disso, almejamos agradar ao Deus que se agrada de nós.

Eis uma ilustração para nos ajudar. Imagine um pai que vê o filho ainda criança jogando bola em um time qualquer depois de passar horas no quintal ensinando-lhe técnicas para chutar com precisão. Ele já ama plena e completamente o filho. Caso o filho se esqueça das suas instruções e mande a bola para fora, de modo algum isso diminuirá o amor ou a aprovação do pai. O filho tem a garantia do amor do pai; seu desempenho é indiferente.

Mas o filho continuará ansiando por um chute certeiro. Não por si mesmo, para conquistar o amor do pai — mas pelo pai, pois já é amado. Se não sabe que o pai o ama, seus esforços serão para si mesmo — para conquistar esse amor. Mas, por saber que seu pai já o ama, seus esforços são para o pai — de modo a agradá-lo.

Ter uma boa perspectiva da misericórdia de Deus nos oferece tanto uma segurança poderosa quanto a possibilidade e a motivação de vivermos uma vida sacrificialmente obediente, que agrade a Deus.

Adoração racional

Viver dessa maneira, diz Paulo, é "... o vosso culto racional..." (Rm 12.1). O que isso quer dizer? O sentido literal do termo grego aqui é "lógico". Isso significa primeiramente que só à luz da misericórdia de Deus a oferta que fazemos de nós mesmos pode ser vista como algo racional ou lógico; e, segundo, que a reflexão clara sobre o assunto mostra que a única reação lógica é fazer da nossa vida essa oferta sacrificial. Resumindo, a partir do momento que você tem uma boa perspectiva da misericórdia de Deus, qualquer coisa menor que um sacrifício total e completo de si mesmo a Deus é absolutamente irracional! Caso se entregue de maneira parcial ou com indiferença,

você simplesmente não estará raciocinando bem; não estará olhando para o que Jesus fez. Se o que ele fez não o leva a quebrar o gelo que lhe reveste a alma, você precisa se perguntar se algum dia entendeu o evangelho.

Transformado, não amoldado

Paulo está expondo um modo de vida radical. Será necessária uma mente transformada para buscá-lo. Por isso ele nos ensina: "E não vos amoldeis ao esquema deste mundo, mas sede transformados..." (v. 2). O que isso quer dizer? Dois esquemas são apresentados: o do mundo e o da vontade de Deus. Paulo nos diz para reconhecermos e rejeitarmos o modo de pensar, de sentir e de comportar-se que caracteriza o mundo e para adotarmos totalmente a vontade de Deus em relação ao caráter e à vida.

A palavra "amoldar" está em oposição a "transformar"; no entanto, e isso é interessante, "transformar" corresponde ao termo grego *metamorpho*. O único outro lugar em que Paulo o utiliza é 2Coríntios 3.18: "Mas todos nós, com o rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, que vem do Espírito do Senhor". Está claro que isso se refere a uma transformação interior em vez de a uma simples adequação exterior. Observe que tal transformação interior é necessária porque a vontade de Deus precisa ser "experimentada" por nós (Rm 12.2). Descobrir mais sobre o que é sábio e bom requer sabedoria e bondade!

Paulo está nos dizendo que a vida cristã acontece por meio da "... renovação da [nossa] mente..." (v. 2). Na verdade, ele não explica o que isso quer dizer, mas sabemos que é importante, pois constitui o modo pelo qual devemos ser transformados segundo o padrão de Cristo. Talvez a melhor maneira de entender isso seja vendo a renovação da mente apenas como mais um modo de falar sobre contemplar a misericórdia de Deus e

responder em adoração racional. Precisamos ter a mente inflamada com a verdade sobre Cristo! Em outra passagem, Paulo nos dá dicas sobre a renovação da mente. Ela não é menos que intelectual; pois significa ter a verdade da Palavra de Deus "... [habitando] ricamente em [nós]..." (Cl 3.16). Contudo, é mais que intelectual. Em Efésios 4.23, Paulo nos fala sobre a renovação "... no espírito da [nossa] mente". É provável que isso signifique dizer não só que tenhamos pensamentos verdadeiros, mas que a influência dominante da nossa mente é redirecionada. Numa terminologia moderna, a "imaginação" da pessoa é controlada por Cristo. Quem ele é e o que fez incendeia a imaginação e controla nossa mente. Mas isso só pode acontecer quando o Espírito Santo usa a verdade em nós desse modo (1Co 2.11-14). Portanto, nossa mente é renovada pela Palavra e pelo Espírito de Deus, resultando em "raciocínios santos" que nos levam a nos oferecer como sacrifícios.

Como vencer a estagnação espiritual

Romanos 12.1,2 nos mostra o modo de vencer a estagnação espiritual ou a desobediência contínua, o modo de levar nosso coração a se oferecer com alegria e por inteiro:

1. Contemplando as misericórdias de Deus (NVI). (A KJ e a ESV trazem "misericórdias" em vez de "misericórdia", como na NIV; não devemos pensar na misericórdia de Deus em geral, mas em seus atos e feitos específicos — olhando para a cruz, acima de tudo.) Se nos falta paixão ou interesse para sermos santos, isso acontece por deixarmos de contemplar as misericórdias de Deus para conosco. Não há como sustentar um padrão de santidade na vida cristã sem avivar o fogo do coração pela meditação profunda na misericórdia e na graça de Deus; precisamos começar a refletir sobre as misericórdias do Senhor.

2. Lembrando-nos de que a única resposta racional ao Cristo que nos dá tudo de si mesmo é dar-lhe tudo de nós mesmos. Deixar de nos entregarmos em obediência completa a Deus é não só moralmente ofensivo, mas um fracasso na tentativa de pensar com clareza. Só nos unimos fortemente ao Único que se entregou por completo em nosso favor se nos rendermos a ele por completo. É a única coisa sensata a fazer!
3. Lembremo-nos de que nossa mente necessita de renovação; não devemos nos amoldar (nem ao mundo nem a um padrão moral novo, externo), mas, sim, ser transformados de dentro para fora. Mais uma vez isso requer que dediquemos tempo com regularidade para meditar em quem Jesus é e no que ele fez e também para refletir em qual é sua vontade para nós nas circunstâncias que coloca em nosso caminho — como ele gostaria que nos comportássemos e como pode, por meio delas, estar nos transformando.

Perguntas para reflexão

1. Como você manterá as misericórdias de Deus em perspectiva na próxima semana?
2. Acontece a você de às vezes obedecer a Deus por medo? O que mudaria se lhe obedecesse por gratidão e pelo desejo de agradá-lo?
3. Identifique uma maneira pela qual você costuma desobedecer a Deus. Como pretende aplicar as três maneiras de vencer a estagnação, expostas neste capítulo?

SEGUNDA PARTE

Nem alto, nem baixo demais

Parte da transformação, tendo em vista a misericórdia de Deus, diz respeito a alcançar uma visão correta de nós mesmos. Paulo

diz: "... a cada um de vocês que não pense de si mesmo mais do que convém..." (Rm 12.3, NVI). Ele nos alerta para evitarmos a autoexaltação. Apesar de todas as advertências que nossa cultura faz sobre o risco da baixa autoestima, o verdadeiro perigo é o egoísmo e o EGOCENTRISMO. A maioria das religiões do mundo identificou que o pior problema da humanidade nasce da visão pretensiosa do indivíduo sobre sua importância, habilidades e direitos (o budismo em particular insiste nesse ponto). Todos temos a tendência de exagerar nossa sabedoria, competência, sinceridade e poder. Como cristãos, temos de evitar isso. C. S. Lewis disse que não conhecia ninguém, exceto os cristãos, que jamais admitisse ser orgulhoso e convencido. Paulo nos mostra que devemos sempre vigiar quanto a esse perigo. Precisamos aceitar o que não somos e o que não conseguimos fazer — o que nos abre para sermos capazes de confiar nos outros.

De igual modo, no entanto, Paulo ensina: "... cada um de vocês [...] pense de si com sobriedade..." (v. 3, NIV). "Sobriedade" aqui significa exatamente o que nos vem à mente como o contrário de embriaguez. Estar sóbrio significa ser rigorosamente preciso, em contato absoluto com a realidade. Paulo não diz aqui: "Sejam humildes" ou "Vejam os outros como se fossem melhores do que vocês mesmos". Nesse ponto, ele adverte contra menosprezar suas habilidades mais do que seria justificado. Temos de reconhecer que somos bons no que temos capacidade para fazer — porque isso nos habilita a servir as pessoas. Precisamos ser sinceros acerca de quem somos, sem nos engrandecermos nem nos rebaixarmos.

Como pensar sobre si mesmo

Assim que Paulo diz para os romanos pensarem "... com sobriedade..." (NIV), ele os orienta a fazerem isso "... conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um..." (v. 3b). Prossegue então para lhes dar outro modo de pensar sobre si mesmos,

como pessoas com diferentes dons em um corpo (v. 4). Essa é a forma correta de verem a si mesmas.

A maioria das pessoas que lê esse versículo acha que "... medida da fé..." quer dizer "quantidade de fé" — ou seja, Paulo estaria dizendo que nossa opinião sobre nós mesmos depende da quantidade de fé que temos, concedida por Deus para algumas pessoas em quantidade maior do que para outras. No entanto, no contexto de tudo que Paulo tem ensinado aos romanos, isso parece improvável. Além do mais, a palavra "medida" corresponde ao grego *metron* (da qual temos "metro"), e pode bem ser que faça referência a um padrão de medida, não a uma quantidade. Em outras palavras, Paulo está dizendo: "A todos vocês foi concedida a fé que salva no Cristo crucificado, e é assim que vocês devem medir a si próprios". Isso quer dizer que precisamos antes de mais nada perceber que somos *todos iguais*. Independentemente de nossa história, habilidades etc., todos somos salvos em Cristo, em quem Deus nos ama igualmente.

O evangelho impede que nos coloquemos em uma posição mais alta do que deveríamos — somos pecadores cujos esforços todos só merecem juízo, e somos salvos inteiramente pela bondade de Outrem. O evangelho também impede que nos coloquemos em uma posição mais baixa do que deveríamos — somos pecadores *salvos*, amados e valorizados aos olhos do Único cuja opinião importa, no fim das contas.



A "medida" segundo a qual nos avaliamos é o evangelho em que cremos.

Essa, portanto, é uma ordem direta para começarmos nossa autoavaliação lembrando-nos de quem somos no evangelho. A primeira "medida" segundo a qual nos avaliamos é o evangelho em que cremos.

Sendo assim, em segundo lugar, precisamos pensar em nós mesmos como pessoas dotadas de dons e habilidades distintos

dentro do corpo de Cristo. Em outras palavras, somos *todos diferentes* também. Não somos clones. Em nossa posição no evangelho somos iguais, mas somos diferentes em nossas habilidades variadas para ministrar uns aos outros. Paulo diz em Efésios que cada pessoa salva é feita "... por ele [Deus], [criada] em Cristo Jesus para as boas obras, previamente preparadas por Deus para que [andassem] nelas" (2.10). A cada um de nós foram conferidos personalidade, temperamento, histórias e habilidades distintos que nos equipam para um conjunto particular de boas obras criadas por Deus para executarmos. Deus deliberadamente ordenou sua igreja como ordenou o corpo humano, para ser interdependentes e, como resultado pertencermos uns aos outros (Rm 12.5).

Paulo organiza esse argumento de forma mais extensa em 1Coríntios 12: "Se o corpo todo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se o corpo todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas, na realidade, Deus colocou os membros no corpo, cada um conforme quis. E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Portanto, há muitos membros, mas um só corpo. E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça pode dizer aos pés: Não tenho necessidade de vós" (17-21).

De novo, essa imagem do corpo nos impede de nos colocar em posição mais elevada do que deveríamos (necessitamos de todos os demais membros do corpo da nossa igreja) e de maneira mais modesta do que deveríamos (os outros membros da nossa igreja necessitam de nós).

"De modo que temos diferentes dons..." (Rm 12.6). E é crucial que nos lembremos que esses dons vêm até nós "... segundo a graça que nos foi dada...". A graça de Deus não é percebida apenas no fato de ele nos conceder a justificação, mas também no fato de nos dar habilidades (veja Ef 4.7-12); e estas são conferidas não para nosso próprio deleite, mas para serem utilizadas em benefício do corpo a que pertencemos.

Assim, a segunda maneira de obter uma visão correta de nós mesmos é nos lembrar a quem pertencemos — ao corpo da nossa igreja; não a nós mesmos, porque pertencemos a Cristo — e então passarmos a trabalhar no ministério, descobrindo o que Deus nos equipou a fazer melhor e fazendo-o com todas as nossas forças!

Os dons de Deus

Paulo a seguir passa a relacionar uma variedade de dons que Deus confere a diferentes membros de seu povo. Essa lista não é completa (tampouco as outras listas de 1Co 12.8-10,28 ou Ef 4.11). De modo geral, os dons espirituais se dividem em três categorias:

- dons de fala (e.g., profecia, ensino, exortação, conhecimento);
- dons de liderança (governo, administração, sabedoria);
- dons de serviço (contribuição, misericórdia, hospitalidade, milagres, línguas e sua interpretação, cura — algumas pessoas colocam esses três últimos em uma categoria separada de "dons de sinais").

Esses dons são dados para serem expressos por meio de ministérios, canais particulares de serviço que se concentram nas necessidades das pessoas. Determinado ministério pode exigir um dom específico ou uma combinação de dons (pense no que é necessário para ensinar a Bíblia para crianças).

Eis uma breve definição dos dons que Paulo relaciona aqui em Romanos 12:

- *Profecia* (v. 6): Provavelmente não se trata do dom de transmitir mensagens divinamente inspiradas. Em alguns lugares

do Novo Testamento, os profetas parecem transmitir mensagens divinas como no Antigo Testamento (e.g., Ágabo em At 11.28), mas, em 1Coríntios 12.28, Paulo coloca os profetas em posição subordinada aos apóstolos, detentores de autoridade divina. Também se recomenda aqui que o profeta use seu dom "... na proporção da sua fé" (NVI). Muitos leem isso como se quisesse dizer "a quantidade da sua fé", mas o grego indica, em sentido literal, "de acordo com a ANALOGIA da sua fé, termo que significa "padrão". Em outras palavras, Paulo está dizendo que o profeta não deve profetizar de modo a contradizer a doutrina cristã. Ora, se a profecia fosse uma palavra vinda diretamente de Deus, por que estabelecer uma regra dessas? Talvez porque a palavra "profecia" tenha mais de um significado. Aqui, em Romanos 12.6, ela parece querer dizer pregação ou ELOCUÇÃO UNGIDA.

- *Serviço* (v. 7): Trata-se da palavra *diakonia*, que quer dizer "serviço prático". Pessoas com dons de serviço são boas em tarefas práticas e boas em administração. São excelentes nos trabalhos em equipe e não precisam de holofotes.
- *Ensino* (v. 7): Esse é o dom de tornar a verdade clara e compreensível. Um bom professor talvez não seja um bom pregador e vice-versa. E os dons de ensino podem variar muito: alguns são melhores em pequenos grupos, outros em grupos grandes, alguns com crianças, outros com seus pares, e assim por diante.
- *Encorajamento* (v. 8): A palavra aqui é *parakaleo*, que quer dizer "andar junto". "Encorajar" é uma boa tradução, mas também compreende o que hoje chamaríamos de "aconselhamento" — apoio, inspiração. Aquele que encoraja não necessariamente é um conselheiro treinado formalmente. Tais pessoas podem servir como assessoras, apoiadoras, recebendo à porta e dando as boas-vindas de várias maneiras.

- *Contribuição* (v. 8): Pessoas com esse dom não só gostam de contribuir em proporções incomuns como são sábias em seus dons. Sua generosidade é muito frutífera em termos espirituais.
- *Liderança* (v. 8): Líderes são pessoas com o dom de fazer com que outros as sigam. Conseguem expor uma visão para um grupo e inspirá-lo a chegar lá.
- *Misericórdia* (v. 8): Esse é o dom das pessoas especificamente estimuladas a trabalhar com o pobre, o enfermo, o fraco, o prisioneiro, o viciado, o idoso e assim por diante.

Discernindo seus dons

Como discernimos nossos dons espirituais? Paulo recomenda que façamos três coisas:

1. Autoexame. O desejo de Paulo é que "cada um de vocês [...] pense de si com sobriedade" (v. 3, NIV) em relação aos dons. Para começar, olhamos para o nosso coração a fim de descobrir os dons. Podemos considerar nossos sentimentos e perguntar: "O que gosto de fazer? Que tipo de ministério me dá satisfação e me atrai?".

   Podemos considerar a percepção que temos das necessidades. "Que problemas chamam mais minha atenção? Sinto uma preocupação especial para com os pobres? Por pessoas com necessidade de se aconselharem? Sinto que a igreja está desorganizada demais?" Em outras palavras, é possível que você tenha uma sensibilidade especial aos tipos de necessidades que Deus o tem chamado a atender.

   Podemos considerar nossa eficácia. "Sou bom naquilo que gosto de fazer? As pessoas são ajudadas?" Pergunte a quem o conhece para se certificar de que seu juízo é "sóbrio" e rigorosamente acurado.
2. Experiência. No versículo 6, Paulo recomenda que, se alguém tem um dom, "... use-o..." (NVI). Em geral, você

não descobre seus dons antes de atuar no ministério. Você os descobre ao ministrar. Acha que tem um conjunto de dons em determinada área? Bem, trabalhe nessa área. Você pode rever seu entendimento de seus dons ao ministrar. É melhor experimentar todos os tipos de ministério como uma forma de descobrir suas "aptidões" espirituais.

3. Estude as listas bíblicas. É provável que essas listas estejam aí para ajudar os leitores a fazer um inventário. É difícil discernir seus dons sem algumas categorias de habilidade espiritual a partir das quais você pode avaliar a si mesmo. Portanto, é útil e importante estudar as listas de dons espirituais e os personagens da Bíblia para processar melhor sua própria experiência.
4. "... use-o..." (v. 6, NVI); "faça-o" (v. 8, NIV)! Tendo identificado um dom, devemos usá-lo a serviço das pessoas na igreja. Deus concede seus dons como bem lhe apraz, e não nos cabe dizer: "Gostaria de um dom diferente!", ou: "Quero usar meu dom de maneira diferente!". Entregar a Deus nossas habilidades e dons para serem usados em seu serviço faz parte do viver como um sacrifício para ele. Só faremos isso com alegria quando mantivermos suas misericórdias em perspectiva.

Perguntas para reflexão

1. Como esses versículos mudaram o modo de você pensar sobre si mesmo?
2. Como eles mudaram a maneira de você ver sua igreja?
3. Como eles mudarão seu modo de usar seus dons em sua igreja e em favor dela?

8. NOVOS RELACIONAMENTOS: COM AMIGOS E INIMIGOS

A passagem de Romanos 12.1,2 volta-se para trás, para os onze capítulos anteriores — "... pelas misericórdias de Deus..." (NVI) —, e para frente, para o restante da carta, porque nos próximos cinco capítulos Paulo mostra como a vida cristã é transformada pela mente renovada e pelo corpo ofertado como um "... sacrifício vivo...". No restante do capítulo 12, ele continua a falar sobre nossos relacionamentos dentro da igreja, com companheiros de fé, e a seguir começa a ponderar sobre como os cristãos devem se relacionar com quem está de fora.

Amor verdadeiro

O versículo 9 apresenta três IMPERATIVOS: "O amor seja sem fingimento...", "... Odiai o mal..." e "... apegai-vos ao bem". Os três verbos dessas frases nos falam do que significa viver uma vida que de fato está relacionada ao "amor". Os três dizem respeito à verdade.

Primeiro, aprendemos que nosso amor deve ser fiel ao nosso coração. Em sentido literal, a expressão "... sem fingimento..." corresponde ao grego *anhypokritos* (sem hipocrisia). Não podemos ser falsos ao lidar com as pessoas. Não podemos nos

mostrar educados, prestativos e calorosos por fora, ao mesmo tempo que as desprezamos por dentro. Isso é importante porque uma cultura de "gentileza" pode se desenvolver dentro da igreja (e de qualquer comunidade que enfatize valores tradicionais). Uma MÁSCARA de simpatia encobre o espírito de difamação, mexericos e preconceito. Há uma ausência de "amor inflexível", em que as pessoas se amam o suficiente para confrontarem problemas e pecados em si mesmas e nos amigos.

Segundo, Paulo nos diz — tanto no sentido negativo ("... odiai...") quanto no positivo ("... apegai...") — que nosso amor precisa ser leal à vontade de Deus. Ele deve operar com base na ordem moral de Deus. Temos de "odiar" (em sentido literal, "ficar horrorizados" por) o que Deus chama de mal e nos "apegar" (em sentido literal, colar-nos indissociavelmente) ao que Deus chama de bem. Por que isso é tão importante? Porque é comum que nosso amor por alguém distorça nossa visão do bem e do mal. Letras de músicas representam bem o problema — falam de coisas como: "Se amar você é errado, não quero estar certo!", ou: "Não pode ser errado, a sensação é tão boa!". Em outras palavras, se você ama uma pessoa, seu coração está atado ao coração dela.

A aflição dessa pessoa se torna sua, bem como a felicidade dela. Nisso reside a tentação de dar à pessoa amada o que produz prazer emocional, em vez de dar o que é melhor (mas que pode produzir tristeza ou raiva emocional). Esse é um problema extremamente comum na criação de filhos. Os pais não punem os filhos de forma consistente porque não suportam as lágrimas e a raiva deles. Mas o resultado de uma infância sem disciplina é quase sempre o desastre.

Pode parecer estranho dizer a alguém para amar e odiar na mesma oração, mas é o que Paulo faz. Não temos como amar direito sem odiar direito! Isso tem íntima ligação com não ser fingido. O amor real ama o ser amado o suficiente para ser "inflexível". Rebecca Manley Pippert escreve:

> Pense em como nos sentimos quando vemos alguém a quem amamos arrasado por atos ou relacionamentos insensatos. O amor verdadeiro se coloca contra o engano, a mentira e o pecado que destrói.[1]

A lei de Deus revela como nosso mundo e nossa alma foram projetados. Desobedecer à lei de Deus é sempre ruim para o ser amado. Portanto, o verdadeiro amor se preocupa com a verdade. Qualquer amor que tenha medo de confrontar o ser amado não é amor de fato, mas um desejo egoísta de ser amado. Esse tipo de amor egoísta teme fazer o que é certo (em relação a Deus e ao amado) se correr o risco de perder a afeição do ser amado. Transforma-o em ídolo. Diz: "Faço qualquer coisa para conseguir que ele ou ela continue me amando!". Isso não é amar alguém. Isso é amar o amor que se recebe da pessoa. Em outras palavras, é amar mais a si mesmo do que à pessoa. Assim, qualquer "amor" que tome atalhos morais ou deixe de confrontar não é amor de verdade, em absoluto.



Qualquer amor que tenha medo de confrontar o ser amado não é amor de verdade.

O amor verdadeiro, em contrapartida, está disposto a confrontar, até a "perder" o ser amado no curto prazo, se houver uma possibilidade de ajudá-lo.

Ame aqueles que você não ama

Como podemos amar pessoas desagradáveis, das quais não gostamos, e ainda agirmos "... sem fingimento..."? É hipocrisia agir com amor quando no fundo se despreza a pessoa. No entanto, é fantasioso insistir em que o coração tenha uma disposição afetuosa e gentil antes de praticarmos atos de amor. Afinal, qual é a solução?

[1] *Hope has its reasons* (Downers Grove: IVP, 2001), p. 93-4.

Aqui está a solução oferecida pelo evangelho. O cristão "pratica o amor" enquanto se arrepende, abrandando o coração pela recordação do sacrifício de Cristo em nosso favor (12.1,2). Como isso funciona? O evangelho é assim: não somos amados por sermos intrinsecamente merecedores do amor ou porque nos tornamos dignos do amor. Somos amados porque Jesus morreu por nós quando éramos repulsivos a fim de nos tornar atraentes. Se os cristãos pensarem nisso ao servirem pessoas sem atrativo algum, encontrarão um arrependimento se desenvolvendo. "Ó Senhor! Eu era tão mais repulsivo para ti do que essa pessoa é para mim. No entanto, tu foste torturado e morto — entregaste tua vida por mim! E tudo que preciso fazer é dedicar algum tempo e esforço por essa pessoa." Quem não compreende o evangelho não consegue fazer isso. Alguém apenas agradável e com boa conduta moral em sentido genérico não consegue fazer isso. Tem de escolher entre as duas alternativas inadequadas: ou o amor fingido (gentileza para com pessoas de quem você não gosta), ou o amor esporádico (gentileza só para com pessoas de quem você gosta). Porém, se você demonstrar amor ao se arrepender, seu coração é abrandado ao servir. Seu serviço é sincero para com Deus naquele instante e se torna mais sincero para com a pessoa à medida que você prossegue.

Como é o amor

Na sequência das três exortações do versículo 9, Paulo dá outras doze ou treze (dependendo de como você as separa!) nos versículos 10 a 16. O conjunto delas nos mostra o que é o amor. Podemos dividi-las em quatro categorias que compõem uma definição bíblica de amor:

1. O verdadeiro amor é comprometer-se com afinco. "Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal..." (v. 10a, NVI). Tanto "dediquem-se..." (*philostorge*) quanto "... amor

fraternal..." (*philadelphia*) aplicam os relacionamentos normais dos membros familiares vinculados por laços de sangue à comunidade cristã. Paulo está dizendo que devemos amar uns aos outros como se fôssemos parentes. Os relacionamentos familiares são essenciais para nós. Mesmo se nossos irmãos, irmãs, filhos e pais desenvolverem valores e estilos de vida radicalmente diferentes de nós, existe um vínculo que permanece. "Ele ainda é meu irmão" ou "ela continua sendo minha filha" são declarações que traduzem isso. Paulo está dizendo que os cristãos, por partilharem de valores comuns, devem dedicar-se uns aos outros com o mesmo afinco que os membros de uma família. "Dedicar-se" é, portanto, uma descrição desafiadora do amor cristão para aqueles que foram criados em culturas individualistas.

2. O verdadeiro amor é pôr os outros em primeiro lugar. O versículo 10b nos diz: "... preferindo-vos em honra uns aos outros". Paulo fala a mesma coisa em Filipenses 2.3: "... com humildade, [...] cada um considere os outros superiores a si mesmo". A palavra "honra" significa tratar alguém ou alguma coisa como valiosa e preciosa. Há raízes teológicas profundas aqui. O cristianismo e o judaísmo entendem que todo ser humano é criado à imagem de Deus. Somos projetados para portar uma semelhança com Deus em nossa racionalidade, personalidade, criatividade, em nossa alma eterna e assim por diante. Portanto, cada pessoa que encontramos é infinitamente preciosa e importante, e como tal deveria ser tratada. Honrar alguém mais do que a mim mesmo significa ouvir o outro, estar consciente ao máximo de suas esperanças, alegrias, necessidades e temores e ter consideração pela pessoa. E mais, quando os cristãos olham para outros cristãos, enxergam não apenas a imagem do Criador, mas o próprio Cristo que neles habita. Ora, "honrar" mais do que a si mesmo não é tentar convencer-se de que você é

inferior às outras pessoas; Romanos 12.3,4 nos diz para nos considerarmos iguais a todos os outros em Cristo e feitos para um serviço especial no mundo. Nossa "autoimagem" é sólida e sóbria. Na verdade, Paulo nos exorta a uma disciplina simples — concentrar-nos mais nas necessidades alheias do que nas nossas. O versículo 16 nos ensina basicamente a mesma coisa. O amor verdadeiro não é egocêntrico: "... Não sejais orgulhosos [...] Não sejais sábios aos vossos próprios olhos". O que isso quer dizer na prática? "Estejam dispostos a se associarem com pessoas de posição inferior", seja qual for a definição que tenhamos de "posição inferior" (isso vai variar de acordo com nossa formação e caráter e com a atitude daqueles que nos rodeiam). A essência do amor não é concentrar-nos em nossa própria imagem, posição e necessidade, mas nas necessidades das outras pessoas.

3. O verdadeiro amor é paciente. Os versículos 11 e 12 nos oferecem quatro imperativos, na verdade quatro chamados à paciência. A princípio, esses dois versículos só parecem tratar do nosso relacionamento com Deus, mas temos de observar que estão inseridos entre diversas orientações sobre os relacionamentos cristãos. Portanto, Paulo na verdade está nos exortando a usarmos todos os nossos recursos espirituais para não desistirmos de nossos irmãos em Cristo. Devemos manter nossa "... esperança...", ser "... pacientes..." em todas as tribulações que encontrarmos e tratar tudo isso com "... oração...". Como isso se relaciona com a comunhão cristã? Talvez Paulo esteja apenas querendo dizer que, ao passarmos por dificuldades, devemos ser modelos para nossos irmãos. Mas pode ser que ele esteja querendo dizer que devemos enfrentar os problemas dos relacionamentos cristãos com paciência e oração! O envolvimento profundo na vida das pessoas é trabalho duro. Como C. S. Lewis certa vez salientou, a única forma de assegurar-se de que seu

coração não será partido é jamais entregá-lo para ninguém. Já que entregaremos nosso coração para as pessoas, nosso "... zelo..." (v. 11) e nossa "... esperança..." (v. 12) se enfraquecerão. Temos de nos lembrar da esperança de vitória por intermédio de Cristo e enfrentar o problema com oração (v. 12). Então, no versículo 14, aprendemos: "... abençoai, e não amaldiçoeis". Veremos isso mais à frente, mas esse é outro aspecto da paciência. Precisamos nos perdoar uns aos outros — além de não revidar, devemos nos prontificar ativamente para edificar aqueles que nos têm ofendido.

4. O verdadeiro amor combina sentimento com ação. Por um lado, somos chamados a identificar-nos com as pessoas. Em um versículo poderoso, somos orientados: "Alegrai-vos com os que se alegram; chorai com os que choram" (v. 15). E, no versículo 13, Paulo diz, em outras palavras: "Palavras bonitas não enchem barriga". Ele nos convida a "[socorrer] os santos nas suas necessidades. Procurai ser hospitaleiros". Temos de compartilhar casa, dinheiro e outras coisas com quem deles necessita. Isso precisa ser visto no contexto das demais exortações, que nos compelem a sermos honestos e dedicados apesar dos nossos sentimentos. Vemos então que o amor verdadeiro não é sentimentalismo, mas a atividade de suprir necessidades. Como Paulo pode nos *dar a ordem* de alegrar-nos e chorarmos, quando tais atitudes correspondem a emoções? Na verdade, ele está nos mandando fazer algo que está ao nosso alcance. Os cristãos são chamados a uma disciplina (muito dura) em que paramos e buscamos compreender o mundo interior do outro. Isso pode ser feito conectando-o a nossas próprias experiências de dor. É duro e desagradável recordarmos nossas experiências dolorosas e igualmente difícil (embora diferente) participar da alegria de alguém que não é você. (Se seu amigo consegue alguma coisa que você não tem, é difícil "[alegrar-se] com os que

se alegram...".) Mas, por outro lado, ouvimos que devemos "praticar" o amor. Paulo está nos lembrando de que amor é, em primeiro lugar, ação.

Amar é fazer todo o necessário para dar às pessoas o que necessitam, seja o que for. "Todo o necessário" quer dizer que você faz sacrifícios de emoções, de ações e de seus direitos. Esse tipo de amor significa dar à outra pessoa tanto a verdade (que ela pode não querer) quanto a ajuda de que ela necessita.

Perguntas para reflexão

1. Quais aspectos do amor verdadeiro são demonstrados em seu amor pelas pessoas?
2. Quais aspectos do amor verdadeiro mais o desafiam?
3. Pense em um cristão que você sabe estar passando necessidades. Como você pode fazer todo o necessário por ele hoje?

SEGUNDA PARTE

De que maneira você pode ganhar perdendo

Nos versículos 10 a 16, Paulo nos ensina a amar nossos irmãos e irmãs cristãos. Agora, nos versículos 17 a 21, ele se volta para o amor aos nossos inimigos. (Poderíamos ver os versículos 14 a 16 como uma seção de transição, uma vez que Paulo começa falando, no versículo 14, sobre "... os que vos perseguem...". Esses versículos poderiam ser aplicados a como amamos quem nos é hostil, bem como a de que maneira tratamos aqueles que são amigáveis.)

O princípio básico de todas essas exortações é resumido no início e no fim: "A ninguém devolvei mal por mal..." (v. 17). E: "Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem" (v. 21). A palavra "... vencer..." é um termo militar que tem

o sentido de subjugar. Esse é um discernimento perspicaz e radical ao extremo. Paulo diz que retribuir o mal com o mal é perder de imediato a batalha contra o mal! O único modo de derrotá-lo é fazendo o bem à pessoa que causou o dano. Em outras palavras, se você odeia alguém que o prejudicou, esse alguém venceu! A única forma de derrotar o mal é perdoar e amar a pessoa. Outro modo de explicar isso é que, quando associamos demais o "mal" com o "malfeitor", acreditamos ser preciso destruir o malfeitor a fim de acabar com o mal. De modo que parece bom fazer o mal; e sem querer tornamo-nos um fantoche da força maligna por trás do malfeitor.

J. R. R. Tolkien nos fornece um retrato dessa dinâmica em *O senhor dos anéis*.[2] Qualquer pessoa boa que usasse o anel do senhor do mal, Sauron, para menosprezá-lo, se tornaria maligna no processo. Ou seja, a "vitória", se perseguida (ou mesmo alcançada) da maneira errada, seria completamente vazia — uma derrota, na verdade, porque, ao se tornar mau para combater o mal, o portador do anel permitiria que o mal vencesse.

Dessa forma, o segredo para vencer o mal é vê-lo afastado e distinto do malfeitor. Nosso objetivo básico é perdoar, amar e ser bondoso para com o malfeitor. Ao agirmos assim, são dois os resultados. Primeiro, a disseminação do mal é controlada em relação a nós. Seu ódio e orgulho não nos contagiam. Segundo, a disseminação do mal pode ser controlada no malfeitor. Nosso amor pode suavizá-lo ou ajudá-lo. Paulo afirma que nossos feitos e palavras bondosos conseguiriam "... [amontoar] brasas sobre a cabeça [do malfeitor]" (v. 20), que é outra forma de dizer que o arrependimento pode acontecer. A pessoa hostil pode ser levada à vergonha, à apreensão e ao remorso, repreendida por nossa vida cordial.

O que isso significa na prática? Três coisas:

[2]São Paulo: Martins Fontes, 2003.

1. Não evite a pessoa hostil: "... no que depender de vós, vivei em paz com todos os homens" (v. 18). Quando as pessoas agem mal com você, é comum evitá-las e ponto-final. Você pode dizer: "Não estou lhes pagando na mesma moeda; só não quero vê-las". Mas o fato de as evitar pode bem ser uma espécie de desforra. Evitá-las não vence o mal (contudo, veja adiante uma qualificação para isso).
2. Expresse palavras de amor e tenha atitudes de amor: "... se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer..." (v. 20 — veja também o versículo 14). Isso quer dizer simplesmente que você deve falar e agir com cortesia e gentileza para com quem é hostil. Temos de tomar cuidado aqui! Às vezes acontece de tratarmos pessoas hostis com amabilidade como forma de envergonhá-las ou "esfregar-lhes o problema na cara". Não é essa a motivação que temos em vista aqui. Com atenção, encontramos modos de lhes desejar o bem, fazer coisas úteis e lhes falar com respeito.
3. Perdoe e desista de qualquer compensação: "... não vos vingueis a vós mesmos..." (v. 19).

Há limites, no entanto. O versículo 9 nos lembra que não amamos com sabedoria ou verdade quando permitimos que alguém peque, inclusive que peque contra nós. São muitos os graus de hostilidade. Os inimigos podem ser tão perigosos que ter qualquer coisa com eles é convidá-los a pecar. Nesse caso, o "bem" que você pode lhes fazer é manter-se distante. Precisamos discernir o motivo por trás de nosso afastamento — será um modo de retaliar ou uma reação comedida com o intuito de abençoá-los de alguma forma?

O evangelho possibilita isso

Paulo está nos orientando: "Você foi prejudicado por alguém que o hostilizou? Qual será sua reação — com blasfêmias

vingativas, retribuindo à pessoa quando e como lhe for possível; ou em amor e bênção imerecidos, fazendo o que estiver ao seu alcance por ela, da maneira que for melhor para ela?". Observe que não há perseguição grande demais a ponto de Paulo estabelecer uma exceção para essa regra, nem ferida profunda demais para ele nos isentar de vivermos dessa maneira. Mas como alguém consegue viver realmente desse modo em relação aos amigos e em especial aos inimigos? Paulo já nos explicou isso. Só conseguimos fazê-lo se de fato vivermos "... pelas misericórdias de Deus..." (v. 1, NVI). Só o evangelho torna possível cada aspecto do amor dos versículos 9 a 21. Como isso acontece?

Em primeiro lugar, o evangelho nos lembra quanto Deus foi e é paciente conosco. Ele foi paciente conosco antes de nos rendermos à fé, retendo seu julgamento final para nos conduzir ao arrependimento (2.4). É paciente conosco agora, tendo perdoado nossas falhas e fraquezas constantes em Cristo.

Em segundo lugar, o evangelho é a maneira de pensarmos a nosso próprio respeito "... com sobriedade..." (12.3). Devemos nos medir pela fé em Cristo que Deus nos tem dado. Quando pensamos em nós mesmos em relação ao evangelho, duas coisas acontecem. Percebemos que somos pecadores perdidos, tão perdidos quanto qualquer outra pessoa na face da terra, e, assim, quem quer que se coloque diante de nós — cristão ou não, alguém "decente" ou não —, não está mais "afundado" no pecado do que nós. E sabemos que, embora pecadores, somos plenamente justificados e amados pelo próprio Deus. Portanto, não temos nada para provar a ninguém! Sem o evangelho, precisamos convencer a nós mesmos e aos outros do nosso valor e dignidade, associando-nos com pessoas o mais admiráveis possível. Entretanto, no evangelho, descobrimos que a Pessoa mais admirável de todas já se agrada de ser nosso Pai e habitar em nós! Tampouco necessitamos buscar a companhia daqueles com quem nos damos bem — Aquele

a quem mais amamos e com quem mais buscamos nos igualar vive em nós! Somos capazes de honrar a todos e nos colocar ao lado dos que são marginalizados.

Assim, o amor cristão é o mais imparcial possível. O conhecimento tanto do nosso próprio pecado quanto de nossa aceitação destrói o preconceito e o orgulho de raça, classe e profissão.

Em terceiro lugar, o evangelho nos capacita a compartilhar com sinceridade e amor dos altos e baixos de outros. Por um lado, só se Cristo for nossa maior alegria conseguiremos nos alegrar e chorar com as pessoas à nossa volta. Se, por exemplo, você é solteiro e deseja se casar, como pode se alegrar com seu amigo que está se casando? Será difícil, de qualquer forma, mas, se o casamento for um "ídolo" — se a aptidão que você tem para o casamento representar sua "justiça" —, então será impossível se alegrar.

Só se Cristo for nossa maior alegria conseguiremos nos alegrar e chorar com as pessoas à nossa volta.

Por outro lado, a menos que Cristo seja sua justiça e paz, será difícil penetrar nas dores alheias. Um dos motivos pelo qual você talvez não consiga sentir a dor do outro é por ter dificuldades em condoer-se por alguém a quem despreza ou em relação a quem se sente superior. O evangelho lhe ensina que de modo algum você é superior — ele o puxa para baixo, para uma correta avaliação de si mesmo. E lhe revela que Deus o amou quando você era seu inimigo (5.8) — quando compreende isso, você se descobre amando aqueles que desprezaria. Ou talvez você não seja capaz de se condoer porque precisa se convencer de que a vida é boa, então só menospreza a dor alheia. (Costuma ser por isso que as pessoas tentam passar um verniz sobre situações obscuras.) Se não está encontrando satisfação e confiança para o futuro (e para a morte) em Cristo,

você se voltará para as circunstâncias da vida à procura de consolo e precisará negar o quanto a vida é difícil.

Em contrapartida, o evangelho nos capacita a praticar atos de amor mesmo quando não sentimos vontade de amar. Por quê? Quando Jesus foi pendurado na cruz por nós, ficou claro que seu coração não transbordava de sentimentos de carinho e afeto por nós. Seu amor foi um ato puro da vontade naquele momento. Veja como ele se sentia: "... afasta de mim este cálice...". Veja a decisão que tomou: "... todavia, não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42). Veja o que ele disse: "... Pai, perdoa-lhes..." (23.34).

Em quarto lugar, o evangelho nos conta que há um juiz, e ele é digno de confiança para ajustar todas as coisas. Não precisamos acertar as contas; Alguém se importa conosco e com o mundo e se certificará de que haja a mais rigorosa justiça. Somos livres para "... [dar] lugar à ira de Deus..." (Rm 12.19), pois sabemos que ele dará a retribuição — a cruz mostra como Deus leva a sério o pecado e que ele o castigará. Pedro explana essa ideia de maneira poderosa quando diz aos cristãos que sofrem por fazerem o bem que eles estão seguindo os passos de Cristo: "ao ser insultado, não retribuía o insulto, quando sofria, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga com justiça" (1Pe 2.23). O evangelho nos promete justiça e nos lembra que não somos nós quem a outorgamos.

O amor sacrificial é danoso?

Viver desse modo não é fácil: é um "... sacrifício vivo..." (Rm 12.1)! Portanto, isso é contracultural. Nos dias de hoje, dá-se grande ênfase à cultura da psicologia/terapia no que diz respeito a "ser bom consigo próprio". Por quê? Muitos terapeutas tratam de pessoas tão necessitadas de amor (por uma convicção profunda de que são repulsivas) que acabam permitindo que outros as pisem e abusem delas. O resultado disso é que

a sabedoria da nossa época diz: "Descubra o que você deseja e corra atrás. Permaneça em um relacionamento se ele for mutuamente benéfico. Se tiver de fazer uma série de sacrifícios, isso não será saudável. Avalie melhor seu próprio valor! Você não precisa disso. Caia fora!".

O problema dessa visão é a simplificação exagerada. O mundo não compreende o evangelho nem as várias formas de pecado e justiça própria. Portanto, não sabe a diferença entre alguém que tenta servir ao próximo como forma de encontrar justificação e salvação e alguém que tenta servir ao próximo em resposta ao fato de ser justificado e salvo. O "facilitador" ou "codependente" clássico é alguém que usa o sacrifício como meio para sentir que tem valor. Se você não se sente aceitável em Cristo, pode tentar extrair esse sentimento de aceitabilidade do amor de outra pessoa. Nesse caso, precisa converter em ídolo o ser amado e não pode dizer: "Não". Ou converter em ídolo o fato de ser necessitado. Permite com alegria o abuso, e seu martírio faz com que se sinta digno. Quando essa dinâmica ocorre, o problema básico deixa de ser amor-próprio de menos para ser amor-próprio de mais! Quem sofre o abuso não ama quem abusou, mas o amor. Ela é egoísta demais para dizer a verdade ao abusador e correr o risco de perdê-lo.

Portanto, o versículo 9 serve como um limite contra qualquer interpretação errada dos versículos 10 a 21. Não é amor deixar o ser amado pecar contra você. Permitir ou promover o pecado nunca é o melhor para ninguém. Além disso, "... [apegar-se] ao bem" significa que não devemos pecar contra nós mesmos. Em outras palavras, não devemos amar os outros de modo a desobedecermos a Deus e sermos maus administradores de nossa saúde física e emocional ou da de nossa família.

Todavia, precisamos amar as pessoas ao custo de nós mesmos; não para fazer por merecer o amor de outra pessoa ou o amor de Deus, mas "pelo" (v. 1, "pelas") amor que ele já

derramou em profusão sobre nós. A Bíblia dá grande importância ao amor sacrificial de Jesus por nós. Ele foi despojado e morto a fim de nos amar. Diante disso, devemos viver como ele viveu e amar como ele amou. Se nosso modo de amar os outros nos custa, começamos a conhecer o que é o amor como o de Cristo.

Perguntas para reflexão

1. Há alguém no seu passado ou no presente que lhe faz mal? Que respostas erradas você é tentado a dar?
2. Como seria para você vencer o mal com o bem nessa situação específica (veja os três passos práticos na página 138)?
3. Você precisa buscar o aconselhamento de um cristão sábio acerca de como lidar com um problema ou uma injustiça cometida contra você?

9. NOVOS RELACIONAMENTOS: COMO CIDADÃOS DO ESTADO

No capítulo 13, Paulo se volta do relacionamento do cristão com outros cristãos e com outros indivíduos para a questão mais ampla de como ver o Estado em que vivemos e como pensar sobre nós mesmos como cidadãos desse Estado. Ele está passando para o tema de como nossa visão das misericórdias de Deus transforma nossa atitude para com as "... autoridades do governo..." (13.1).

É importante reconhecer que Paulo não está nos apresentando uma discussão sobre as relações igreja/Estado nessa seção. Em vez disso, ele instrui indivíduos cristãos sobre sua cidadania pessoal. Ele não se dirige a MAGISTRADOS CIVIS, ou mesmo a magistrados civis cristãos (não havia nenhum na época!). Portanto, Paulo não delineia respostas específicas para problemas espinhosos da igreja e do Estado que nos perturbam há séculos.

No entanto, existem algumas INFERÊNCIAS interessantes a que podemos chegar. John Stott identifica quatro modelos principais de relacionamento entre igreja e Estado que têm sido experimentados (ele reconhece que esses modelos são simplificações!):

1. *Erastianismo:* o Estado controla a igreja.
2. *Teocracia:* a igreja controla o Estado.
3. *Constantinianismo:* um acordo em que o Estado favorece a igreja e a igreja faz alguns ajustes com o Estado a fim de preservar seu status de protegida.
4. *Parceria:* igreja e Estado se reconhecem um ao outro, e cada um tem responsabilidades distintas conferidas por Deus; encorajam um ao outro e colaboram um com o outro no desempenho desses papéis.

Stott comenta:

> O quarto modelo [i.e., parceria] parece harmonizar-se melhor com o ensino de Paulo em Romanos 13.[1]

Deixando de lado essas reflexões, o foco deste capítulo (por ser o foco de Paulo no capítulo 13) é: de que maneira o crente cristão deve viver como cidadão de seu país. Paulo nos mostra como o cristão deve enxergar o Estado, tanto positiva quanto negativamente; portanto, mostra-nos também a responsabilidade do cristão para com o Estado; a responsabilidade do Estado para com seus cidadãos; e a seguir (nos versículos 11 a 14) de que forma o cristão deve viver como membro de sua sociedade.

O cristão e o Estado

Paulo ensina com grande simplicidade que todo cristão deve se sujeitar à autoridade e ao governo civil (v. 1). Dá três razões para isso.

Em primeiro lugar, porque é certo. Deus criou o Estado em que vivemos — "... as [autoridades] que existem foram

[1] *The message of Romans*, The Bible Speaks Today (Downers Grove: IVP Academic, 2001), p. 339 [edição em português: *A mensagem de Romanos*, A Bíblia Fala Hoje (São Paulo; ABU, 2000)].

ordenadas por ele [Deus]" (v. 1). Isso quer dizer que os governos civis em geral são instituídos por Deus, portanto merecem respeito e submissão. Paulo também pode querer dizer que os indivíduos que exercem autoridade estão na posição que ocupam pelo controle "PROVIDENCIAL" de Deus da história. Daniel 4.17 diz que Deus domina sobre todo o governo humano e "... o dá a quem quer...". Assim, os cristãos devem se sujeitar "... por causa da consciência" (Rm 13.5) — em outras palavras, em reconhecimento do papel que Deus conferiu ao Estado.

Em segundo lugar, Paulo diz para nos submetermos porque é sábio. Ele afirma que Deus projetou a sociedade humana dessa maneira. "... Não queres temer a autoridade? Faze o bem [...] Porque ela é serva de Deus para o teu bem..." (v. 3,4). Paulo está dizendo que os governos são necessários para manter o povo responsável por viver de modo a possibilitar a convivência. Sem a ameaça da punição, o interesse próprio do homem inviabilizaria a sociedade. Portanto, o sistema de governo humano é um sistema sábio.

Uma maneira pela qual vemos a natureza prática do governo está no versículo 4: "... não é sem razão que ela [a autoridade] traz a espada...". Sem dúvida "... a espada" é o poder de punir aqueles que agem errado com sanções civis (multas, prisão, morte etc.). Imagine como seria caótico se cada cidadão "trouxesse consigo a espada"! Sabemos de lugares e épocas em que foi esse o caso, e ninguém quer viver sob tais condições. O plano de Deus é que apenas *algumas* pessoas tragam a espada — não podemos fazê-lo todos nós. Em suma, sujeitamo-nos a fim de que o governo possa funcionar. Se não nos sujeitarmos, não existe possibilidade de ordem social.

Os versículos 6 e 7 sugerem uma terceira razão: devemos nos sujeitar porque é justo. Paulo parece indicar que governar é um trabalho árduo. "Por essa razão também pagais imposto; porque eles são servos de Deus, para atenderem a isso. Dai a

cada um o que lhe é devido...". Temos a obrigação de dar às autoridades o que lhes devemos. Uma vez que fazem a parte delas governando, devemos fazer a nossa sujeitando-nos.

Sujeição em todas as coisas?

À primeira vista, Paulo parece pôr as exigências de sujeição em termos absolutos. A situação se torna mais difícil quando ele expõe a ordem em termos negativos, ou seja, o que o cristão *não* deve fazer: "... aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu...", e agir assim é trazer "... condenação sobre si mesmos..." (v. 2, NVI).

A força dessa declaração se intensifica quando constatamos que Paulo fala de um governo não cristão ao extremo — o Império Romano pagão. As "... autoridades..." que Paulo tem em vista eram na melhor das hipóteses inamistosas e, na pior, ativamente hostis para com a Igreja. O Ocidente secular está apenas começando a experimentar o nível de hostilidade que enfrentavam os crentes do primeiro século; a igreja perseguida do século 21 vive isso todos os dias. É a esse tipo de "Estado" que Paulo fala para o cristão se sujeitar. A posição padrão do cristão (de todos os cristãos) em relação ao Estado (qualquer Estado) é sujeitar-se.

No entanto, nessa passagem há algumas pistas de que essa autoridade não é absoluta. Por "pistas" queremos dizer que há declarações cujas implicações podem ser extraídas, embora não sejam explicitadas no capítulo.

A primeira pista aparece no versículo 7: "Dai a cada um o que lhe é devido...", incluindo "... tributo [...] imposto [...] temor [...] honra". Trata-se de um eco nítido da famosa frase de Jesus: "... Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mt 22.21). Paulo com certeza tem em mente o ensinamento de Jesus, que está claramente dizendo que o magistrado civil tem uma esfera limitada de autoridade. Jesus estava

solapando um conceito comum do Estado na época, a saber: de que o rei ou imperador era uma divindade do PANTEÃO ou mantinha tão íntima associação com o deus da região que o Estado era dotado de autoridade divina. Desse modo, Jesus diz "sim" ao pagamento de impostos a César, mas "não" a prestar adoração a César; ou seja, "não" à obediência absoluta.

Jesus diz "sim" ao pagamento de impostos a César, mas "não" a prestar adoração a César.

A afirmação de Jesus calou muito fundo na consciência da igreja primitiva. Não só Paulo lhe faz eco aqui em Romanos 13.7, como Pedro adota a mesma posição em 1Pedro 2.17. Os cristãos se viam em grandes apuros com o Império Romano quando as pessoas percebiam que eles tinham uma autoridade maior que o imperador, pela qual podiam julgar tanto a ele quanto às autoridades civis. Os cristãos têm se metido em apuros ao longo dos séculos pelo mesmo motivo. No século 17, quando os reis Stuart da Inglaterra e da Escócia reivindicaram o "DIREITO DIVINO DOS REIS", o ministro protestante Samuel Rutherford redigiu um tratado contra a ideia chamada de *lex, rex*, isto é, *a lei é o rei*. O ensino bíblico determina: o rei não é a lei, mas a lei (de Deus) é rei!

A segunda pista está em Romanos 13.3,4: "Porque os governantes não são motivo de temor para os que fazem o bem..." (v. 3). "Pois aquele em autoridade é servo de Deus para o teu bem..." (v. 4, NIV). O fato de o magistrado civil ser servo de Deus implica claramente a responsabilidade de operar debaixo da ordem moral de Deus. O servo não é livre para fazer o quer. Em *O rei leão*, Simba, jovem filhote e filho do rei, declara: "Pensei que ser rei significasse poder fazer o que eu quisesse!". Seu pai, o rei Mufasa, responde: "Ser rei é mais do que isso!". Se os governantes devem apoiar o exercício do

"bem", isso também implica que não devem exigir o exercício do "mal" — aquilo que desobedece à ordem moral de Deus.

Mas essas são apenas pistas implícitas na afirmação de Paulo. Elas passam a ser explícitas em outros lugares das Escrituras. Em Atos 5.29, Pedro deixa o princípio claro quando as autoridades judaicas lhe dizem que pare de pregar sobre Cristo e sua ressurreição: "... É mais importante obedecer a Deus que aos homens". Pedro e os demais apóstolos estavam anunciando ao SINÉDRIO que desobedeceriam à ordem de parar de pregar o evangelho. Assim, a Bíblia oferece uma base muito clara para a desobediência civil, qual seja: se o Estado ordena o que Deus proíbe, ou se o Estado proíbe o que Deus ordena, então a desobediência civil é um dever cristão.

O ensino bíblico sobre o Estado é (como de hábito) perspicaz e único. Por um lado, temos exemplos de crentes sujeitando-se a autoridades civis que desobedeciam à Palavra de Deus e que com frequência puniam a pessoa reta, e ainda apoiando essas autoridades. Dois exemplos são José (que foi uma espécie de primeiro-ministro do Egito) e Jeremias (que aconselhou Judá a se entregar e a ceder o domínio a um poder civil babilônico pagão e cruel — Jr 21.9). Os cristãos não devem subverter ou desrespeitar a autoridade mesmo de um governo tolo e que apoia o comportamento desobediente a Deus. (O governo romano de que Paulo está falando com certeza fez isso.)

Por outro lado, também temos exemplos de crentes que, cheios de coragem, desobedecem e se opõem à autoridade civil quando ela requer um comportamento de seus cidadãos que desobedece a Deus. O exemplo bíblico clássico é o de Daniel e seus amigos. Na Babilônia pagã, Daniel, Sadraque, Mesaque e Abednego tinham um envolvimento ativo nos assuntos civis, mesmo tratando-se de uma sociedade pagã. Entretanto, quando os cidadãos receberam ordens para fazer o que era proibido (a adoração a um ídolo em Dn 3.4-6) ou foram proibidos de

fazer o que era ordenado (a oração ao Senhor em Dn 6.7), então os crentes desobedeceram ao Estado e se sujeitaram ao castigo, com uma atitude de respeito destemido (Dn 3.16-18).

Temos outro exemplo na desobediência civil das parteiras hebreias que, quando Israel se encontrava na escravidão do Egito, não mataram os meninos recém-nascidos como decretou o faraó (Êx 1.17), lembrando-nos aqueles que esconderam judeus e desafiaram o governo nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

A responsabilidade do cristão para com o Estado

Em consequência disso, podemos identificar três maneiras pelas quais os cristãos devem viver em relação ao Estado:

Sujeitando-se (Rm 13.1,5a). Isso, é claro, significa que devemos obedecer ao Estado. Sob essa ordem estão incluídos os impostos (v. 6,7), algo muito prático e talvez óbvio de se dizer. Mas seria fácil para um cristão interpretar que somos cidadãos do céu (Fp 3.20) e inferir que não devemos votar, pagar impostos, ocupar cargos públicos etc. Paulo está dizendo claramente aqui que esse não é o caso.

Sujeitando-se de acordo com a consciência (Rm 13.5c). Quer dizer que devemos avaliar o Estado. Outros podem obedecer apenas por medo de castigo (v. 5b). Isso é muito importante! Obedecer apenas por medo de castigo é a obediência por interesse próprio, e isso fará com que você se perca. Por um lado, o interesse próprio pode levar a bem pouca submissão ao Estado, pois é provável que você desobedeça quando não houver nenhuma perspectiva de punição. Por outro lado, o medo do castigo poderia levá-lo com muita facilidade à submissão excessiva ao Estado, pois você fará coisas incorretas "porque estava só cumprindo ordens". O princípio radical de Paulo é: obedecemos a nosso governo em razão de nossa consciência

cristã, por causa de nossa obediência a Deus somente. Isso é radical, pois afeta de igual modo os dois lados da mesma questão. De um lado, obedeceremos ao Estado mesmo quando não houver nenhuma consequência civil, porque nossa motivação é a obediência ao Deus que estabeleceu o Estado. De outro lado, nunca nos sujeitaremos de modo acrítico àquilo que o Estado nos diz. Se ele exigir que violemos nossa consciência, devemos desobedecer. O comentarista Leon Morris escreve:

> A consciência é um reforço poderoso das ordens externas de sujeição ao Estado. Mas, uma vez introduzida a consciência, há um limite: o que vai contra a consciência não pode ser feito [...] A um só tempo e ao mesmo tempo a consciência nos obriga a sermos obedientes e estabelece um limite para essa obediência.[2]

Sujeitando-se de maneira respeitosa, honrosa (v. 7). Isso significa simplesmente que devemos não só subordinar-nos às autoridades civis, mas fazê-lo de modo a lhes mostrar respeito, honra e cortesia. Essa é a mesma situação com a qual deparamos em relação à família e à igreja. Precisamos tratar pais, pastores e magistrados civis com deferência. Mesmo quando os indivíduos em tais posições não são dignos de grande respeito, demonstramos respeito à estrutura de autoridade que está por trás deles.

Perguntas para reflexão

1. Sua atitude para com as autoridades assemelha-se à que Paulo ordena aqui?

[2] *The Epistle to the Romans*, The New International Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p. 465.

2. Você tende a colocar em posição elevada demais ou baixa demais as autoridades que Deus estabeleceu sobre você?
3. Existem situações nas quais você está sendo corajosamente chamado a desobedecer a uma autoridade a fim de obedecer a Deus?

SEGUNDA PARTE

A descrição de trabalho do Estado

Vimos a responsabilidade do cristão para com o Estado — porém Paulo também delineia a responsabilidade do Estado para com os cidadãos, seus propósitos e suas funções. Poderíamos dar a isso o nome de "descrição de trabalho" do Estado.

Em primeiro lugar, a função restritiva do Estado é punir infrações: "... não é sem razão que ela [a autoridade] traz a espada, pois é serva de Deus e agente de punição..." (v. 4). Há consenso total entre todos os cristãos (e entre a maior parte de todas as outras pessoas) de que não pode haver ordem civil a menos que o Estado puna as infrações. Assassinato, roubo, várias formas de mentira e fraude, entre outras coisas, são universalmente vistos como destrutivos para uma sociedade pacífica e harmoniosa. Existe, no entanto, uma certa diferença de opinião acerca do que Paulo está dizendo sobre a natureza dessas punições. A "... espada..." provavelmente significa o poder de infligir penalidades, até a morte inclusive (na guerra e como pena capital). Esse é o modo mais equitativo de interpretar as palavras de Paulo, pois, quando ele usou a palavra "espada" antes (8.35), o sentido era de "morte", e esse é o significado normal da palavra considerando o costume da época (At 12.2; Ap 13.10).

Todavia, não se trata de uma passagem que nos dê muito com que prosseguir quando a pena capital está em questão, bem como seus méritos e problemas. É errado e inútil pedir ao

texto que responda a uma questão que ele não tem o intuito de considerar. A palavra "espada" no mínimo significa o direito de usar a força e as armas, mas não podemos provar, a partir desse texto em particular, a validade da pena capital.

Em segundo lugar, a função favorável do Estado é "para o bem". No original em grego o texto diz "... para o teu bem...". Paulo está dizendo, literalmente, que o Estado é servo de Deus "em relação a você para o bem". O que ele quer dizer? Obviamente ele comunica que o Estado visa o nosso bem! Mas não diz exatamente que "bem" é esse (se diz respeito a comportamento? condições?), tampouco como o Estado atuará nesse sentido (premiando-o? promovendo-o?).

Alguns intérpretes acham que Paulo não está se referindo de modo nenhum a uma segunda função do Estado. Em vez disso, ele estaria apenas dizendo a mesma coisa de formas diferentes em Romanos 13.4a e 4b. Essa interpretação diz que o Estado promove o bem punindo o mau comportamento. Assim, esse "bem" é apenas o bom comportamento dos cidadãos, e Paulo quer dizer: "O Estado serve a vocês fazendo com que se comportem de maneira correta pela DISSUASÃO do castigo que aplica". Essa interpretação concorda com a visão de que o governo deveria ser extremamente limitado, promovendo apenas a imposição da lei e a defesa nacional. Essa é uma interpretação possível, pois a oração seguinte diz: "... se fizeres o mal...". Então talvez o "bem" seja apenas o comportamento do cidadão.

Contudo, não é provável que essa oração esteja falando exatamente sobre a mesma função. O versículo 4b começa com um "Mas"; não com um "ou seja" ou um "em outras palavras". Com certeza o uso normal desse termo gramatical significa que duas atividades diferentes e opostas estão sendo discutidas. Portanto, mesmo que esse "bem" diga respeito apenas ao comportamento de cidadão, deve ser no sentido de que o Estado recompensa

e promove tal comportamento com alguma atividade além da penalização e da punição do versículo 4b. Isso significaria que o Estado deveria pelo menos encontrar formas de louvar o comportamento e os relacionamentos corretos, de incentivar e promover o serviço. Além do mais, alguns acreditam que Paulo esteja dizendo que o Estado promove "... teu bem..." — não só do indivíduo, mas *para* o indivíduo. Isso pode significar a promoção do bem-estar econômico, social, cultural e físico, em sentido geral, das pessoas por toda uma multiplicidade de meios. Tal interpretação, é claro, dilata o alcance do governo.

Uma vez que Paulo deixou "... teu bem..." sem definição, talvez pretendesse que pensássemos no assunto de modo amplo. Talvez a interpretação mais natural seja a seguinte: "O Estado tanto promove quanto recompensa esse "bem" — o comportamento e os relacionamentos certos — e coíbe e pune o "mal" — o comportamento e os relacionamentos errados". Portanto, Romanos 13 descarta os extremos tanto do governo limitado demais quanto do governo poderoso em excesso; tanto do TOTALITARISMO quanto do LIBERTARISMO.

Romanos 13 descarta os extremos tanto do governo limitado demais quanto do governo poderoso em excesso.

Respeito sereno e restrito

Compreender o papel e a responsabilidade do Estado novamente nos ajuda a ver como o cristão deve entender e se relacionar com seu governo. Aqui estão alguns princípios, vistos também na profecia de Jeremias.

Os cristãos precisam dedicar até aos governos não cristãos um respeito sereno e RESTRITO. Em primeiro lugar, temos de *respeitar* aqueles que ocupam posição de autoridade, quer represente nosso ponto de vista, quer não. Por intermédio de Jeremias,

por exemplo, Deus diz aos israelitas que "... Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo..." (Jr 27.6), um rei pagão, ficará encarregado daquela parte do mundo e que ele puniria "... a nação ou reino que não se sujeitar a Nabucodonosor..." (v. 8). Em segundo lugar, o respeito *sereno* significa que os cristãos não se sentem ansiosos e temerosos em relação aos atos dos magistrados civis que não representam seu ponto de vista. Por quê? Porque Deus, ao permitir que quem não o adora ocupe o poder, não se esquece da justiça: "Todas as nações estarão sujeitas a ele, a seu filho e a seu neto; até que chegue a hora em que a terra dele seja SUBJUGADA por muitas nações e por reis poderosos" (27.7, NVI). Não deve haver a hostilidade furiosa que acompanha a ansiedade. Não existe nenhum: "Ele precisa ser detido!". Afinal de contas, ele é "... [servo] de Deus..." (Rm 13.4), ainda que sem o saber. Ele não tem como frustrar o plano de Deus. Até sua descrença e violência cooperam para os propósitos de Deus. No entanto, em terceiro lugar, isso quer dizer que o respeito sereno é *restrito*. Como Deus é juiz, sabemos que o rei e sua cidade também se encontram debaixo de juízo. Serão julgados se não houver arrependimento (Jr 27.7). Portanto, nosso respeito não é excessivo nem adulador.

Os cristãos precisam estar atentos às concepções ideológicas extremas do papel do governo. Por um lado, é difícil encontrar apoio bíblico para a visão bastante conservadora de que o governo não deve fazer nada além da imposição básica da lei. Por outro lado, a Bíblia não pode apoiar a visão bastante liberal/socialista do "governo como salvador".

Os cristãos devem se mostrar mais dispostos a participar plenamente da vida cívica. Em geral, Romanos 13 apresenta uma visão bem positiva do papel do governo. Ao falar no versículo 7 sobre pagar impostos e tributos, Paulo convida os cristãos à plena participação na vida pública dos cidadãos, o que nos leva aos versículos 8 a 10...

Vivendo como parte da sociedade

É fácil interpretar os versículos 8 a 10 de maneira muito individualista, como se ensinassem a cada um de nós nada mais, nada menos do que amar nosso "próximo" (v. 8-10). O trecho sobre o Estado (v. 1-7) está encaixado entre os mandamentos para amarmos nosso inimigo (12.17-21) e nosso próximo (13.8-10). Trata-se apenas de um ajuntamento aleatório de assuntos? Paulo simplesmente inseriu sua ideia acerca do Estado entre esses dois trechos, ou há uma ligação?

Primeiro, veja a conexão entre 12.17-21 e 13.1-7. Quando Paulo nos ordena a "... [vencer] o mal com o bem" (12.21) e depois prossegue falando sobre nosso envolvimento na sociedade, ele está dizendo que os cristãos devem vencer o mal da nossa sociedade praticando o bem (atos de misericórdia e generosidade) e vivendo bem, à plena vista de todos os cidadãos. Agora observe a ligação entre 13.1-7 e v. 8-10. No versículo 7, ele diz "Dai a cada um o que lhe é devido...", fazendo menção específica ao Estado (ele se refere a impostos). O versículo 8 também fala de pagarmos o que devemos a cada um. Todavia, agora Paulo mudou para todo o conjunto de nossos semelhantes — todos os cidadãos com que convivemos. Assim, ele nos conclama não só a participar do Estado como também da vida pública e cívica em geral. Em nossos bairros, comunidades e cidades, os cristãos devem tornar-se grandes praticantes do "bem".

Novamente, Jeremias é o grande exemplo bíblico de vencer o mal com o bem dessa maneira COLETIVA. Ele chama os judeus exilados na Babilônia para vencerem o mal buscando a prosperidade da cidade. Quando Jeremias escreveu uma carta aos exilados babilônicos, eles se encontravam isolados em um ENCLAVE, recusando-se a tomar parte da cidade pagã "impura". Jeremias afirma de fato que haverá um julgamento (27.7) se a cidade não se arrepender, de modo que os israelitas não devem fechar os olhos para a iniquidade do local em que vivem.

Contudo, eles precisam se envolver com a cidade e buscar sua paz e prosperidade. Não devem se comprometer com os valores pagãos, mas devem ser gloriosamente positivos para com a cidade. O profeta lhes diz para construírem casas e se estabelecerem (29.5), para investirem na comunidade; para se casarem e terem filhos e filhas (v. 6a) e aumentarem em número, não diminuírem (v. 6b), para preservarem a própria identidade; para buscarem a "paz", a *shalom* da cidade (v. 7), para perseguirem a harmonia e a prosperidade geral do lugar; e para orarem ao Senhor pela cidade (v. 7). Portanto, Jeremias está dizendo aos crentes para "... [vencerem] o mal com o bem" levando seu amor e fé a fim de serem relevantes para o bem público da cidade em que vivem. Esse é o cenário das instruções de Paulo em Romanos 13.8-10.

A dívida de amor

No versículo 8, Paulo extrapola a ideia do versículo 7 — não deixar que nossos impostos fiquem em débito ou que a honra que devemos às autoridades seja obscurecida — para todas as nossas dívidas, as quais não devem ficar pendentes, e a seguir prossegue para a dívida eterna que o povo de Deus tem para com a sociedade: "... o amor de uns para com os outros..." (v. 8). E ele atrela essa "dívida de amor" ao nosso dever de guardar a lei de Deus, "... pois quem ama o próximo tem cumprido a lei". Por que isso? Porque a lei — os mandamentos para não cometer adultério, não matar, não roubar, não cobiçar, e assim por diante — "... se resume nisto: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (v. 9). Em outras palavras, a lei de Deus é sua diretriz sobre como amar as pessoas, como fazer o bem para aqueles à nossa volta. Paulo está dizendo: "As leis são mais do que meras diretrizes; são "versos de amor".

Em seguida, no entanto, ele inverte as coisas e diz também que o amor *é* o cumprimento da lei (v. 10). Paulo define o amor como a obediência rigorosa da lei de Deus no relacionamento

com o próximo. Ou seja, ele também está dizendo: "Amar na verdade é simplesmente seguir a lei". Em outras palavras, Paulo se recusa a lançar amor e lei um contra o outro. Obedecer é amar; amar é obedecer! Se queremos amar as pessoas, obedeceremos aos mandamentos de Deus.

As pessoas modernas não veem as coisas dessa forma. A curto prazo, sempre se tem a impressão de que a atitude amorosa a ser tomada é a infração da lei. Por exemplo, sabemos, de modo frequente, que a verdade machucará alguém, por isso mentimos. Mas Paulo está nos advertindo a não pensar que somos mais sábios do que Deus ao determinar o que machucará ou ajudará alguém. Em geral, quando falamos sobre o "amor", queremos dizer "conforto"; aquilo que dará à pessoa a menor perturbação ou incômodo possível. Afinal de contas, o objetivo do amor é não fazer mal (v. 10)! Mas só Deus sabe o que nós e nossos semelhantes precisamos de fato. Ele formou nossa alma e nosso coração e sabe do que necessitamos. A lei, por conseguinte, é a maneira de Deus dizer: "Não quer fazer o mal a seu próximo? Bem, aqui está como! Siga essas orientações, não seus instintos ou sabedoria". Assim, desobedecer à lei de Deus nunca é a simples desobediência! Cada pecado é também um ataque à sabedoria de Deus e um fracasso do amor.

Por isso, ao servir sua "cidade", o cristão deve evitar dois extremos, como entendia Jeremias. Em primeiro lugar, existe a tentação de viver em um gueto de crentes, mantendo a sociedade não cristã a uma distância confortável e deixando de amá-la, sem servi-la nem trabalhando por seu bem. Mas, em segundo lugar, Jeremias disse aos exilados para preservar sua identidade como povo de Deus, e (como já vimos) exilados como Daniel serviram ao Estado ao mesmo tempo que se recusaram a deixar de viver como servos obedientes de Deus. Não amamos a sociedade em que vivemos comprometendo a obediência aos padrões divinos, antes nós a amamos *obedecendo* aos mandamentos de Deus. O cristão nem se isola da sociedade, nem se amolda a ela.

Mantenha sua perspectiva

Para viver desse modo, os cristãos precisam entender "... o tempo em que vivemos..." (v. 11, NVI). Precisamos saber e nos lembrar que somos cidadãos tanto do Estado neste mundo que Deus estabeleceu sobre nós quanto do reino eterno que está às portas. Temos de manter nossa perspectiva.

Qual a natureza do tempo presente? "A noite já está avançada, e o dia se aproxima..." (v. 12a). Paulo ensina aqui que este mundo não perdurará muito tempo mais; o mundo eterno irromperá a qualquer momento agora. Muitos pensam que Paulo se equivocou, que o dia do juízo não veio tão rápido quanto ele esperava! Mas isso é deixar de compreender a ideia principal: precisamos perceber a natureza breve desta vida, a natureza passageira e EFÊMERA deste mundo. Devemos edificar nossa vida sobre coisas eternas, duradouras — verdade, Deus, amor, justiça. Aliás, você nem precisa ser cristão para ter a visão da natureza fugaz deste mundo. Muitos não cristãos que quase morreram de repente descobrem que suas prioridades sofreram uma reordenação profunda! Os cristãos devem sempre viver com essa perspectiva. A verdade maravilhosa é que, a cada dia da nossa vida, "... a nossa salvação está [...] mais perto do que no início, quando cremos" (v. 11).

Saber disso faz com que "... revistamo-nos das armas da luz" (v. 12b). Viveremos "... de modo decente, como quem vive de dia..." (v. 13). Isso requer imaginação e reflexão. Temos de imaginar que o dia raiou e que Jesus está bem à nossa frente, e então perguntar: "E agora, como devo me comportar? O que de fato tem importância eterna? O que durará para sempre?".

Temos de imaginar que o dia raiou e que Jesus está bem à nossa frente, e então perguntar: "E agora, como devo me comportar?".

No versículo 14, Paulo muda a metáfora sobre de que devemos nos "revestir" ao vivermos como cidadãos celestiais neste

mundo: "Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo; e não fiqueis pensando em como atender aos desejos da carne". Há um sentido, naturalmente, em que já nos revestimos de Cristo (Gl 3.27; veja Rm 6.3), que é o de estarmos legalmente justificados diante de Deus. Estamos legalmente "nele", "revestidos dele". Vimos isso ao longo de todo o livro de Romanos. Entretanto, o contexto indica que isso significa que temos de viver como se estivéssemos revestidos dele. Por exemplo, se um homem veste um smoking e uma mulher, um vestido longo e sapatos de salto alto, isso causa algum efeito no comportamento deles. Ao se olhar no espelho, vendo-se trajado para uma ocasião distinta e formal, o homem com certeza se comportará de acordo. Caso se esqueça e comece a andar de um lado para o outro como se estivesse com roupa de ginástica, ele parecerá ridículo (e é provável que estrague suas roupas!). Transponha a ilustração para a vida do cristão. Espera-se que nos lembremos "de quem estamos revestidos", do que ele fez por nós, do que desejou para nós e do quanto isso lhe custou. Isso é muito parecido com Romanos 6, que nos diz: "Vocês estão mortos para o pecado". Em seguida: "Agora ajam como mortos para o pecado!". Em outras palavras, Paulo ensina: "Em tudo que fizer, em todas as suas atitudes para com o Estado em que você vive e a sociedade da qual faz parte, lembre-se para onde está indo e lembre-se de quem você é!".

Perguntas para reflexão

1. Como você tem dispensado às autoridades seu respeito sereno e restrito?
2. Como você e sua igreja podem ser uma bênção para sua cidade ou região? (Em outras palavras: Se você ou sua igreja desaparecesse esta noite, a comunidade ao redor perceberia?)
3. O que mudaria em seu dia hoje se você imaginasse que Jesus está bem à sua frente e você se revestisse de Cristo?

10. NOVOS RELACIONAMENTOS: ENTRE O FRACO E O FORTE

Nos capítulos 1—11, Paulo explicou o evangelho: somos justificados aos olhos de Deus somente pela graça, por meio somente da fé, em virtude somente de Cristo. Em consequência disso, somos ao mesmo tempo pecadores, mas completamente justos e perfeitos aos olhos dele. Se compreendermos em plenitude o evangelho (caps. 1—5) e o experimentarmos (caps. 6—8), o resultado será uma vida de amor grato, jubiloso.

A partir do capítulo 12, Paulo começa a descrever essa vida de amor que transforma nossos relacionamentos conosco mesmos, com outros cristãos e com o mundo, tanto com amigos quanto com inimigos. Agora, no capítulo 14, ele tem a oportunidade de aplicar tudo que ensinou a um caso muito específico, um problema dentro da congregação romana. É como se dissesse: "Tudo bem, agora permitam que lhes mostre como isso se aplica a esse problema que vocês estão tendo".

Assuntos controvertidos

Qual é o problema? O fato de os cristãos não conseguirem deixar de julgar os companheiros cristãos (v. 13) quando se trata de "... assuntos controvertidos" (v. 1, NVI) — há um espírito de

rejeição em vez de aceitação dentro da igreja. A questão básica é que alguns membros não conseguem distinguir entre temas ligados a princípios básicos e preferências individuais. O fraco não sabe quando se encontra na área daquilo que Paulo chama de questões "controvertidas" e quando está na área das questões "incontroversas". O termo grego utilizado no versículo 1b é *dialogismoi*. Por tradição, dá-se a isso o nome de "questões de consciência". Uma questão de consciência é uma prática sobre a qual Deus não falou especificamente em sua Palavra. Não a proibiu com clareza nem a ordenou. Por isso é possível atingir um de dois "extremos" errados quando se trata de "assuntos controvertidos". Precisamos nos guardar de pensar que quase toda área constitui uma questão de consciência controvertida *e* da visão de que quase não existem áreas de questões de consciência controvertida.

Em Roma, a controvérsia tinha a ver acima de tudo com a comida: "Um crê que pode comer de tudo, e outro [...] come só verduras e legumes" (v. 2). Alguns sentiam, como cristãos, que não podiam comer carne.

Entretanto, também havia outras diferenças de opinião. O versículo 5 sugere que alguns achavam que tinham de guardar certos dias como se fossem santos. Em Colossenses 2.16, Paulo fala de cristãos que ainda observavam os dias de festa judaicos/do Antigo Testamento. Bem poderia ser isso que estivesse em discussão aqui. Além do mais, Romanos 14.14 e 20 indicam que alguns criam que determinados alimentos eram "impuros". Essa é uma referência clara às leis cerimoniais do Antigo Testamento sobre alimentos "puros" e "impuros" (veja, por exemplo, Levítico 11 e Deuteronômio 14). Tais leis faziam parte das normas do Antigo Testamento que qualificavam ou desqualificavam alguém para adorar no tabernáculo ou no Templo. Algumas pessoas ainda seguiam as leis da dieta KOSHER do Antigo Testamento etc. E então Romanos 14.21 sugere que o consumo do vinho

também podia estar em discussão. Alguns cristãos evidentemente achavam que os crentes não deviam beber nada.

O fraco e o forte

Em seguida, Paulo nos mostra o que significa ser "fraco" ou "forte". No versículo 3, ele diz: "Quem come não despreze quem não come, e quem não come não julgue quem come; pois Deus o acolheu". Paulo mostra nesse ponto que a pessoa "fraca" perde o foco do evangelho — não somos aceitos por Deus por fazermos ou deixarmos de fazer determinadas coisas. Somos aceitos em Cristo. Então por que Paulo se refere a tais pessoas como "fracas"? Leon Morris explica bem:

> Como a discussão demonstra, ele não se refere à pessoa que confia pouco em Cristo, o homem de fé frágil (veja 4.19). Em vez disso, tem em mente a pessoa que não compreende a conduta indicada pela fé [...]. Ela não entende que, quando nos apropriamos do significado da justificação pela fé, questões como o uso de carne e vinho e dias especiais tornam-se irrelevantes.[1]

Paulo não está dizendo que os cristãos "fracos" não são salvos ou mesmo que não confiam em Cristo. Na verdade, os "fracos" costumam ser os mais fervorosos e diligentes em tentar agradar a Cristo. Eles são "fracos" nos resíduos de um espírito legalista que ainda se apega a eles. Não descobriram

> Se você é salvo só pela graça, não há necessidade de sentir que pode ou deve manter de alguma forma o favor de Deus por meio de regras e regulamentos.

[1] *The Epistle to the Romans*, The New International Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p. 477.

as implicações do evangelho. Se você é salvo só pela graça, não há necessidade de sentir que pode ou deve manter de alguma forma o favor de Deus por meio de regras e regulamentos.

Em contrapartida, um cristão forte (Paulo não chama os cristãos que não são fracos de "fortes" senão em 15.1, mas a descrição é útil ao longo de todo o capítulo 14) é alguém que sabe que é salvo pelo evangelho e que, portanto, entende que há áreas em que é livre — por exemplo, para comer carne. Nesse caso, então, um cristão fraco diria: "Não devemos comer carne — é errado", embora Cristo tivesse dito que seu povo estava livre para comer qualquer alimento (Mc 7.14-23; veja as palavras de Paulo em Rm 14.14a). Já o cristão forte diria: "Somos livres para comer carne!".

É interessante comparar esse embate com aquele descrito em 1Coríntios 8. Havia ali um conflito entre ex-adoradores de ídolos e outros crentes sobre o fato de os cristãos deverem ou não comprar e comer a carne que sobrava dos cultos em templos pagãos. Nessa situação, "fortes" seriam os cristãos que dissessem: "Não há nada errado em comê-la — os ídolos não são reais". Assim, era provável que os "fortes" fossem preponderantemente cristãos judeus, sem nenhum histórico de adoração a ídolos. Os "fracos" seriam ex-idólatras (principalmente gentios) que um dia haviam se envolvido em cultos pagãos e agora se sentiam contaminados quando nada tinham que ver com eles.

Aqui em Romanos, no entanto, parece que os papéis estão invertidos. "Fracos" são aqueles que estão seguindo as leis da "pureza/impureza" do Antigo Testamento (14.2,3,14,20) e que se sentem contaminados quando comem carne impura ou infringem outras regras do Antigo Testamento. Os "fracos" aqui parecem ser cristãos judeus.

Alguns indagam: "Serão esses os "judaizantes" de Gálatas, que insistiam ainda ser necessário obedecer à lei do Antigo Testamento para ser salvo?". A resposta deve ser: "Não". Paulo

se recusou terminantemente a considerar tais pessoas cristãs (Gl 1.8). Não as chamou apenas de "fracas na fé". Por conseguinte, temos algo diferente aqui. Esses são cristãos acostumados a certas práticas alimentícias e a uma observância baseadas no Antigo Testamento. Eles começaram a menosprezar os cristãos que não os acompanhavam em seus costumes. Ora, Paulo, com bastante cautela, evita dizer que todos os cristãos judeus são fracos! Por quê? Muitos gentios, chamados de "tementes a Deus", também tinham participado das sinagogas antes de se converterem ao cristianismo. Também podiam ter sido "fracos" nesse sentido.

Colocar 1Coríntios 8 e Romanos 14 um ao lado do outro nos mostra que, com relação a uma questão em particular, um grupo étnico ou social poderia se enquadrar na categoria de "fraco" (como os gregos em Corinto) enquanto outro grupo podia ser forte. Mas, com relação a uma outra questão, os papéis podiam se inverter (como no caso dos judeus aqui).

Isso nos ajuda a enxergar o princípio mais amplo por trás desses casos. "Fracos" são quaisquer cristãos que tenham a tendência de promover e considerar costumes culturais e cerimoniais não essenciais como críticos para a maturidade e a eficácia cristã. A geração mais velha em determinada igreja, por exemplo, poderia se sentir muito superior ao pessoal jovem que gosta de música contemporânea na adoração. Não negam que os jovens sejam cristãos, mas poderiam alegar que sua música desagrada e ofende o Senhor pelo simples fato de que *os* desagrada e ofende. Assim, tomam uma questão de gosto, costume ou cultura e elevam-na a uma marca permanente, TRANSCULTURAL de maturidade espiritual.

Atitude

O versículo 3 também nos mostra as atitudes naturais do forte e do fraco um para com o outro. "Aquele que come de tudo..."

— o cristão "forte" — "... não deve desprezar o que não come..." (NVI) — o cristão "fraco". Paulo diz aqui para o forte não se sentir superior ao fraco. Isso significa que o ponto de vista provável do forte é sentir-se muito mais maduro, avançado, sábio e sofisticado em termos espirituais. Menosprezamos o fraco como alguém demasiado simples e tacanho. A atitude provável do forte para com o fraco consiste em dizer: "Esse é o seu problema!" e prosseguir com a prática ou atitude de que o crente fraco é desagradável e ofensivo a Deus.

Em contrapartida, "aquele que não come de tudo" — o cristão "fraco" — naturalmente condenará o homem que o faz. Observe que o versículo 3 nos diz que o forte terá a tendência de se sentir superior e indiferente em relação ao fraco, mas o fraco terá a tendência de condenar o forte. Não dará de ombros para o forte (como o forte faz em relação a ele), mas o denunciará e advertirá de que corre grave perigo espiritual, de que desagrada a Deus e o afronta.

Ou seja, o forte tende a encarar o fraco com excessiva leviandade, a não lhe dar peso suficiente porque o vê como alguém legalista. O fraco tem a tendência de levar o forte a sério demais e ficará profundamente perturbado e incomodado com o que entende como sua LICENCIOSIDADE.

Do que o fraco se esqueceu

Paulo diz que tanto o forte quanto o fraco não devem seguir suas inclinações naturais no relacionamento um com o outro. Os versículos 3b a 12 são acima de tudo uma crítica à atitude do fraco, ao passo que os versículos 13b a 21 tratam em especial do forte. Paulo diz para o "fraco": "Ao condenar o cristão que pratica o que você considera proibido, eis o que você esquece...".

Em primeiro lugar, que *todos somos justificados pela fé.* Por que um companheiro cristão não deve ser condenado? Porque "... Deus o acolheu" (v. 3b). O termo "acolheu" é o mesmo utilizado

na exortação inicial para que um "acolha" ou outro. Em outras palavras, Paulo está dizendo: "Vocês deveriam acolher um ao outro porque Deus os acolheu e aceitou". Isso é poderoso! Paulo ensina que devemos nos lembrar de que, quaisquer que sejam a força ou a fraqueza do cristão quanto ao comportamento e à opinião, ele é completamente amado e aceito pelo Pai por meio de Cristo. É disso que trata o livro inteiro de Romanos! Paulo agora aplica o evangelho a esses embates e diz a seus leitores que precisam ser controlados pelo conhecimento de que Deus aceita a outra pessoa e a considera justa em Cristo. John Stott escreve:

> Como ousamos rejeitar uma pessoa a quem Deus aceitou? De fato, a melhor maneira de determinar qual deveria ser nossa atitude em relação a outras pessoas é determinar qual a atitude de Deus em relação a elas. Esse princípio é melhor até do que a regra de ouro [tratar os outros como trataríamos a nós mesmos]. É seguro tratar os outros como gostaríamos que eles nos tratassem, mas é mais seguro ainda tratá-los como Deus o faz.[2]

Em segundo lugar, eles esqueceram que *Deus é o único juiz.* O versículo 4 é uma forte advertência contra denunciar o cristão que difere de você em uma questão de consciência. O verbo "julgar" aqui não significa uma simples avaliação, mas condenação e denúncia. Paulo, por exemplo, afirma que comer carne não é pecado em si. Mas um cristão pode decidir (talvez por razões muito boas) se abster da bebida. Nesse caso, é muito errado julgar e condenar os outros por beber. Por quê? "Quem és tu, que julgas o servo alheio?...". A pessoa não é sua serva. Deixe o Mestre, Jesus Cristo, incumbir-se de julgar se ela o está servindo de maneira adequada. Não estamos qualificados para julgar.

[2] *The message of Romans*, The Bible Speaks Today (Downers Grove: IVP Academics 2001), p. 361 [edição em português: *A mensagem de Romanos*, A Bíblia Fala Hoje (São Paulo: ABU, 2000)].

Em terceiro lugar, eles se esqueceram de ponderar com cuidado a própria posição. Cada um de nós necessita considerar e se convencer de que determinadas práticas são certas ou erradas. O fraco precisa se lembrar que pode estar errado! O versículo 5 é bastante interessante e importante: "... Cada um esteja inteiramente convicto em sua mente". Em outras palavras, Paulo afirma que temos de refletir bem sobre nosso comportamento. Primeiro, precisamos ver se a Bíblia de fato ordena ou proíbe determinada prática ou se deixa a consciência livre. Segundo, mesmo que a Bíblia nos deixe livres, podemos resolver nos abster da prática porque ou ela nos leva, como indivíduos para o pecado ou leva outros a pecarem. Determinar tudo isso requer reflexão e oração! Paulo está falando em especial ao fraco para fazer isso, uma vez que muitas pessoas com tendência ao legalismo são cheias de ESCRÚPULOS porque não estudaram a Bíblia nem meditaram o suficiente no assunto. Temos de buscar educar nossa consciência e ter a humildade para reconhecer onde erramos.

Porém, de igual modo — e em terceiro lugar — temos de agir de acordo com nossa consciência. O cristão não deveria se envolver com uma prática específica a menos que tenha ponderado sobre o assunto e esteja firme em sua convicção de que ela é correta. No versículo 6, Paulo dá uma ideia de como ponderar se uma prática pode ser adotada ou não: "... E quem come, para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e quem não come, para o Senhor deixa de comer, e dá graças a Deus". O cristão deve olhar para qualquer prática e dizer: "Posso fazer isso diante de Cristo? Posso fazê-lo com os olhos voltados para ele? Posso fazê-lo em seu nome, agradecendo a ele por isso?". Não vivemos por (ou "para") nós mesmos, mas como

> Embora nossa consciência deva ser informada, não deve ser ferida.

pessoas que têm um Senhor, a quem devemos ter como objetivo agradar. Nós "... somos do Senhor" (v. 7,8) — portanto, embora nossa consciência deva ser informada, não deve ser ferida.

O desafio para o fraco

Paulo reúne esses desafios para o fraco nos versículos 9 a 13a. Aqui está a ideia que ele defende, com base no que já disse: "Jesus viveu, morreu e ressuscitou (v. 9) para que vocês pudessem ser seus irmãos — então como vocês podem se esquivar de um irmão ou escarnecer dele se Cristo morreu por ele (v. 10a)? Como podem colocar-se na posição de Deus de julgar — quando vocês mesmos comparecerão diante dele e serão julgados (v. 10b,11)? Vocês deveriam se concentrar na própria conduta e em como responderão por ela quando se encontrarem com Deus (v. 12), em vez de fixar o foco na conduta de outra pessoa" (v. 13). Ou, para expor de maneira diferente: temos de aceitar qualquer pessoa que o Senhor aceitou em seu evangelho; não devemos condenar ninguém para quem não há condenação no evangelho; precisamos assegurar que nossa consciência esteja em sintonia com a liberdade do evangelho; temos de nos certificar de que vivemos, então, sintonizados com o evangelho.

Perguntas para reflexão

1. Seu caráter é o de alguém com a tendência de querer decidir todas as questões como se fossem controvertidas ou de quem não considera nada controverso? (veja p. 161-3)
2. Você é capaz de enxergar alguma área em que talvez seja um crente mais fraco (fazer isso exige grande consciência do próprio eu!)?
3. Em caso positivo, como esses versículos o desafiam e transformam?

SEGUNDA PARTE

Forte? Não faça tropeçar

O início do versículo 13 olha tanto para trás, para concluir as palavras de Paulo dirigidas ao cristão "fraco", quanto para a frente, de modo a introduzir o ensino de Paulo para o "forte". O cristão forte deve "... não [...] [julgar] mais..." e "... pelo contrário, [ter] como propósito não pôr pedra de tropeço ou obstáculo diante de vosso irmão". Paulo usa o mesmo termo — tropeço, ou *proskomma* — no versículo 20. O versículo 21 explica que tropeçar é "... cair" (NVI). O apóstolo está dizendo que, quando o forte se mostra insensível ao fraco, desprezando-o (v. 3), pode levar o fraco a pecar.

Como? No mínimo, tentando o fraco a ser rude, nutrindo um espírito condenatório, quebrando a comunhão e cultivando um espírito cruel e carente de graça — a atitude de julgamento sobre a qual Paulo os advertiu nos versículos 3 a 13a. Mas é possível que a ação do forte pudesse levar o fraco a começar a fazer coisas contrárias a sua consciência. Observe que Paulo é bastante claro com respeito à carne ser pura (v. 14). O fraco está errado quanto à comida e à bebida e ponto--final! Paulo pode estar se referindo aqui às palavras de Jesus em Marcos 7.14,15 — Deus também deu uma palavra a Pedro a esse respeito (At 10.15,28). O que era impuro agora é puro. Deus não criou nada material que seja maligno; só o nosso próprio coração pecaminoso usa as coisas materiais de modo que produz o mal. Devemos desfrutar das coisas materiais, como a carne, com ações de graças (veja 1Tm 4.1-5). A razão para a existência das leis sobre alimentos no Antigo Testamento provavelmente era uma forma de Deus ensinar aos israelitas que eles não podiam entrar em sua presença como estavam; era preciso haver pureza. Agora, em Cristo, somos levados à presença de Deus santos e sem mácula (Cl 1.22). Portanto, ser escrupuloso

demais em relação à utilização de qualquer coisa material significa uma falha em compreender todas as implicações das doutrinas da criação e da redenção.

Contudo, apesar de sua declaração abrupta de que a posição do fraco não é bíblica, Paulo declara: "... nada por si mesmo é ritualmente impuro, a não ser para quem assim o considera; para esse é impuro" (Rm 14.14). Ele complementa o que quer dizer no versículo 23. Se alguém age contra a própria consciência, mesmo que seu gesto não seja errado, este passa a sê-lo porque a pessoa não está agindo de acordo com o que considera o comportamento correto para o cristão. O comportamento não foi informado pela fé, mesmo não sendo errado; e "... tudo o que não provém da fé é pecado" (v. 23).

Liberdade causando tropeço

Isso quer dizer que, embora o forte esteja certo, considerando o contexto bíblico, ele não deve simplesmente mostrar-se indiferente para com os irmãos mais fracos e continuar a desfrutar de sua liberdade. Paulo lhe diz no versículo 15 que, nesse caso específico de comer carne, coisa que ele é livre para fazer, duas coisas estão acontecendo.

Em primeiro lugar, o forte não está sendo amoroso. O "... amor de uns para com os outros..." (13.8) não se aplica menos aos de dentro da igreja do que aos de fora. Quando você faz algo deliberadamente, sabendo que isso aflige um irmão ou irmã cristãos, não está sendo amoroso. (Não estamos falando de atividades que recebemos a ordem de praticar, como dar, falar às pessoas sobre Jesus etc. Estamos falando de coisas cuja prática nos é permitida.) Quando fazemos de propósito o que angustia o outro, não estamos sendo amorosos.

Em segundo lugar, a obra de Deus está sendo destruída. Paulo diz ao forte que ele pode levar o irmão fraco a "... perecer..." (14.15). O que significa fazer "perecer"? Alguns entendem

que o irmão fraco poderia ser completamente arruinado e ir para o inferno, mas isso é bastante improvável. A maior parte de Romanos 8 discorre sobre como nada pode nos separar do amor de Cristo. Devemos crer que a insensibilidade do forte para com o fraco é mesmo suficiente para mandar o cristão para o inferno? Assim, não podemos concluir que o forte tem o poder de destruir o cristianismo de outra pessoa. Isso fica mais claro em 14.20, que nos ensina que a insensibilidade do forte pode "... [destruir] a obra de Deus...". Essa é a obra que Deus está realizando em cada crente (a "... boa obra..." que ele começou "... em vós...", Fp 1.6), para levá-lo à medida da estatura da plenitude de Cristo (Ef 4.13). Em outras palavras, o forte consegue retardar e frustrar o amadurecimento do fraco na sabedoria e no caráter semelhantes aos de Cristo. É possível também que "... obra de Deus..." fosse uma referência à igreja, de modo que o forte prejudica os relacionamentos que Deus tem edificado na igreja.

Como é isso na prática? Digamos que o fraco esteja convencido de que beber álcool é sempre pecado. Ao ver outro crente fazendo isso, talvez ele diga com facilidade: "Bom, acho que tudo bem", porque a pressão do grupo do forte pode levá-lo a beber. Se o fraco o faz sem estar de fato convencido de que o ato não é contrário à vontade de Deus, seu gesto ferirá sua consciência — e ele se sentirá culpado. Só que, agora que ignora a culpa, consegue se abrir para fazer outras coisas erradas de verdade.

Eis um exemplo da vida real. Certa vez conheci uma menina, que cursava o ensino médio, criada em uma igreja muito rígida; essa igreja ensinava ser pecado o uso de maquiagem. A pressão do grupo na escola (de outras meninas cristãs criadas em outras igrejas) levou-a a usar maquiagem depois de sair de casa pela manhã (e a removê-la antes de voltar para casa). Ora, embora a Bíblia em parte alguma proíba a maquiagem, a menina estava VIOLANDO a própria consciência ao agir assim. Ela não estava "convencida". Espiritualmente, em seu interior, ela optava pela

popularidade em detrimento da fidelidade a Deus. Como consequência disso, logo se viu mais aberta para as reais violações da vontade de Deus na área da sexualidade. Acabou "tropeçando" porque as amigas cristãs tinham zombado de seus princípios, por mais mal orientados que fossem.

Do que o forte se esqueceu

Portanto, Paulo diz ao forte: "Quando você despreza um crente mais fraco e não muda o próprio comportamento (permitido), eis o que está esquecendo...".

Em primeiro lugar, *a quem você está prejudicando* — seu irmão, "... aquele por quem Cristo morreu" (Rm 14.15). Paulo lembra o forte de que Jesus pagou com a própria vida por todo cristão — um preço enorme. Se Jesus morreu por um irmão fraco, devemos então tratá-lo com extremo cuidado e sensibilidade, por mais fraco que ele seja. Temos de lhe dar valor. Se Jesus abriu mão da vida por ele, podemos abrir mão da nossa liberdade. Mais ainda, essa liberdade, que sabemos ser boa, será vista como "má" pelos irmãos mais fracos se o forte simplesmente continuar se entregando a ela (v. 16). Veja o caso da ingestão de carne — se um crente forte come carne na frente de um crente mais fraco sem buscar educar-lhe a consciência com delicadeza e sem se abster se houver discordância, o crente mais fraco acabará olhando para o que é bom — comer carne — e considerando-o errado ou ruim.

Em segundo, ele está esquecendo *o que de fato importa na vida do cristão*. Ser membro do reino de Deus "... não consiste em comer e beber..." (v. 17) — não devemos considerar que nossa vida signifique desfrutar das nossas liberdades, em especial das liberdades que só a justificação pela fé traz. Em vez disso,

Não devemos considerar que nossa vida signifique desfrutar das nossas liberdades.

ela diz respeito a "... justiça, paz e alegria no Espírito Santo". Nosso comportamento precisa ser guiado pelo que produz tais coisas, para nossos irmãos e irmãs na fé bem como para nós. O forte deve se lembrar de ser "... sacrífico vivo..." (12.1), servindo a Cristo de tal modo que seja "... agradável a Deus..." (v. 14.18). (É claro, Paulo também está ensinando o fraco aqui — ele precisa entender que regras e regulamentos sobre coisas materiais deixam de lado o que de fato importa no reino; que na verdade o reino diz respeito a caráter transformado e serviço mútuo.) E, assim, o princípio que orienta o comportamento do forte não deve ser: "Como desfruto da minha liberdade no evangelho nessa área?", mas, sim: "O que me levará à paz com meu irmão e ao encorajamento e santidade do meu irmão?" (v. 19).

É assim que o forte "acolhe" (veja 14.1, 15.7) os cristãos mais fracos. O verbo "acolher", *proslambano*, significa mais do que simplesmente ser paciente com alguém. Uma tradução melhor seria "dar as boas-vindas", pois o termo original quer dizer receber alguém em seu círculo e em seu amor. Isso é muito importante, pois a tendência do forte é se distanciar do fraco que lhe desaprova as práticas. Paulo insiste em que haja um esforço por preservar o relacionamento e para não deixar a diferença se interpor entre eles. Acolher significa "... [esforçar-se] em promover tudo quanto..." (v. 19, NVI). Resumindo, Paulo declara que o forte não deve evitar ou descartar os irmãos mais fracos, mas buscar permanecer perto deles.

Afinal, se somos "mais fortes" em determinada área, desde que tenhamos o bem espiritual do nosso irmão mais fraco como nossa prioridade, saberemos que: "É melhor não comer carne, nem beber vinho, nem fazer outra coisa que se torne motivo para que teu irmão tropece" (v. 21). Precisamos ser cuidadosos aqui. "Tropeçar" e "cair" significa mais do que apenas incomodar o irmão mais fraco. Um cristão mal-humorado seria capaz de chantagear uma igreja inteira nesse caso. Algumas igrejas

têm cristãos muito fracos e uma quantidade enorme de escrúpulos. Eles se irritam e se aborrecem o tempo todo com outros membros da igreja que violam seus padrões de comportamento cristão apropriado. O forte não é obrigado a se abster de tudo que aborrece o outro. Mas, se o fraco tem uma convicção muito profunda e estabelecida — se está "convencido" (veja 14.5) — e caso se sinta nitidamente tentado à amargura ou confusão espiritual, então o forte deve se conter por amor. Um bom exemplo disso são as formas de adoração. Se uma pessoa forte consegue apreciar e usar toda uma variedade de formas de música/adoração, mas uma pessoa mais fraca só consegue utilizar um tipo, então a forte deve respeitar a fraca.

Como o fraco e o forte podem conviver

Nos versículos 22 e 23, mais uma vez Paulo se dirige tanto ao forte quanto ao fraco. No versículo 22, ele anuncia: "Guarde sua opinião para você!". Precisamos reconhecer quando determinada prática está inserida em uma área considerada "controvertida", quando ela é contada entre diversas *dialogismoi* (veja p. 161-3). Quando algo não é claramente proibido ou ordenado nas Escrituras, não imponha nem exiba em alta voz suas opiniões e práticas sobre o assunto. Guarde-as para si. Não devemos levar essa ideia ao extremo — Paulo não está dizendo que você não pode dar sua opinião, se questionado! Tampouco que você nunca pode avaliar as coisas. Afinal, Jesus nos diz para termos cuidado com os falsos profetas (Mt 7.15), e João nos orienta a avaliarmos os espíritos (1Jo 4.1). Em vez disso, Paulo quer dizer que, tendo identificado tratar-se de uma área "controvertida", devemos cuidar da nossa vida em vez de insistir em que a discussão se torne assunto de toda a igreja.

Contudo, mesmo sem criar um grande caso, o cristão ainda deve viver de acordo com sua consciência. Se um crente duvida de que determinado ato seja permitido por Deus, praticá-lo

mesmo assim seria agir em rejeição ao que considera ser fiel — é pecar (Rm 14.23). Os crentes mais fracos precisam lembrar-se de não violar a própria consciência; os mais fortes, de não encorajar os irmãos a fazê-lo.

Esse é o significado de não julgar um ao outro em áreas controvertidas. Ao longo de todo o capítulo, empreguei exemplos modernos para mostrar algumas maneiras pelas quais os princípios podem ser aplicados; mas, claro, os problemas que enfrentamos variarão de acordo com nossa igreja e cultura. Em todos eles, no entanto, o primeiro e mais importante princípio é: determine se a questão está em uma área "controvertida". A forma de fazer isso é consultando as Escrituras. Se entre cristãos maduros que honram a Bíblia houver ampla discordância sobre alguma questão (como o batismo), temos de estar dispostos a reconhecer que isso é "controverso". Quem quiser depositar tudo na área da controvérsia precisa ser advertido sobre os perigos dessa tendência, e qualquer um que queira pôr pouco ou nada na área da controvérsia deve ser advertido dos perigos dessa perspectiva.

Depois que um grupo de cristãos concorda em colocar uma questão qualquer na área controversa, precisamos então seguir o conselho de Paulo. O mais fraco deve se dispor a examinar de fato as informações bíblicas, a repensar sua posição e a se recusar a condenar quem discorda. Ele deve permitir que outros sigam a própria consciência nessa área. Ao mesmo tempo, o mais forte também deve se dispor a restringir sua liberdade para evitar desencorajar ou prejudicar companheiros crentes, em especial se as convicções desses companheiros forem muito fortes. Essa será então uma comunidade cristã capaz de demonstrar a justiça, a paz e a alegria que o Espírito Santo confere aos membros do reino de Deus e pelas quais o Senhor Jesus morreu para incluir todos os crentes — "fracos" e "fortes".

Perguntas para reflexão

1. Na sua igreja, em quais questões controvertidas há crentes "fracos" e "fortes"?
2. Se você se considera um crente "mais forte" em relação a uma dessas questões, qual a sua prioridade: desfrutar da liberdade que tem ou abrir mão dela para servir outro cristão?
3. Como você pode buscar a paz dentro da comunidade da sua igreja mais ativamente?

11. UNIDADE E MISSÃO

A unidade do evangelho na igreja e a missão do evangelho no mundo: dois grandes temas de Romanos e duas das grandes paixões do ministério de Paulo. Estes são também o foco deste capítulo, à medida que a carta à igreja romana se aproxima do fim.

Sem agradar a nós mesmos

Paulo começa apresentando-nos um princípio amplo da ÉTICA cristã: "Nós, que somos fortes, temos o dever de suportar as fraquezas dos fracos, em vez de agradar a nós mesmos" (Rm 15.1). Pessoas detentoras de poder (econômico, cultural, social) devem ser despenseiras do próprio poder para edificar e agradar aqueles que se mostram "fracos" nessas áreas — não devem usar o poder que têm para se edificarem e se sentirem confortáveis.

Essa declaração nasce claramente da discussão do capítulo 14, na qual Paulo ensinou sobre os relacionamentos na igreja; contudo, ao usar o termo "... próximo..." em 15.2, ele amplia o ensinamento. Só os cristãos são meus irmãos e minhas irmãs, mas todo e qualquer ser humano é meu "próximo" (veja Lc 10.25-37).

Assim, o princípio de Romanos 15.1 é abrangente porque se aplica, em cada área da vida, a todos que encontramos:

- *Finanças.* Os cristãos que têm dinheiro devem enxergá-lo como algo que Deus lhes deu para ajudar e levantar quem não o tem (veja nos versículos 25 a 28 a discussão de Paulo em que ele levanta uma oferta financeira para os cristãos pobres em Jerusalém).

- *Liderança da igreja.* Os cristãos na liderança da igreja não devem planejar o ministério apenas para se sentirem felizes e confortáveis, mas tendo em mente quem é de fora e o cético.
- *Relacionamentos.* Não devemos nos relacionar apenas com "nossos iguais" ou com pessoas que contribuem conosco e nos edificam em termos emocionais. Precisamos estar dispostos a amar e nos relacionar com pessoas exaustivas. O cristão não entra na sala e pergunta na mesma hora: "São essas as pessoas com quem quero ser visto? São essas pessoas de quem vou gostar?". Antes, ele se questiona: "Como posso ajudar essas pessoas e edificá-las? A quem posso servir de alguma forma?".
- *Opção de residência.* Em vez de perguntar: "Onde eu moraria com mais conforto?", deveríamos questionar: "Onde eu poderia ser mais útil a Deus e às pessoas?". Por isso muitos cristãos permanecem na mesma cidade. O "desenvolvimento da comunidade" é um ministério no qual os cristãos com poder econômico para viver em qualquer outra parte escolhem se mudar para um bairro assolado em termos financeiros e dedicar a própria vida para reconstruí-lo. Ele é baseado no princípio deste texto.
- *Relacionamentos na igreja.* Paulo aplicou esse princípio do capítulo 14 a um caso específico. Na igreja, não devemos buscar ganhar discussões com cristãos que divergem, mas respeitá-los, reconsiderar nossas posições e, se as diferenças persistirem, buscar nos ajustar às sensibilidades alheias.

Como sempre no ministério de Paulo e no livro de Romanos, o apóstolo nos lembra que Jesus Cristo nos serve tanto de exemplo quanto de motivação. "... também Cristo..." — o Filho do Deus eterno, merecedor do louvor e da adoração do mundo — "... não agradou a si mesmo..." (v. 15.3). Ele veio não para ser servido, mas para servir (Mc 10.45). A fim de demonstrar isso,

Paulo cita o salmo 69, mencionado diversas vezes no Novo Testamento como um "salmo messiânico", por apontar para a vida e o ministério de Cristo. No salmo, um homem rico e justo suporta sofrimento e perseguição imerecidos: "... As ofensas dos que te ofendiam caíram sobre mim", ele diz para Deus (Rm 15.3).

Ao aplicar essa história a Jesus, Paulo afirma que Jesus estava disposto a ser alvo de zombaria, a ser torturado e morto por aqueles que eram inimigos de Deus. Ele fez isso para servir quem estava à sua volta, e temos de ter a mesma atitude para com todos ao nosso redor — vivendo sacrificialmente de modo a edificá-los.

O que são as Escrituras

Assim que Paulo cita as Escrituras, acrescenta um breve comentário: "Porque tudo o que foi escrito no passado foi escrito para nossa instrução, para que tenhamos esperança por meio da perseverança e do ânimo que provêm das Escrituras" (v. 4). Aqui estão três implicações dessa única frase:

1. *As Escrituras são aplicáveis por inteiro ao dia de hoje.* "O passado foi escrito para nossa instrução." Em outras palavras, tudo que está preservado nas Escrituras o foi para nos ensinar alguma coisa. Quando Paulo fala em "... tudo...", está se referindo ao que é conhecido como a inspiração "plenária" da Bíblia. Cada porção dela é projetada por Deus para nós, e cada porção contém lições e aplicações.
2. *As Escrituras são centradas em Cristo.* A capacidade que Paulo tem de citar o salmo 69 e aplicá-lo a Cristo nos lembra que, basicamente, todas as Escrituras dizem respeito a Jesus. Ele mesmo ensinou aos discípulos no caminho de Emaús que "... todas as Escrituras" falavam a seu respeito (Lc 24.27).
3. *Se usadas de maneira adequada, as Escrituras aumentarão a "esperança" em nós.* As duas maneiras pelas quais fazem isso

são por meio da perseverança (significa que a Bíblia nos chama para o trabalho duro e a disciplina) e do encorajamento (significa que a Bíblia faz promessas incríveis e preciosas). Se estivermos dispostos a ouvir tanto seus mandamentos quanto suas promessas, a esperança crescerá — a alegre persistência na vida.

Um espírito de unidade

Paulo agora volta a considerar os relacionamentos dentro da igreja, "... entre vós..." (Rm 15.5). Os versículos 5 e 6 são uma oração — em favor da unidade que será estabelecida e preservada à medida que o forte e o fraco vivenciarem o ensinamento de Paulo do capítulo 14 e de 15.1-3. Essa unidade é, em última análise, *um dom sobrenatural.* Trata-se de um espírito que Deus deve "... vos [dar]..." (v. 5). Nenhum método é capaz de criá-lo; vem somente dele. E vem de se *seguir a Cristo em conjunto.* Deus o concede "à medida que vocês seguem a Cristo Jesus". Essa unidade verdadeira não vem quando a buscamos diretamente. Ela é antes um subproduto da busca de outra coisa que não a unidade, qual seja, a busca de seguir a Cristo. Os cristãos passivos não experimentarão grande unidade. Só os crentes empenhados em seguir a Cristo — estabelecendo prioridades para o crescimento e o ministério cristãos — experimentarão profunda unidade.

> A unidade não vem quando a buscamos; ela é antes um subproduto de quando buscamos seguir a Cristo.

Dessa forma, a unidade é associada à *nossa adoração em conjunto* e por ela é expressa e ampliada: "Para que, unânimes e a uma só voz, glorifiqueis o Deus e Pai..." (v. 6). A referência à "voz" provavelmente faz menção à adoração coletiva. Não há como glorificar a Deus "... a uma só voz..." a menos que você esteja

cantando e orando em conjunto! O "... para que..." aqui mostra que Deus confere unidade espiritual *a fim de que* possamos adorar juntos; nossa busca nesse sentido acentuará a unidade.

No versículo 7, Paulo acrescenta que a unidade cristã é *baseada em nossa justificação em Cristo*: "... acolhei-vos uns aos outros, *como também Cristo nos acolheu...*" (grifo do autor). Só quando compreendemos que somos aceitos por Cristo e vivemos em resposta a isso, em vez de vivermos a fim de sermos aceitos por ele, acolheremos as pessoas. Por quê? Primeiro, porque os legalistas — aqueles que pensam ser necessário fazer por merecer ou manter o favor de Deus por meio do próprio caráter ou comportamento — precisam se justificar o tempo todo. Existe uma ansiedade subjacente, é claro, pois no fundo sabem que Deus deseja a perfeição e ninguém é capaz de manipulá-la! Quem está tentando fazer por merecer sua salvação procura aquietar a própria consciência comparando-se aos outros e encontrando defeitos neles, a fim de sentir que Deus deve favorecê-lo. Tal pessoa precisa desesperadamente se convencer de que está do lado certo. Como resultado disso, existe uma profunda insegurança e um espírito crítico que leva a embates. Segundo, se vivemos como legalistas, sentimos a necessidade de dizer aos outros como se justificarem! Impomos nosso legalismo sobre eles e insistimos em que trilhem a mesma estrada que nós.

Assim, para uma pessoa sem entendimento do evangelho, diferenças de opinião e prática são enormes e insuperáveis. Contudo, se compreendermos a justificação, que somos aceitos apesar de nossas deficiências e falhas, seremos capacitados a aceitar os outros apesar de suas deficiências e falhas. Na verdade, o modo de saber até que ponto você compreende o evangelho é ver o quanto ama as pessoas, apesar das falhas que elas têm. Você diz: "Se Deus perdoa meus pecados por meio de Cristo, como posso deixar de fazer a mesma coisa com essa pessoa? Será que acho que sou mais justo do que Deus?".

("Acolher" naturalmente não implica a recusa de confrontar alguém por causa de padrões de pecado — precisamos nos lembrar de Romanos 12.9.)

Cristo para judeus e Cristo para gentios

Novamente, Paulo aponta para Cristo como o grande exemplo desse tipo de serviço. Dessa vez, ele se concentra no propósito de sua missão de servir, que era duplo. Primeiro, Jesus "... se tornou servo da circuncisão [...] para confirmar as promessas feitas aos patriarcas" (15.8). Ele é aquele que traz bênção aos descendentes de Abraão; ele é aquele em quem os judeus encontram acesso ao céu, em cumprimento à promessa feita para Jacó (Gn 12.1-3; 28.10-17). Segundo, Jesus se tornou servo "... para que os gentios glorifiquem a Deus pela sua misericórdia..." (Rm 15.9). Cristo veio a fim de que Deus acolhesse tanto judeus quanto gentios e, com isso, o evangelho é capaz de derrubar "... a parede de separação..." (Ef 2.14); judeu e gentio, forte e fraco, rico e pobre devem refletir isso em seus relacionamentos na igreja.

Na verdade, o propósito de Deus sempre foi ter um povo constituído de todas as nações, judeus e gentios. Paulo mostra isso nas quatro citações do Antigo Testamento de Romanos 15.9-12. Há uma progressão. Primeiro, o nome de Deus deve ser louvado entre os gentios por seu povo (v. 9); os gentios devem ser convidados a louvar "... juntamente com o seu povo" (v. 10), de modo que "... todos os povos" (judeus e gentios) louvarão o Senhor (v. 11); e tudo isso será realizado pela "... raiz de Jessé..." — o grande Legislador que virá da linhagem de Davi, filho de Jessé — quando as nações se colocarem debaixo do seu governo e nele encontrarem "... a esperança" (v. 12). O plano de Deus sempre foi que seu povo proclamasse às nações que Deus deve ser louvado e atraísse as nações para seu povo sob o governo e a esperança de seu Rei escolhido. Douglas Moo salienta:

> Paulo cita cada porção do Antigo Testamento — os escritos (v. 9b e 11), a lei (v. 10) e os profetas (v. 12) — para mostrar que a inclusão de gentios entre os judeus em louvor a Deus sempre fez parte dos propósitos divinos.[1]

Deus sempre opera no sentido de que haja unidade no evangelho acima de toda divisão e discordância. Quando os cristãos romanos — judeus e gentios, fracos e fortes, ricos e pobres e assim por diante — se encontram para louvar a raiz de Jessé, Cristo Jesus, estão expressando seu "... espírito de unidade, segundo Cristo Jesus" (v. 5, NVI); corporificando assim o plano de Deus e trazendo-lhe glória (v. 6). Mas, repetimos, só Deus pode conceder esse tipo de unidade — de modo que Paulo ora para que ele faça justamente isso, por meio do seu Espírito (v. 13).

Encorajamento com autoridade

Paulo sabe que escrevia "... mais francamente, para [lembrá-los] de algumas coisas..." (v. 15), e prossegue então sua oração e apelo por unidade nessa igreja com um encorajamento para eles e um lembrete de sua autoridade para ensiná-los. Eles não haviam se encontrado, mas Paulo está "... convencido de que já estais cheios de bondade e plenamente supridos de todo conhecimento, sendo, vós mesmos, capazes de instruir-vos uns aos outros" (v. 14). O apóstolo está confiante de que serão capazes de pôr em prática as implicações de sua carta — as implicações do evangelho — mais e mais nas congregações. E lembra-os de que é certo que assim o façam, visto que não se autonomeou, antes é "... um servo de Cristo Jesus entre os gentios..." (v. 16), "... por causa da graça que me foi concedida por

[1] *The Epistle to the Romans*, The New International Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p. 878.

Deus" (v. 15). Ele foi "... chamado para ser apóstolo..." (1.1). Suas palavras não são meros conselhos; vêm com a autoridade de Jesus. O encorajamento e o desafio tanto para os primeiros leitores quanto para os leitores do século 21 são no sentido de reconhecer essa autoridade outorgada por Deus e, com alegria, humildade e em comunidade, pôr em prática as implicações do evangelho que Paulo expôs em Romanos.

Perguntas para reflexão

1. De que maneiras você já serve outras pessoas em vez de agradar a si mesmo? De que modos você precisa começar a fazer isso motivado pelo exemplo de Cristo?
2. Como as três verdades sobre as Escrituras em 15.4 (veja p. 180-1) o estimulam a ler a Bíblia e moldam sua forma de abordá-la?
3. Até que ponto você está comprometido em orar e buscar a unidade entre os membros de sua igreja?

SEGUNDA PARTE

O motivo para compartilhar a mensagem

O cristianismo é uma fé missionária — ele contém na própria mensagem o motivo para compartilhá-la. Paulo foi o maior missionário da história da igreja cristã. Em 15.16-23, descobrimos muito sobre seu ministério de evangelismo, de expansão do evangelho; e descobrimos que ele tem muito para nos ensinar.

Em primeiro lugar, vemos o *motivo* para o evangelismo de Paulo. Não se trata para ele de mero dever, mas de uma paixão. Ele descreve seu trabalho como algo que acontece "... para os gentios, com o dever [...] de proclamar o evangelho de Deus..." (v. 16, NVI), e então declara: "... eu me glorio [...] em meu serviço a Deus" (v. 17, NVI). Por quê? Para Paulo, o

evangelismo é um ministério sacerdotal: "... [é] ser um ministro de Cristo Jesus para os gentios, com o dever sacerdotal de proclamar o evangelho de Deus, para que os gentios se tornem uma oferta aceitável a Deus..." (v. 16, NVI). Conforme vimos em nossa consideração sobre 12.1 (veja p. 115-7), no Antigo Testamento o trabalho do adorador era apresentar dois tipos básicos de sacrifícios ou ofertas a Deus: primeiro, ofertas pelo pecado (para expiação do pecado, pedindo-lhe perdão); e segundo, ofertas queimadas e de ações de graças (por gratidão, prestando culto e honra a Deus). O trabalho do sacerdote era oferecer tais sacrifícios em benefício de indivíduos ou do povo como um todo. No Novo Testamento, os cristãos entendem que Jesus fez a oferta final e completa pelo pecado, mas todas as pessoas ainda devem apresentar a si mesmas e a tudo que têm como "ofertas" de gratidão a Deus — em resposta aos sacrifícios de Cristo pelos pecados, têm de se oferecer como "... sacrifícios vivos..." (12.1).

Aqui Paulo vê os gentios convertidos como ofertas suas para Deus! Ele encara o evangelismo como um modo de dar louvor e graças a Deus. Assim como Paulo disse, em Romanos 12.1: "Entreguem-se por inteiro a Deus, à luz de tudo que Jesus lhes dá", agora ele afirma que seu evangelismo é uma oferta a Deus em resposta a tudo que Jesus lhe concede. Nosso evangelismo é parte não menos importante de como ofertamos nós mesmos a Deus. Testemunhar não é um acréscimo à vida cristã; é sua porção central.

Em segundo lugar, Paulo nos revela qual é o *objetivo* de seus esforços. Só o que importa para ele é "... [aquilo] que Cristo tem feito por meu intermédio, para obediência dos gentios, em palavra e ação" (15.18). Ele mencionou em 1.5 que chama os gentios para a "...obediência da fé" (1.5). Essa obediência surge como uma resposta ao evangelho e ao dom da justiça de Deus e em consequência destes. Mas a questão é que o objetivo de

Paulo com o evangelismo não é um mero tipo de "experiência de conversão", mas vidas transformadas por inteiro. Ele quer pessoas que sejam obedientes e santas em relação a Deus. Em outras palavras, o objetivo do nosso evangelismo não deve ser simplesmente ver alguém ir para a frente em um apelo para conversão ou repetir uma oração de aceitação etc.; deve ser fazer discípulos de Cristo (Mt 28.19,20). O objetivo do evangelismo é a completa transformação da vida. As pessoas não são "evangelizadas" até que deixem de ser seu próprio senhor e se convertam em alegres servas do Senhor.

O objetivo do nosso evangelismo não deve ser simplesmente ver alguém repetir uma oração de aceitação; deve ser fazer discípulos de Cristo.

Em terceiro lugar, Paulo nos mostra como o evangelismo é extremamente importante para ele: "... não ousarei falar de coisa alguma senão daquilo que Cristo tem feito por meu intermédio, para obediência dos gentios..." (Rm 15.18). Que declaração forte! Paulo realizou muita coisa — considere o fato de que ele deve ter sido o maior teólogo na história da igreja. Mas seu trabalho como teólogo não era o que o fazia se "... gloriar..." (v. 17). O que mais o empolgava era o povo que vira passar da morte para a vida por meio do seu ministério.

Será que todos nós deveríamos nos sentir assim? Com certeza, os dois primeiros pontos mencionados (motivo e objetivo) podem servir como ideais para todos os cristãos. Mas precisamos entender que Paulo tinha alguns dons especiais de evangelismo de que nem todos partilhamos e um chamado como apóstolo para os gentios que nenhum de nós compartilha. Então, quando ele afirma sentir que nada em sua vida era tão importante ou gratificante quanto o evangelismo, penso que isso deve refletir seu chamado específico para ser

um evangelista plantador de igrejas. No entanto, seu exemplo deve levar a igreja a reconhecer a tremenda importância do evangelismo como um todo e talvez também possa nos desafiar como indivíduos. Podemos não ter o chamado ou todos os dons de Paulo, mas somos chamados para fazer "... discípulos de todas as nações..." e para estarmos "... sempre preparados para responder [...] [sobre] a razão da esperança que há em [nós]", a fim de conseguirmos aproveitar "... bem cada oportunidade" (Mt 28.19; 1Pe 3.15; Cl 4.5). O evangelismo pode não ser tudo em nossa vida e ministério, como era para Paulo, mas talvez devesse ser bem mais do que é.

Em seguida, Paulo menciona os *meios* de evangelismo. Ele diz que ganha pessoas para Cristo por meio de "... palavra e ação" (Rm 15.18). Isso significa que ele não só transmite a mensagem do evangelho falando, mas também por meio de sua vida e ações. Logo em seguida ele menciona alguns de seus feitos: "pelo poder de sinais e prodígios..." (v. 19). Não devemos pensar que esse fosse o único tipo de evangelismo "visual" ou por "atos" que Paulo adotava. Como veremos, ele encorajava a igreja a cuidar dos pobres. E, em 1Tessalonicenses, escreve a seus convertidos: "... Sabeis muito bem como procedemos em vosso favor quando estávamos convosco. [...] ...embora, como apóstolos de Cristo, pudéssemos exigir isso da vossa parte; pelo contrário, fomos bondosos entre vós, como a mãe que acaricia os próprios filhos. Assim, devido ao grande afeto por vós, estávamos preparados a dar-vos de boa vontade não somente o evangelho de Deus, mas também a própria vida [...]. Vós e Deus sois testemunhas de como nos portamos de modo santo, justo e irrepreensível para convosco, os que credes" (1.5; 2.6-8,10).

Isso mostra que Paulo via o evangelismo como algo "encarnacional". Não devemos só comunicar o evangelho às pessoas, mas encorporá-lo em nossas atitudes e relacionamentos. Temos

de convidar (em certo sentido, "desafiar") as pessoas a olharem para nós em maior profundidade e verem como é uma vida reordenada pelo evangelho.

Em Romanos 15.19, Paulo menciona o "... poder de sinais e prodígios...". O que fazer com isso nos dias atuais? Os prodígios podem acontecer hoje, mas, novamente, o número de milagres no ministério de Paulo tinha relação específica com o fato de ele ser apóstolo (como o número de prodígios no ministério de Jesus não é algo que devamos esperar ou exigir ver reproduzido no nosso). Esse é um assunto amplo e não ocupa o foco principal do ensino de Paulo em Romanos 15, por isso deixarei apenas uma citação de John Stott sobre os versículos 18 e 19:

Temos de "desafiar" as pessoas a olharem para nós em maior profundidade e verem como é uma vida reordenada pelo evangelho.

> Essa combinação de palavras e ações, o verbal e o visual, é um reconhecimento de que os seres humanos costumam aprender mais com os olhos do que com os ouvidos. Palavras explicam ações, mas ações dramatizam palavras. O ministério público de Jesus é o melhor exemplo disso, e, depois de sua ascensão ao céu, ele continuou "a fazer e a ensinar" por meio de seus apóstolos (At 1.1). Seria errado concluir, contudo, que "ações" digam respeito apenas a milagres. Um dos recursos visuais mais poderosos de Jesus foi pegar uma criança nos braços, e da igreja primitiva, sua vida em comum e seu cuidado com os necessitados. [...] O único outro emprego dessas três expressões ["sinais", "feitos extraordinários" e "milagres"] por Paulo é em relação a seu ministério em 2Coríntios 12.12, quando ele as chama de "as características de um apóstolo" [...] Isso não significa negar que Deus pode realizar milagres hoje [...]. Pelo contrário, significa

reconhecer que o propósito principal deles era autenticar o ministério único dos apóstolos (veja, e.g.: Hb 2.4).[2]

A estratégia de Paulo para o evangelismo

Por fim, Paulo expõe sua *estratégia* para o evangelismo. Em primeiro lugar, ela era pioneira. Diz ele: "... esforcei-me por anunciar o evangelho não onde Cristo já havia sido proclamado, para não edificar sobre fundamento alheio" (Rm 15.20) — para testemunhar àqueles a quem nunca fora anunciado (v. 21). Isso quer dizer que, mesmo nesse estágio inicial da igreja cristã, muitos pregadores preferiam edificar pessoas que já tinham sido evangelizadas e discipuladas por outros ou alcançar quem já ouvira o evangelho, mas ainda não confiara nele. A paixão de Paulo era ir a lugares onde ninguém ouvira nada do evangelho. Ele queria o "solo duro" para nele semear, aqueles que se encontravam mais distantes da fé. Por isso fora "... muitas vezes [...] impedido de chegar..." a visitar a igreja romana (v. 22), porque já havia uma igreja estabelecida na cidade, e ele era um pioneiro.

Em segundo lugar, sua estratégia era urbana. "Mas, agora, não [tenho] mais o que me detenha nessas regiões..." (v. 23), diz ele acerca de "... Jerusalém e arredores, até o Ilírico..." (hoje a região dos Bálcãs, no sudeste europeu), onde proclamou "... plenamente o evangelho de Cristo" (v. 19). Parece um grande exagero, considerando o sentido literal da frase: "completei a pregação de Cristo". Como ele pode dizer isso, quando era evidente que havia centenas de cidades e aldeias e milhares e milhares de pessoas que ainda não tinham sido expostas à sua mensagem cristã? No entanto, aqui está a chave da declaração: a estratégia missionária de Paulo era eminentemente urbana. Ele ignorava as

[2] *The message of Romans*, p. 380-1, The Bible Speaks Today (Downers Grove: IVP Academics 2001), p. 380-1 [edição em português: *A mensagem de Romanos*, A Bíblia Fala Hoje (São Paulo: ABU, 2000)].

cidadezinhas e aldeias, mas ia a cada cidade grande e influente e evangelizava até que um movimento vital e crescente de igrejas em lares começasse a se desenvolver. Feito isso, seu trabalho pioneiro e urbano estava concluído em uma região inteira — era assim que ele pensava sobre as cidades centrais. Se tivesse plantado uma igreja na maior cidade da região, Paulo dava por "encerrado" seu trabalho na área. John Stott comenta ainda:

> Isso não significa, é claro, que Paulo tivesse [literalmente] "saturado" a área inteira com o evangelho, como poderíamos dizer hoje. Sua estratégia era evangelizar as cidades populosas e influentes e plantar igrejas ali; depois deixar para outros a propagação do evangelho nas aldeias vizinhas.[3]

Mais uma vez, nem todos somos chamados para ser plantadores pioneiros e urbanos como Paulo. Contudo, novamente o exemplo de Paulo deve levar as igrejas a reconhecerem a importância do evangelismo urbano e a refletirem sobre fazer sua parte nisso, seja pelo envolvimento ativo, seja por meio de apoio financeiro e/ou pela oração.

Uma contribuição para os pobres

Paulo agora se volta para a questão do apoio financeiro. Ele se concentrou nas necessidades espirituais — no evangelismo; agora se volta para as necessidades sociais. Espera ir à Espanha evangelizar aquela área não alcançada e pretende passar por Roma no caminho (v. 24). Mas primeiro está preocupado com o que poderíamos chamar de "necessidades sociais" da igreja em Jerusalém. Está a caminho para servir aos santos do lugar (v. 25) entregando "... uma oferta fraternal para os pobres..." entre aquelas igrejas (v. 26). Note a importância desse ministério — Paulo,

[3] *The message of Romans*, p. 382.

o grande evangelista, interrompeu seus planos de pregação por causa dele.

Paulo não explica o que causou a pobreza na igreja de Jerusalém. Por Atos sabemos que houve grande fome na região (At 11.27,28), mas talvez houvesse outras razões. De maneira impressionante, Ele não tenta motivar os cristãos romanos explicando as circunstâncias da pobreza. Em vez disso, diz que os crentes da Acaia e da Macedônia tinham contribuído para com os pobres (Rm 15.26) e que se sentiam satisfeitos com isso. Em seguida, acrescenta: "... como devedores que são para com eles..." (v. 27). Isso quer dizer que ajudar aos pobres não é uma simples opção nossa, à qual damos atenção se possível. É uma obrigação, uma dívida a ser honrada.

Ajudar aos pobres não é uma simples opção; é uma obrigação.

Paulo mostra de maneira crucial que esse "dever" de dar é algo que os cristãos se alegrarão em fazer (v. 27, NIV). Isso deve transbordar do nosso coração e nos dar alegria e satisfação em fazê-lo. Em outras palavras, nossa ajuda aos necessitados, embora uma exigência, não deve ser a simples resposta de uma demanda, mas o transbordamento de um coração repleto.

Mas o que dá prazer ao nosso coração a ponto de ele transbordar por quem passa necessidades? Paulo conta que os cristãos gentios eram "... devedores..." de ajuda para com os cristãos judeus. Por quê? Porque o evangelho da graça veio para os gentios por meio do Antigo Testamento e do povo judeu: "... se os gentios participaram das bênçãos espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais" (v. 27). Portanto, a graça nos torna "... devedores..." dos necessitados.

Precisamos ser cautelosos para não confundir isso com algum tipo de "compensação racial". Paulo não está dizendo que todos os gentios são devedores de todos os judeus por uma

questão de raça. Contudo, de acordo com Paulo, os gentios receberam "... bênçãos espirituais..." por meio do evangelho, e isso deve nos tornar generosos para com os necessitados. O apóstolo mostra aqui que os gentios deveriam ter um interesse especial em ajudar os crentes judeus pobres, mas o princípio em nada se relaciona com a raça, e sim com graça. Isso fica muito claro em 2Coríntios 8 e 9, onde Paulo roga aos coríntios que deem aos pobres de Jerusalém. Ele os lembra de que devem aos pobres porque *devem a Cristo*: darão porque sabem como Cristo lhes deu, e o farão com generosidade por saberem que podem confiar em Deus para continuar lhes dando (2Co 8.9; 9.7,8). Em Romanos 15, Paulo usa a gratidão dos gentios para com os judeus como um acréscimo à questão básica, que é a gratidão cristã para com Cristo por tudo que ele deu, demonstrada na doação generosa. Nossas finanças, de acordo com o apóstolo, têm de ser usadas "... por causa das misericórdias de Deus..." (12.1, NIV); quando isso acontecer, nós as utilizaremos sacrificialmente e de modo agradável a Deus. Nosso extrato bancário seja talvez a maior prova de que temos a mente transformada de fato pela graça divina (v. 2).

Lutando em oração

E assim, só após se certificar de que a coleta chegou àqueles para os quais foi feita (15.28), ele irá a Roma, a caminho da Espanha, levando a bênção do encorajamento mútuo (v. 28,29; veja 1.11,12).

Nesse ínterim, Paulo pede à igreja romana que ore em seu favor. Essa é a maneira pela qual podem "... [lutar] juntamente comigo..." (15.30). Ele gostaria de orações específicas pela segurança em relação a seus inimigos, por um ministério social bem-sucedido em Jerusalém e para que seus planos — de visitar Roma e ser encorajado pela igreja na cidade — se concretizem (v. 31,32). Em outras palavras, ele está dizendo: "Eis as

minhas lutas — juntem-se a mim nelas, orando por mim e acerca delas".

Paulo faz o mesmo em favor dos cristãos romanos no versículo 33. Os capítulos 14 e 15 nos mostraram que uma das dificuldades deles é ficar em paz e em união uns com os outros — de modo que Paulo se junta a eles nessa luta orando em seu favor: "Que o Deus de paz seja com todos vós. Amém" (15.33).

Os cristãos sempre podem ajudar um irmão ou irmã em luta por meio da oração. Sempre podem se colocar ao lado de pessoas que nunca conheceram, orando por elas. Podemos abrir mão do nosso tempo em favor daqueles que estão entregando a própria vida, em oração. Podemos não estar no campo missionário, mas devemos sempre estar em missão dobrando os nossos joelhos.

Nossas orações são parte do serviço que prestamos a nossos companheiros cristãos. Como explicou o grande pastor reformado e teólogo João Calvino:

> Os piedosos devem orar por seus irmãos [...] assumir seu lugar, como se tivessem sido colocados nas mesmas dificuldades.[4]

Perguntas para reflexão

1. Como o exemplo de Paulo encorajou e desafiou você em seu testemunho do evangelho?
2. Como o exemplo dele encorajou e desafiou você em suas doações em obediência ao evangelho?
3. Na luta de quem você poderia entrar em oração agora, continuando depois a fazê-lo diariamente?

[4]John Calvin, *Commentaries on the Epistle of Paul to the Romans*, tradução para o inglês de John Owen (Edinburgh: Calvin Translation Society, 1849), capítulo 38.

12. A DEUS SEJA A GLÓRIA

Paulo se dedica agora, como faz ao término da maioria de suas cartas às igrejas, aos cumprimentos pessoais. Manda mensagens aos de Roma que conhece (16.1-16) e depois, após um pouco de ensino final (v. 17-20), manda saudações daqueles com quem está (v. 21-23), antes de concluir louvando a Deus (v. 25-27).

Os detalhes de quase todas essas personagens são desconhecidos, e seria insensato forçar demais a partir dos fragmentos que podemos ver aqui; dessa forma, esse capítulo final de *Romanos 8—16 para você* é constituído de uma só parte e é mais curto do que os outros. De qualquer forma, essa lista de nomes é um grande lembrete de que Paulo é um homem de verdade, escrevendo para pessoas de verdade. E também nos abre uma janela preciosa, ainda que pequena, para a vida da igreja primitiva.

Mulheres no ministério

Primeiro, Paulo menciona Febe (v. 1). Quem é ela? Antes de tudo, trata-se de uma mulher recomendada à igreja, o que provavelmente significa que foi ela quem levou a carta de Paulo à igreja em Roma. O apóstolo a recomenda como sua irmã, uma serva; desse modo, parece ser uma mulher importante e de grande utilidade para a igreja. O que ela fez? Ela havia sido "... o amparo de muitos...". A expressão traduz um único termo grego, *prostates*, que quer dizer "benfeitora". O texto deixa

evidente que ela era uma mulher de negócios ou independente em termos financeiros, que vinha utilizando suas habilidades e posses para dar suporte à igreja e ajudar a muitos. É bem provável que tivesse viajado para Roma a fim de tratar de outros assuntos.

Segundo, Febe é chamada de "... serva...", mas a nota de rodapé da NVI diz: "Ou: diaconisa". Isso porque, no grego, Febe é chamada de *diakonos*. A palavra pode ser traduzida de dois modos diferentes no Novo Testamento. Às vezes *diaconia* quer dizer "ministério" ou "serviço" no sentido mais amplo. Qualquer tipo de serviço oferecido em nome de Jesus, do mais humilde ao ministério apostólico de Pedro e Paulo, pode ser chamado de *diakonos*. Não sabemos qual era o ministério de Febe, mas ela tinha um ministério e por isso é chamada de serva.

Contudo, no Novo Testamento, às vezes a palavra denotava um ofício específico na igreja — um "diácono" (Fp 1.1; 1Tm 3.8,12). Esses oficiais trabalhavam lado a lado com os presbíteros e geralmente se concentravam em satisfazer necessidades materiais e físicas, além de prover consolo e apoio aos desafortunados e abatidos (veja At 6.1-7). Não há como ter certeza acerca de qual sentido da palavra deveria ser usado aqui. Independentemente disso, ela mostra Febe, uma mulher proeminente e reconhecida por seu trabalho na igreja.

Diversidade e famílias

Nada sabemos sobre todos os 26 indivíduos que Paulo nomeia em Romanos 16.1-16, mas é claro que a igreja romana era um corpo diversificado. Observe:

1. *Raça.* Temos tanto judeus (p. ex., Áquila e Prisca no versículo 3 e os parentes de Paulo — i.e., companheiros judeus — nos versículos 7 e 11) quanto cristãos gentios.
2. *Classe.* Alguns dos nomes dessa lista deviam pertencer à realeza ou ocupavam posição de destaque: Aristóbulo

(v. 10) e Narciso (v. 11). Observe que de ambos se diz que eram cabeças de uma "família" ou propriedade.

3. *Gênero.* Oito ou nove das 26 pessoas nomeadas são mulheres. Paulo cita várias delas em separado por terem trabalhado muito (v. 12). Isso (somando-se aos comentários sobre Febe) mostra que as mulheres eram ativas e influentes no ministério e missão contínuos da igreja.

Surpreende que, no versículo 7, Andrônico e Júnias sejam descritos como pessoas que "... se destacam entre os *apóstolos*..." (grifo do autor). Por não serem integrantes dos 12 discípulos escolhidos por Jesus e nem estarem entre aqueles que viram Jesus ressurreto e foram específica e especialmente acrescentados posteriormente (i.e.: Matias em At 1.20-26 e Paulo em At 9.1-19), isso significa que há apóstolos que podem falar com a autoridade de Jesus hoje, como Paulo fazia na época (veja Rm 1.1; 15.15,16)? Não — na igreja primitiva, outros foram chamados de "apóstolos das igrejas" (2Co 8.23, nota de rodapé da versão bíblica English Standard Version). O termo *apostolos* significa apenas "enviado" — no sentido em que (por exemplo) Barnabé, por ter sido "enviado" para Antioquia, era um "apóstolo" (At 11.22; veja também At 14.14). Mas Barnabé (assim como Andrônico e Júnias) nunca se encontrou com o Cristo ressurreto, nunca foi ensinado e tutelado no evangelho pelo Cristo presente corporalmente e enviado com sua autoridade, como foram Paulo e os Doze. Por isso, podemos chamar pessoas que foram enviadas como missionárias ou aqueles que têm dons de liderança incomuns de apóstolos com "a" minúsculo — mas não com "A" maiúsculo, pois aqueles apóstolos tinham e têm, por meio das palavras das Escrituras, autoridade absoluta.

As saudações nesses versículos também nos dão algumas dicas sobre a estrutura da igreja romana. Ela era constituída basicamente por uma série de igrejas domésticas ou de pequenos

grupos. Paulo cumprimenta "... a igreja que está na casa deles [Prisca e Áquila]..." (Rm 16.5). Nos versículos 14 e 15 também alguns são saudados em conjunto, "... e todos os santos que estão com eles", em uma provável referência ao restante das pessoas que se reuniam em igrejas domésticas. Essa era a configuração normal da igreja nos primeiros tempos (veja 1Co 16.19; Cl 4.15; Fm 2). Isso indica que os cristãos se reuniam em grupos do tamanho de famílias para levar adiante os ministérios descritos em Romanos 15: estudo bíblico (v. 4), adoração (v. 6), comunhão (v. 5-7), evangelismo (v. 14-23) e ministério de serviço (v. 25-29).

Um perigo futuro

Em 16.17, Paulo de novo adverte seus "irmãos..." quanto a "... divisões e [...] obstáculos...". Mas agora (ao contrário dos capítulos 14 e 15), ele adverte contra aqueles que causariam ativamente a divisão; os que "... não servem a Cristo, nosso Senhor, mas a seus próprios interesses..." (16.18). Parece que essas pessoas ainda não estão ensinando na igreja romana, mas Paulo sabe que há uma possibilidade perigosa de começarem a aparecer (como fizeram nas igrejas gálatas, veja Gl 4.17; 5.7-10). E, assim, ele previne seus leitores: "... afastai-vos deles" (Rm 16.17).

Como reconhecê-los? Paulo nos fornece dois caminhos aqui. Primeiro, o que eles fazem está "... em desacordo com a doutrina que aprendestes..." (v. 17, ARA). "As pessoas podem ser eloquentes e lisonjeiras", diz Paulo (v. 18), "mas meçam o que elas dizem cotejando com o evangelho". E, segundo, o que pretendem é servir a si próprias, não a Cristo (v. 18). Paulo está dizendo: "Por melhor que soe o que diz um professor, busque discernir se está nisso por ele mesmo ou para entregar ele mesmo a Cristo".

Como detê-los? Paulo recomenda aos cristãos romanos para serem "... sábios em relação ao bem, mas puros em relação ao mal" (v. 19). Eles são uma igreja que deseja ser obediente,

mas não devem ser ingênuos. Devem continuar aprendendo mais sobre como fazer o "bem", amar e obedecer a Deus; e precisam recusar-se terminantemente a ter qualquer ligação com o "mal", com qualquer coisa que não esteja de acordo com o evangelho. Não deve haver comodismos nem concessões.

Todavia, Paulo termina essa curta seção com um grande encorajamento: "E o Deus de paz em breve esmagará Satanás debaixo dos vossos pés..." (v. 20). Satanás é o grande mentiroso, e uma de suas armas é o ensino egocêntrico, promotor de dissensões. No entanto, ele foi, está sendo e será derrotado. O uso que Paulo faz do verbo "... esmagar..." nos remete de volta à promessa de Deus depois que Adão e Eva pecaram no Éden e foram julgados, sendo expulsos do jardim. Deus disse para a serpente, para Satanás, que um homem nascerá e "... te ferirá a cabeça..." (Gn 3.15). Jesus é quem esmaga a cabeça da serpente, na cruz e com seu retorno; mas seu povo faz parte da vitória. Satanás é derrotado cada vez que alguém deposita a fé em Cristo, recebe a justificação e escapa do inferno; cada vez que um cristão obedece a seu Pai com alegria; e cada vez que os membros do povo de Deus adoram juntos em fé e unidade. "... A graça de nosso Senhor Jesus Cristo..." (Rm 16.20) há de estar conosco, operando por nosso intermédio para derrotar nosso grande inimigo.

Satanás é derrotado cada vez que alguém deposita fé em Cristo.

A Deus seja a glória

Paulo agora envia saudações breves daqueles que o acompanham, muito provavelmente em Corinto. Lá está Timóteo, "... meu cooperador..." (v. 21), fazendo parte de sua equipe missionária; os "... parentes..." de Paulo; seu escriba, Tércio (v. 22); e Gaio, em cuja casa o apóstolo está hospedado (v. 23). De novo, há uma lembrança de que Deus chama pessoas de todo tipo de

formação e classe por meio da menção por Paulo de "... Erasto, tesoureiro da cidade..." (v. 23).

Entretanto as palavras finais de Paulo são reservadas para Deus. Nos versículos 25 a 27, ele se volta mais uma vez para o capítulo 1. Seu propósito nessas últimas palavras é estimular os leitores (incluindo nós) a darem glória a Deus (16.27). Como ele consegue isso? Lembrando-nos do evangelho — o que faz e é.

O que o evangelho faz. Ele é a maneira pela qual Deus é "... poderoso para vos confirmar..." (v. 25). A expressão "... é poderoso para..." corresponde a *dynameo*. O "... evangelho [...] é o poder de Deus..." (1.16). O evangelho é como Deus transforma pessoas e futuros. Observe que, em 16.25, Paulo não diz "pode salvá-los"; em vez disso, ele afirma que Deus é poderoso para "... vos confirmar..." pelo evangelho. Isso nos lembra que o evangelho não é apenas o ponto de entrada para a vida cristã; ele é também o caminho pelo qual prosseguimos, crescemos na vida com Cristo e dela desfrutamos. Paulo mostrou em Romanos como o evangelho não só nos salva (capítulos 1—5), mas também como em seguida nos transforma (capítulos 6—8; 12—15). Se cremos no evangelho, Deus opera com poder por meio dele em nós. Nunca necessitamos nos afastar dele.

O que o evangelho é. Paulo fala do "... meu evangelho..." e em seguida descreve a mesma mensagem de maneira diferente: "... a pregação de Jesus Cristo..." (16.25). O evangelho é "acerca de seu Filho [...] Jesus Cristo, nosso Senhor" (Rm 1.3,4). O centro do evangelho é Jesus, o homem divino que morreu e ressuscitou para governar como o Cristo sobre toda a criação e por toda a eternidade; o evangelho é Jesus. Nenhum outro "evangelho" pode nos salvar ou transformar. Jesus é aquele que foi prometido no Antigo Testamento, tendo sido, no entanto, "... guardado em silêncio desde os tempos antigos, mas agora manifesto e dado a conhecer..." (16.25, 26; veja 1.2 e 3.21). É Aquele que agora está se tornando conhecido à medida que

seu povo declara ser ele o cumprimento das "... Escrituras proféticas...". O evangelho *é* Jesus Cristo — o Resgatador e o Soberano — o qual foi profetizado, manifesto e agora está sendo proclamado.

> O evangelho é Jesus Cristo — profetizado, manifesto, proclamado.

Mais a respeito do que o evangelho faz. Paulo retorna a um dos grandes temas de Romanos — que qualquer pessoa, em qualquer lugar, pode agora crer no evangelho e obedecer a Deus, tanto no coração quanto em ações. Cristo é proclamado "... a todas as nações [...] para conduzi-las à obediência da fé" (16.26; veja 1.5). Quando consideramos esse evangelho do Senhor Jesus Cristo — profetizado, manifesto, proclamado e chamando-nos à fé e à obediência pela fé —, juntamo-nos a Paulo em dar "ao único Deus sábio [...] glória..." (16.27); e sabemos que, revestidos da justiça de Cristo e transformados à semelhança de Cristo pela obra do Espírito, nós assim o faremos "... para todo o sempre, por meio de Jesus Cristo..."! Este antigo hino expressa isso maravilhosamente bem:

> A Deus seja a glória, grandes coisas ele tem feito,
> tanto amou o mundo que nos deu seu Filho,
> que entregou sua vida, expiação pelo pecado,
> e abriu os portões da vida para que todos pudessem entrar.
>
> Louvem o Senhor, louvem o Senhor, que a terra ouça sua voz,
> louvem o Senhor, louvem o Senhor, que o povo se regozije.
> Ó vinde ao Pai por Jesus, o Filho,
> e dai-lhe glória, grandes coisas ele tem feito![1]
>
> "... Amém."

[1]Tradução do original, conforme reproduzido pelo autor. O hino faz parte do Cantor Cristão sob o título "Exultação". (N. do T.)

Perguntas para reflexão

1. Nos versículos 1 a 15, que descrição dos membros comuns da igreja o impressiona mais?
2. Medite por algum tempo nos versículos 25 a 27 e deixe que o levem a louvar a Deus.
3. Como a segunda metade do livro de Romanos levou você a:

- amar mais a Deus?
- desfrutar mais de sua identidade como filho de Deus?
- oferecer-se como um sacrifício vivo de novas maneiras?

APÊNDICE 1: UM ESBOÇO DE ROMANOS 8—16

8.1-4 Salvação — vitória total sobre o pecado

v. 1 Primeiro aspecto: nenhuma condenação pelo pecado
v. 2 Segundo aspecto: nenhuma escravidão ao pecado
v. 3 O primeiro aspecto vem pela obra de Cristo
v. 4 O segundo aspecto vem pela obra do Espírito

8.5-13 Vencendo o pecado com o Espírito

Fixando a mente no Espírito

v. 5 O que preocupa a mente controla a vida...
v. 6 ... levando ou à morte, ou à paz

A incapacidade da nossa mente para lidar com o pecado

v. 7 Existe uma hostilidade natural da nossa mente a Deus, e isso...
v. 8 ... nos torna incapazes de uma vida agradável a Deus

A habilidade do Espírito para lidar com o pecado

v. 9 Sem o Espírito você não é cristão
v. 10 Se temos o Espírito, temos vida espiritual agora...
v. 11 ... e novos corpos, imortais, no futuro

Matando o pecado com o Espírito

v. 12 Nossa motivação: somos devedores!
v. 13b Nosso poder: pelo Espírito
v. 13b Nosso alvo: a morte de nossa natureza pecaminosa
v. 13c Nossa recompensa: vida espiritual

8.14 O requisito para ser filho de Deus

v. 14 Nem todo o mundo é filho de Deus; só aqueles que têm o Espírito Santo

8.15-17 Os benefícios de ser filho de Deus

v. 15 Intimidade. Temos acesso ao Pai
v. 16 Confiança. Temos segurança no Pai

v. 17 Herança. Temos riquezas com o Pai, mas não tranquilidade e conforto

8.18-25 A esperança de ser filho de Deus

v. 18 A glória e a herança futuras ofuscam o sofrimento presente

v. 19-22 A natureza é imperfeita e frágil até sermos libertos do pecado

v. 23 Nós somos imperfeitos e frágeis até sermos libertos do pecado

v. 24,25 Essa esperança nos dá paciência no sofrimento

8.26,27 A ajuda para ser filho de Deus

v. 26,27 Quando somos fracos demais para agir como filhos de Deus, o Espírito nos ajuda

8.28-30 A confiança cristã

v. 28 O que é: a soberania de Deus na história. Seu propósito em todas as circunstâncias é para o nosso bem. Nenhuma oposição nos prejudicará

v. 29,30 Como ela vem: a certeza da salvação de Deus. Ele nos salva por estágios. Nenhum defeito ou mal permanecerá em nós

8.31-39 Por que temos essa confiança

A suficiência de Deus. Dentro ou fora, nada nos separará dele. Cinco perguntas irrespondíveis:

v. 31 O poder de Deus: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?"

v. 32 A generosidade de Deus: "Aquele que não poupou nem o próprio Filho [...] como não nos dará também [...] todas as coisas?"

v. 33 O perdão de Deus: "Quem trará alguma acusação [...]? É Deus quem os justifica"

v. 34 A obra de Cristo: "quem os condenará? Cristo Jesus é quem morreu [...], quem ressuscitou [...] e também intercede por nós"
v. 35 O amor de Cristo: "Quem nos separará do amor de Cristo?"
v. 36-39 A resposta para cada pergunta: ninguém e nada!

9.1-5 Por que todo o Israel não crê quando a mensagem deveria ser mais clara para eles?
v. 1-3 A aflição de Paulo por seu povo, Israel
v. 4,5 Os oito grandes privilégios de Israel

9.6-13 Resposta um: NÃO porque as promessas de Deus tenham falhado
v. 6 Nem todo Israel racial é o verdadeiro Israel
v. 7-9 O exemplo de Isaque e Ismael
v. 10-13 O exemplo de Jacó e Esaú

9.14-18 Resposta dois: NÃO por Deus ser injusto ao conceder misericórdia
v. 14-16 Deus só tem misericórdia de alguns, e isso não é incoerente (exemplo: Moisés)
v. 17,18 Deus envia juízo sobre alguns, e isso não é incoerente (exemplo: faraó)

9.19-29 Resposta três: NÃO por Deus ser injusto ao nos responsabilizar
v. 19 Por que Deus nos culpa?
v. 20,21 Lembre-se de quem você é: Deus tem direitos de propriedade sobre você
v. 22,23 Deus poderia rejeitar a todos, mas não o faz
v. 24-29 O Antigo Testamento previu tudo isso

9.30-33 ... MAS porque Israel rejeitou o caminho da salvação só pela fé

v. 30 Os gentios, que não buscavam justificação, a receberam!
v. 31 Os judeus, que buscavam justificação, não a receberam!
v. 32a Por que não? Porque perseguiam um objetivo impossível: a justificação pelas obras
v. 32b,33 Ficaram "escandalizados"; seu orgulho foi ferido por Cristo e pela salvação que ele traz

10.1-4 Israel ignorava a salvação pela justificação de Deus em vez da nossa própria
v. 1,2 Os judeus têm zelo por Deus, mas seu zelo é mal aplicado e equivocado
v. 3 Reconheceram sua necessidade de justificação, mas tentaram criar uma própria
v. 4 A partir do momento em que compreendemos a natureza radical da obra de Cristo, é o fim do legalismo

10.5-8 Os dois modos de justificação na Bíblia
v. 5 Moisés (em Lv 18.5) nos diz que temos de obedecer à Lei inteira para sermos salvos
v. 6-8 Contudo, Moisés (em Dt 30.14) nos diz que podemos obter uma vida nova por meio da simples crença

10.9-15 Como tornar-se justo pelo método de Deus
v. 9a Primeira necessidade: confessar a obra de Cristo na história
v. 9b Segunda necessidade: confiar nessa obra de coração
v. 10 Recapitulando o versículo 9: justificação e salvação são essencialmente a mesma coisa
v. 11-13 Isso está acessível a todos e a qualquer pessoa
v. 14,15 A mensagem das boas-novas é transmitida por seres humanos

10.16-21 Voltando à pergunta: "Por que Israel rejeitou o caminho de Deus para a justificação?". Foram ignorantes, por isso suscetíveis ao fracasso

v. 16,17 Nem todo Israel creu, como Isaías previu
v. 18 Eles não ouviram a mensagem? Claro que sim
v. 19,20 Não compreenderam a mensagem? Os judeus sabiam da necessidade de justificação, mas os gentios não
v. 21 O motivo é a obstinação do coração

11.1a Pergunta um: Deus rejeitou Israel? NÃO!

11.1b-10 A descrença de Israel não é total

Deus não rejeitou Israel, mas a maioria é resistente para com o evangelho

v. 1b Paulo é crente e judeu
v. 2a Deus tem presciência dos povos desde a eternidade
v. 2b,3 Elias também pensou erroneamente que não restavam crentes em Israel...
v. 4 ... mas havia muitos!
v. 5 De modo que hoje há muitos crentes judeus...
v. 6 ... escolhidos por pura graça
v. 7 Embora Israel como um todo não tenha encontrado a justificação de Deus, os eleitos encontraram
v. 8-10 O Antigo Testamento descreve as dificuldades que Deus deu àqueles que o rejeitaram

11.11a Pergunta dois: eles caíram a ponto de não ser possível recuperá-los? NÃO!

11.11b-32 A incredulidade de Israel não é definitiva

O endurecimento da maioria é temporário; no futuro, isso mudará

v. 11-14 Três estágios de bênção:
Estágio A (v. 11): as dificuldades de Israel com o evangelho levaram à salvação dos gentios

Estágio C (v. 12): no fim, a plenitude da fé de Israel trará maior bênção ao mundo
Estágio B (v. 13,14): por meio do sucesso do evangelho com os gentios, Israel será conquistado

v. 15 Se a incredulidade de Israel produziu tamanho benefício, imagine o benefício da sua fé

v. 16 Como Deus trouxe alguns de Israel, podemos nos voltar para ele para que traga a nação inteira

v. 17 Os gentios são como um ramo silvestre enxertado em uma árvore. Eles se beneficiam da religião bíblica de Israel

v. 18-22 Portanto (gentios), não sejam arrogantes! Os judeus que duvidaram foram arrancados, e vocês também serão se não crerem

v. 23-24 E (judeus) não desanimem! Qualquer um que crer pode ser enxertado de volta na oliveira

v. 25-27 Recapitulando os três estágios de bênção

v. 28,29 Atualmente a maior parte de Israel rejeita o evangelho e está debaixo do juízo de Deus que, no entanto, se lembra de suas promessas aos patriarcas da nação

v. 30,31 Recapitulando os três estágios de bênção

v. 32 Apesar de tanto judeus quanto gentios merecerem a condenação, tanto judeus quanto gentios receberão misericórdia

11.33-36 Doxologia!

v. 33 A sabedoria de Deus (vista nas doutrinas da justificação e eleição gratuitas) é uma profundidade infinita de riqueza

v. 34,35 Coloca-nos em um estado de absoluta dependência dele tanto para conhecimento quanto para graça

v. 36 Deus é Criador, Sustentador e Herdeiro de todas as coisas

12.1,2	**Como nos relacionarmos com Deus**
v. 1	Ofereça-se
v. 1a	Como: lembre-se de quem ele é (suas misericórdias)
v. 1b	O que: sua vida inteira como sacrifício
v. 1c	Por que: é seu culto lógico
v. 2a	Não: se amolde a este mundo
v. 2b	Sim: seja transformado pela renovação da mente
v. 2c	Resultado: discernimento da vontade de Deus
12.3,4	**Como nos relacionarmos conosco mesmos**
v. 3a	Avalie-se com humildade e precisão
v. 3b	Você é igual em sua posição no evangelho (o padrão de fé)
v. 4	Você é diferente em suas habilidades para ministrar (não a mesma função)
12.5-8	**Como nos relacionarmos com as pessoas na igreja**
v. 5	Somos todos um, não separados
v. 6a	Somos todos distintos, não misturados
v. 6b	Alguns profetizam
v. 7a	Alguns cuidam das necessidades materiais das pessoas
v. 7b	Alguns ensinam
v. 8a	Alguns aconselham
v. 8b	Alguns dão com generosidade
v. 8c	Alguns lideram
v. 8d	Alguns trabalham com os pobres e os enfermos
12.9-16	**O amor pelos cristãos**
v. 9a	Amar sem hipocrisia
v. 9b	Amar com verdade
v. 10a	Amar com afeição
v. 10b	Amar com respeito
v. 11	Amar com zelo

v. 12 Amar com paciência
v. 13 Amar com generosidade prática
v. 14 Amar sem amargura
v. 15 Amar com empatia
v. 16a Amar com unidade de mente
v. 16b Amar com humildade

12.17-21 Amor pelos inimigos
v. 17a O que evitar: retribuição
v. 17b O que fazer: a coisa certa
v. 18 O que fazer: buscar relações pacíficas
v. 19 Por que fazer: só Deus é juiz
v. 20 O que fazer: o bem para aqueles que fazem o mal
v. 21 Resumo

13.1-7 Relacionamento com o Estado
As responsabilidades do Estado
v. 1,2 Sua autoridade: de Deus
v. 3,4 Seu ministério: promover o bem e coibir o mal
As responsabilidades dos cidadãos cristãos
v. 5 Sujeição
v. 6,7a Saldando dívidas
v. 7b Respeito e honra

13.8-14 Relacionamento com o mundo
Amor pelas pessoas do mundo
v. 8 A obrigação de amar ao próximo
v. 9,10 As diretrizes para o amor ao próximo
Aversão ao espírito do mundo
v. 11,12a A sobreposição dos tempos
v. 12b-14 Vivendo na era por vir

14.1-3 Aceitar um ao outro: o princípio básico
v. 1a Acolha aqueles de quem você diverge

v. 1b Não condene os outros por questões que Deus não proibiu claramente...
v. 2,3 ... porque Deus aceitou todos vocês

14.4-13a A crítica do fraco
v. 4 Não julgue; você não é o juiz
v. 5 Esteja convencido em sua mente
v. 6-8 Somos responsáveis, em última análise, diante do Senhor nessas questões
v. 9-13a Só Jesus tem o direito de ser Senhor da nossa consciência, portanto pare de julgar quem faz o que você não faz

14.13-23 A crítica do forte
v. 13a Pare de julgar quem se recusa a fazer o que você sabe que é livre para fazer
v. 13b Não leve ninguém a tropeçar...
v. 14 ... mesmo que sua posição esteja correta
v. 15 Viva em amor
v. 16 Não deixe sua liberdade fazer o mal...
v. 17,18 ... pois o reino de Deus não diz respeito a essas questões
v. 19 Portanto, sua prioridade deve ser edificar outros cristãos
v. 20 Não atrapalhe a obra de Deus no outro só para que você possa comer carne
v. 21 É melhor não fazer determinada coisa do que fazer algo que incentive outro cristão a ir contra sua consciência
v. 22,23 Não viole a consciência, mas eduque-a

15.1—16.16 Ministério em unidade e em missão
15.1-3 O coração do servo; base para o ministério
v. 4 As Escrituras: orientação para o ministério
v. 5-13 O corpo unificado: canal para o ministério

v. 14-23 O mundo: campo para o ministério
v. 24-29 Os pobres: preocupação especial para o ministério
v. 30-32 Oração: poder para o ministério
16.1-16 Dons e grupos: organização para o ministério

16.17-23 Advertência e saudações
v. 17 Mantenha distância daqueles que causam divisão deliberadamente
v. 18a A motivação deles: servir a si mesmos, não a Cristo
v. 18b Os meios que utilizam: adular os crentes
v. 19 Portanto, continue obedecendo e mantenha-se longe do mal...
v. 20 ... porque Deus está derrotando e derrotará Satanás
v. 21-23 Os companheiros de Paulo mandam saudações

16.25-27 Doxologia final
v. 25a O evangelho é o poder de Deus para salvar e guardar seu povo
v. 25b O evangelho é inteiramente sobre Jesus Cristo
v. 26a O evangelho foi previsto pelos profetas, revelado em Cristo e agora está sendo proclamado...
v. 26b ... a fim de que todos os povos possam confiar em Deus e lhe obedecer
v. 27 Louvado seja Deus! Amém.

APÊNDICE 2: AS DOUTRINAS DA SOBERANIA E DA ELEIÇÃO DE DEUS

Em Romanos 8—11, Paulo ensina a respeito da soberania de Deus sobre todos os assuntos da história humana. Reservamos aqui um espaço para considerar em mais detalhes do que nos capítulos anteriores deste livro tanto o que a Bíblia ensina sobre a soberania de Deus e sua eleição quanto algumas objeções e perguntas relativas a essas doutrinas. Não é tudo que se pode dizer sobre essas verdades, muitas vezes inquietantes para os crentes que lutam com elas. Como acontece com todas as doutrinas, essas também são mais bem analisadas e pensadas em companhia de outros cristãos, portanto vale a pena usar este apêndice como base para uma discussão com outras pessoas da sua igreja.

O que a Bíblia ensina

A Bíblia sustenta duas verdades:

A. Tudo o que acontece está debaixo da direção de Deus

"Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam..." (Rm 8.28). Embora esse versículo só se refira ao modo pelo qual Deus controla as circunstâncias da vida dos crentes, Efésios 1.11 nos diz que ele também age assim em relação a todo o mundo: Deus "... faz todas as coisas segundo o desígnio da sua vontade". Tanto em Efésios 1.11 quanto em Romanos 8.28, as palavras gregas são as mesmas. Deus "... faz..." (*ergon*) "... todas as coisas..." (*panta*) que acontecem. Romanos 8.28 nos diz que ele dirige todas as coisas para que "... concorram..." (*sunergei*), e isso significa que Deus não só traz seu poder para atuar em cada circunstância como conforma todos os acontecimentos para serem parte de seu plano maior. Se levarmos a sério a palavra "... todas...", isso significa que:

1. Seu plano inclui as "pequenas coisas". Em última análise, não existem acidentes.

   Provérbios 16.33 diz: "A sorte se lança no colo, mas do SENHOR procede toda a decisão". Até a moeda que se lança faz parte do seu plano.

2. Seu plano inclui as "coisas ruins". O mal do mundo não estava no desígnio original de Deus. Morte, enfermidade, pecado e declínio são um resultado temporário do pecado (Rm 8.18-23). Deus se aflige com nossa angústia (Is 63.9) e sofre com nossa dor (Sl 56.8). Portanto, ele entrelaça em seu plano até esses problemas, aflições e dores, porque seu plano, no fim, resultará em glória para ele e no "bem" para o seu povo (Rm 8.28). "... Mas nenhum [passarinho] cairá no chão se não for da vontade de vosso Pai" (Mt 10.29). "... Sucederá alguma desgraça à cidade sem que o SENHOR a tenha enviado?" (Am 3.6). "... eu sou o SENHOR, e não há outro. Eu [...] faço a paz e crio o mal; eu sou o SENHOR que faço todas estas coisas" (Is 45.6,7).

3. Seu plano inclui o pecado. Deve ser esse o caso, pois nossos pecados e os alheios são uma parte muito importante de "... todas as coisas...". (Se nossos pecados ficassem de fora do plano de Deus, não sobraria muita coisa!) Salmos 76.10 diz acerca de Deus: "Certamente a ira do homem será para teu louvor..." (ESV), significando que Deus prevalecerá e controlará as coisas de modo que até os acontecimentos malignos e violentos redundarão no bem do seu povo e em sua glória. Em Gênesis 50.20, José diz a seus irmãos: "... planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem, para fazer o que se vê neste dia, ou seja, conservar muita gente com vida". A ideia que ele defende é que o gesto maldoso dos irmãos de vendê-lo como escravo foi usado por Deus de modo a produzir grande bem.

B. Todas as escolhas são atos livres pelos quais somos responsáveis

Romanos 9.16 diz: "Assim, isso não depende da vontade nem do esforço de alguém, mas de Deus mostrar misericórdia". Então, nos versículos 31 e 32, Paulo declara: "Mas Israel, buscando a lei da justiça, não alcançou essa lei. Por quê? Porque não a buscaram pela fé, mas com base nas obras...".

Muitos leitores acham Romanos 9 contraditório. Na parte inicial do capítulo, Paulo diz que muitos judeus não creram no evangelho porque não eram escolhidos, e Deus escolhe seu povo independentemente de seus feitos ou obras (v. 10-18). Mas, no fim do capítulo, ele diz que eles não creram por causa da recusa obstinada em aceitar a graça (9.30-33). Parece uma contradição, mas em toda parte da Bíblia esse mesmo equilíbrio é mantido.

Explicando de outro modo: o plano de Deus opera por meio de nossas escolhas, não as contornando ou apesar delas. Por exemplo, Deus estabelece seu plano tornando nossas escolhas certas e, no entanto, faz isso sem destruir nossa responsabilidade. A noção grega de "destino" ou a noção islâmica de "sina" são muito diferentes da doutrina cristã da soberania de Deus. O mito grego de Édipo revela "fatalismo". Édipo está fadado a matar o pai e se casar com a mãe. Embora ele e todos à sua volta façam tudo que lhes está ao alcance para evitar esse destino, ele acaba por cumpri-lo. Édipo e os pais envidam todos os esforços para evitá-lo, mas isso acontece apesar de suas escolhas. O conceito cristão é bem diferente. Nossas escolhas têm consequências, e nunca somos forçados por Deus a fazer nada que não desejemos. No entanto, Deus opera sua vontade com perfeição por meio de nossos atos de vontade. É maravilhoso!

Deus opera sua vontade com perfeição por meio de nossos atos de vontade.

Martyn Lloyd-Jones expande a ideia:

> Por que o homem age como age? [...] Bem, só existem três explicações essenciais. Uma se chama contingência — não existe razão ou propósito para nada; tudo é acidental e fortuito. A segunda é a doutrina do [determinismo] [...] "não há como evitar [...] você é assim e pronto". Tudo é determinado e [você não é] livre em absoluto [...]. Existe [...] o ponto de vista biológico [...]. Dizem que o homem é o que foi determinado por diversas glândulas em seu corpo [...]. Existe [...] a psicanálise. [Um freudiano disse:] "A psicanálise arruinou nossa confiança na realidade do livre-arbítrio [...] ao mostrar com que frequência nossas ações aparentemente deliberadas são na verdade determinadas por motivos dos quais não temos consciência".
>
> Portanto, aí está. [Essas são] as alternativas ao ensino do apóstolo Paulo. [Ou somos determinados por forças naturais, ou as coisas acontecem ao acaso, de maneira aleatória], mas a terceira explicação é a doutrina bíblica da certeza [de que fazemos escolhas responsáveis, mas todas debaixo da soberania de Deus].[1]

Aqui estão alguns exemplos bíblicos de como Deus opera na vida das pessoas:

1. *Judas.* Atos 2.23 nos conta que Jesus foi crucificado de acordo com o plano de Deus, ainda que por "... homens perversos..." (NVI). Os atos das pessoas que mataram Jesus foram perversos e elas foram responsabilizadas por eles, contudo, Deus usou-lhes os intentos perversos para executar a crucificação exatamente como e quando ele a desejava.

[1] *Romans chapter 9*, Romans Series (Grand Rapids: Zondervan,1989), p. 204-5.

Por isso Pedro diz que: "... devia se cumprir a Escritura que o Espírito Santo predisse pela boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia dos que prenderam Jesus" (At 1.16).

2. *Jacó.* Jacó enganou o pai e roubou o irmão. Em consequência disso, teve de fugir de sua terra natal e experimentar sofrimento e injustiça em uma terra estrangeira (Gn 27.1—28.5). Todavia, ali ele conheceu o amor de sua vida e teve filhos, dos quais Jesus foi um descendente (Gn 29.16—30.24 — uma série de motivações e atos pecaminosos também estão envolvidos aqui!). Vemos com clareza agora que seu pecado não o colocou em um "plano B" para sua vida. Tudo o que aconteceu fazia parte do plano perfeito de Deus para ele. No fim, Deus trabalhou em seu pecado para o bem. Portanto, ele não era responsável por seu pecado? Sim, era. Sofreu as consequências de seu comportamento tolo? Sim, sofreu. Deus, no entanto, estava no controle de modo infalível, mesmo Jacó sendo absolutamente responsável.
3. *Paulo na tempestade.* Em Atos 27, quando se encontrava em um navio destroçado pela tempestade, Paulo profetizou para os passageiros: "... não se perderá vida alguma entre vós, mas somente o navio" (v. 22). Por revelação ele mostrou qual seria o plano de Deus. A preservação das pessoas era certa. No entanto, no versículo 31, ele advertiu que os marinheiros não deveriam entrar no bote salva-vidas: "... Se estes homens não ficarem no navio, não podereis salvar-vos". A despeito da certeza do plano de Deus, era igualmente verdade que os homens eram responsáveis por agir e escolher com sabedoria. Paulo não disse: "Bem, Deus predestinou vocês todos a sobreviverem a essa tempestade, portanto não importa o que façam". Quando Deus ordena um resultado, ele também ordena o meio — nossas escolhas e esforços. Paulo não tinha a noção grega de destino — tais declarações não fazem o menor sentido no contexto fatalista!

Como J. Gresham Machen escreveu:

> [Deus] permite a ocorrência de atos individuais de modo a lhes preservar a liberdade e a plena responsabilidade. [Isso é] inconcebível? Convencemos outros homens como nós, no entanto a liberdade deles está preservada quando fazem o que os convencemos por livre vontade. Sendo assim, não deve Deus ser capaz de fazer com certeza o que nós, com o pouco poder de que dispomos, fazemos com incerteza? O Deus que fez a alma não sabe movê-la de acordo com a natureza que ela própria tem a fim de que sua liberdade não seja destruída?[2]

A resposta às duas últimas perguntas deve com certeza ser: "Sim, Deus deve ser capaz" e "Sim, Deus sabe!".

Portanto, quando se trata de salvação, a Bíblia ensina que:

C. A pessoa que escolhe a Deus o faz estritamente porque ele lhe abriu o coração; aquele que não o escolhe age assim estritamente porque fechou seu coração.

Analisemos cada parte dessa declaração em separado.

Só Deus é responsável por nossa salvação. Romanos 3.11 diz: "... Não há [...] quem busque a Deus". (Para um comentário sobre o significado disso, veja *Romanos 1—7 para você*, p. 77-80.) Romanos 8.7 diz: "A mentalidade [natural] da carne é inimiga de Deus, pois não está sujeita à lei de Deus, nem pode estar" (veja a página 23 neste volume). Romanos 9.11-16 declara: "... pois os gêmeos [Esaú e Jacó] ainda não tinham nascido, nem praticado o bem ou o mal, para que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama [...] Como está escrito:

[2] *The Christian view of man* (Edinburgh: Banner of truth, 2002), p. 100.

Amei a Jacó, mas odiei a Esaú. [...] Assim, isso não depende da vontade nem do esforço do homem, mas de Deus mostrar misericórdia" (NVI) (veja p. 67).

Paulo ensina que, por causa do pecado, perdemos a capacidade de enxergar a verdade e o desejo de servir a Deus. "... Não há [...] quem busque a Deus." Ele não está dizendo que a vontade humana não é livre para fazer o que quer. Somos livres nesse sentido. *Mas*, de acordo com Paulo, *nunca podemos querer a Deus. Não somos livres para escolhê-lo.* Nossa mente não se submete; na verdade, não pode fazê-lo. Em outras palavras, nossa vontade humana jamais escolherá a Deus livremente.

Nunca vamos querer a Deus; somos incapazes de escolhê-lo, a menos que o próprio Deus intervenha. E é o que ele faz. "Assim, isso não depende da vontade nem do esforço do homem, mas de Deus mostrar misericórdia." (NVI) Não iniciamos nossa salvação — nem mesmo a desejamos. Deus nos desperta de um sono impotente; liberta-nos de um estado de desamparo. Como este exemplo extraído da coletânea de orações puritanas *Valley of vision* [Vale da visão][3] expõe:

Deus nos desperta de um sono impotente; liberta-nos de um estado de desamparo.

> Eu estava morto em meus pecados, não tinha olhos para ver-te,
> nem ouvidos para ouvir-te,
> nem paladar para saborear tuas alegrias,
> nem inteligência para te conhecer;
> mas teu Espírito vivificou-me,
> trouxe-me a um novo mundo como uma nova criatura [...]
> tu me atraíste com laços de amor.

[3]Arthur Bennett, org., *The valley of vision: a collection of puritan prayers & devotions* (Edinburgh/Carlisle: Banner of Truth, 1975).

Só nós somos responsáveis por nossa condenação. Em Romanos 9.21-24, Paulo indaga: "O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso? E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para a destruição? Que dizer, se ele fez isso para tornar conhecidas as riquezas de sua glória aos vasos de sua misericórdia, que preparou de antemão para glória, ou seja, a nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?" (NIV [NVI]).

Nesses três versículos de Romanos 9, temos a importante e crucial "assimetria" do evangelho bíblico, qual seja: só Deus prepara qualquer pessoa para a glória espiritual, mas só nós nos preparamos para a destruição espiritual. Há duas visões básicas, concorrentes. (Correspondem de certa forma, mas não completamente, ao "determinismo" e à "contingência".)

1. "Hipercalvinismo." O fatalismo pode ser encontrado no pensamento grego, no islamismo e nas religiões orientais, mas com o passar dos anos alguns cristãos também o adotaram. Nessa concepção, Deus prepara de modo igual e simétrico todas as pessoas para seu destino. Em sua vontade soberana, ele determinou fazer com que algumas pessoas se perdessem e algumas se salvassem, e trata de direcionar cada grupo para o respectivo caminho da mesma forma. Em outras palavras, Deus nos prepara para a glória *ou* Deus nos prepara para a destruição.

2. "Pelagianismo." (O nome vem de Pelágio, monge do quinto século.) Essa concepção também se encontra no pensamento antigo e no moderno, embora seja bem mais prevalente no Ocidente nos últimos dois séculos. De acordo com essa visão, toda pessoa tem a capacidade de escolher o

bem ou o mal, de servir a Deus ou ao ego. Essa capacidade é igual em cada indivíduo. Assim, toda pessoa salva é salva do mesmo modo que toda pessoa perdida se perde — por seu exercício da faculdade de escolher. Preparamo-nos para a glória *ou* preparamo-nos para a destruição.

Em Romanos 9.21-24, Paulo se recusa com grande cuidado a adotar uma ou outra visão. Ele afirma que Deus preparou alguns vasos para a glória, mas não diz que o mesmo Deus preparou vasos para a destruição. Paulo declara que eles foram "... preparados..." para a condenação, mas que Deus escolheu suportá-los com grande paciência. Ou seja, parece que a preparação desses vasos não é obra sua, o que significa que todos os seres humanos escolheram livremente o pecado e merecem a condenação. Deus poderia permitir que todos perecêssemos conforme a nossa opção e de fato permite que alguns vão para a destruição para a qual se prepararam. Mas ele intervém e abre os olhos de outros tantos, os quais prepara para a glória.

Esse é o único modo de entender Paulo. Se adotar uma visão fatalista, você não consegue explicar a hesitação de Paulo em dizer que Deus preparou os vasos para destruição. Todavia, se alguém adotar a visão de que todo indivíduo é igualmente capaz de escolher a Deus, isso leva à conclusão de que Deus não faz nada para os salvos além do que faz para os perdidos, e assim a salvação não é pela graça. Os vasos preparam a si mesmos para a glória!

Aqui estão dois comentaristas de Romanos 9.21-24, explicando como o ponto de vista de Paulo traça o seu caminho entre essas duas visões equivocadas:

> A imagem de Paulo é a do oleiro fabricando diversos utensílios e implementos para uso doméstico e assim por diante [...]. Ora [...] "criação" [...] significa "criar do nada" [...] [mas]

> o oleiro não cria o barro [...]. Ele está na sua frente, sobre a bancada, e o oleiro agora fará alguma coisa com ele [...]. [Portanto] o Apóstolo não está lidando aqui em absoluto com o propósito de Deus na criação original da humanidade. [Esse] é um relato do que Deus faz com a humanidade caída.
>
> [Muitos pensam] que Deus criou deliberadamente algumas pessoas para irem para o inferno. Mentira! Isso não é ensinado em parte alguma das Escrituras [...] Deus criou todas as coisas boas. Ninguém nunca foi forçado a pecar. [A humanidade] se rebelou contra Deus e pecou [...] E o Apóstolo está tratando aqui do que Deus faz com a humanidade à luz desse fato, e ele afirma que Deus tem o direito absoluto de fazer conforme lhe apraz em sua vontade soberana e senhorio. Com uma massa assim sem esperança, a qual poderia ser toda entregue à perdição, ainda assim, em virtude de sua graça, glória e propósito, ele escolheu, elegeu e formou alguns dessa massa para glória e honra...
>
> O que todos nós sentimos vontade de perguntar a essa altura é: [...] Por que [e] como Deus decide fazer um para honra e outro para desonra? Só existe uma resposta para isso — não sei! Ninguém sabe [...]. Não posso ir além das Escrituras, e tudo que as Escrituras me dizem é que Deus age assim, que ele tem esse direito e que, se levanto a questão [...], estou tentando contender com meu Criador [...]
>
> Permita-me então explicitar o ensino que lhe transmito do seguinte modo: se alguém é salvo, isso se deve inteiramente à misericórdia e à escolha de Deus [...], mas acrescento: se pessoas se perdem, a responsabilidade é inteiramente delas.[4]

Se [...] alguém se perde, ele é culpado, mas, se alguém é salvo, o crédito é de Deus. Essa antinomia contém um mistério que

[4]Lloyd-Jones, *Romans chapter 9*, p. 199-203.

nosso conhecimento presente não é capaz de solucionar; mas ele condiz com as Escrituras, com a história e com a experiência.[5]

Objeções e perguntas

1. A "eleição" não é apenas uma doutrina paulina?

Não. Embora Paulo de fato a ensine em Romanos e outros lugares (veja também Ef 1.3-5; 1Ts 1.4,5; 2Ts 2.13,14; 2Tm 1.9), ela permeia o restante das Escrituras. Aqui estão três exemplos:

O ensinamento de Jesus em João

João 6.36-39: "Mas como já vos disse, vós me tendes visto e mesmo assim não credes. Todo aquele que o Pai me dá virá a mim; e de modo algum rejeitarei quem vem a mim. Pois desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a daquele que me enviou. E a vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nenhum de todos os que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia".

João 6.44: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia".

João 10.25-28: "Jesus lhes respondeu: Eu já vos disse, mas não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim. Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas. Estas ouvem a minha voz, eu as conheço, e elas me seguem. Dou-lhes a vida eterna, e jamais perecerão; e ninguém as arrancará da minha mão".

Aqui Jesus diz duas vezes, primeiro, que, se alguém não crê, é porque Deus não o "deu" para ele; e, segundo, que todos que lhe são dados irão para ele e jamais se perderão. Por que Jesus

[5]John Stott, *The message of Romans*, The Bible Speaks Today (Downers Grove: IVP Academic, 2001), p. 270 [edição em português: *A mensagem de Romanos*, A Bíblia Fala Hoje (São Paulo: ABU, 2000)].

pode fazer essas duas declarações? Por causa de um terceiro princípio, premissa para os dois primeiros: ninguém é capaz de ir até Deus a menos que ele o atraia. (Isso está de acordo com Paulo em Romanos 3.11, que ninguém busca a Deus.) Portanto, se alguém o busca, é porque Deus o atrai. E, se Deus o atrai, tal pessoa será salva e guardada.

O ensinamento de Pedro

1Pedro 1.1,2: "... aos eleitos [...] segundo a presciência de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo...".

O ensinamento de Lucas

Atos 13.48: "Ouvindo isso [a pregação do evangelho por Paulo e Barnabé], os gentios alegravam-se e glorificavam a palavra do Senhor. E todos os que haviam sido destinados para a vida eterna creram".

Atos 16.13,14: "No sábado, saímos da cidade para a beira do rio, onde julgávamos haver um lugar de oração. E, sentados, falávamos às mulheres ali reunidas. Uma das mulheres que nos ouviam, chamada Lídia, vendedora de tecidos de púrpura, da cidade de Tiatira, era temente a Deus. O Senhor lhe abriu o coração para acolher as coisas que Paulo dizia".

Note que Lucas não diz: "Todos que creram foram destinados para a vida eterna", mas, sim: "... E todos os que haviam sido destinados para a vida eterna creram". Portanto, a crença é resultado de ser destinado; e não o ser destinado resultado da crença.

2. Mas a eleição só complica o evangelho simples! Gostaria que esse assunto não tivesse surgido!

Não, a eleição estabelece o evangelho simples. A principal razão (o argumento mais forte) dessa doutrina é que rejeitá-la cria mais problemas do que os soluciona. Por quê? A menos que

adote a doutrina da eleição, você será forçado a sustentar que a salvação não é somente pela graça e somente por Deus, mas que ela se deve, em última análise, a algo melhor naqueles que creem.

Eis um trecho penetrante de Martyn Lloyd-Jones:

> Existe um argumento final. As pessoas parecem pensar que, se você rejeita essa doutrina [da eleição], coloca-se em uma posição favorável. [Mas] permita-me lhe mostrar onde você estará se rejeitar a doutrina de Paulo como ensinada aqui. Tome Atos 28.24 [...] "Uns criam nas suas palavras, mas outros as rejeitavam". [Ora], por que alguns criam e outros rejeitavam? Aquelas pessoas eram [...] todas iguais: mesma formação, mesmo tudo, mas algumas creram e outras não [...] O que decide isso?
>
> "Ah", alguém diz, "é muito simples. O livre-arbítrio!" Muito bem, algumas escolheram crer, as outras escolheram não crer. [Mas] por quê? O que faz alguns quererem crer e outros não? "Ah, bem", você diz, "alguns viram as coisas de um modo, e os outros [...] de um modo diferente". Sim, mas [...] por que um vê de um jeito, e outro, de outro jeito? [...] Vamos recuar ainda mais um pouco...[6]

Se insistirmos em questionar por que um crê e o outro não, rejeitando a ideia da eleição, somos forçados a finalmente dizer que uma pessoa era mais humilde, mais aberta à verdade ou mais virtuosa que a outra de algum modo. Em outras palavras, o verdadeiro diferencial e o motivo crítico da salvação de um e não de outros é *alguma coisa melhor nessa pessoa*. Ou seja, estamos de volta à justificação pelas obras!

Paulo defende o seguinte argumento: a doutrina da eleição é necessária para preservar a doutrina da justificação. Deus

[6] *Romans chapter 9*, p. 207-8.

escolheu Jacó antes que os gêmeos tivessem nascido ou praticado o bem ou o mal — "*... para que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme*, não por causa das obras, mas por aquele que chama..." (Rm 9.11, grifo do autor).

Portanto, o argumento final a favor da doutrina da eleição é que ela nos recorda o que já sabemos — que somos salvos só por pura graça, não com base em nada que há em nós. Sim, a "eleição" causa várias dificuldades. Mas, sem contar o fato de que as Escrituras a ensinam, a melhor razão para aceitá-la é que toda alternativa cria ainda mais problemas e dificuldades. Sem a "eleição", compromete-se o ensino fundamental da Bíblia de que somos salvos só pela graça, não por nossas obras. Se a diferença entre o incrédulo e o crente em última análise está em nós (maior humildade, maior abertura etc.), então somos os reais autores da nossa salvação.

A doutrina da eleição é necessária para preservar a doutrina da justificação.

3. Crer na eleição não me obriga a enfrentar o problema de compreender por que Deus não escolhe salvar todo o mundo?

Sim, mas o mesmo vale para os cristãos que não creem na eleição. Ela não cria o problema, apenas nos leva a pensar nele. Negar a doutrina da eleição não nos ajuda a fugir da questão. Todos os cristãos têm esse problema, portanto não podemos objetar à eleição apelando para ele. Quem não crê na eleição enfrenta as mesmas dificuldades:

(a) Deus quer que todo o mundo se salve.

(b) Deus poderia salvar todo o mundo.

(c) Deus não o faz.

Por conseguinte, a questão permanece: "Por que não?". Essa é a essência do mistério, que não se resolve com o abandono da doutrina da eleição.

Alguém diz: "Mas creio que, embora Deus não deseje que nos percamos, alguns se perdem porque escolhem errado, e Deus não lhes violará a liberdade de escolha". Mas por que a liberdade de escolha é intocável? Tento honrar o livre-arbítrio do meu filho, mas não quando vejo que ele está prestes a se matar por causa disso! Por que Deus não pode "afrontar" nosso livre-arbítrio por um instante para nos salvar por toda a eternidade?

Não! Independentemente de como você acha que somos salvos por uma opção nossa ou por eleição divina —, você ainda tem a mesma dúvida: "Por que Deus não nos salva a todos se ele tem o poder e o desejo de fazê-lo?". Essa é uma pergunta difícil, mas que não pode ser usada como argumento contra a doutrina da eleição.

Podemos ir além. Suponha que a eleição não seja verdadeira. Suponha que, milhares de anos atrás, Deus estabeleceu a salvação segundo o seguinte sistema: toda pessoa terá uma capacidade idêntica para aceitar ou rejeitar a Cristo, que morrerá e ressuscitará e será apresentado pela mensagem do evangelho. No instante em que Deus tomou a decisão de estabelecer a salvação segundo esse sistema (presumindo por ora que ele assim o fez), imediatamente ele soube quais pessoas seriam salvas e quais seriam condenadas com base nisso. Portanto, no instante em que ele "estabeleceu" esse fundamento, estava efetivamente elegendo alguns e desconsiderando outros. Chegamos ao mesmo lugar. Deus poderia salvar todos, mas não o faz.

Afinal, por que não? Só temos condições de saber duas coisas. Primeiro, a resposta deve ter alguma relação com sua natureza perfeita. Ele é perfeitamente amoroso e justo, e não pode preferir um em detrimento de outros, ou não seria Deus. De algum modo, a resposta se relaciona a ele ser coerente consigo próprio. Segundo, não conseguimos ver o quadro como

um todo. Por quê? Se formos capazes de conceber um sistema de salvação mais misericordioso do que o criado por Deus, com certeza não o enxergaremos muito bem, pois Deus é mais misericordioso do que podemos imaginar. Quando enfim enxergarmos o plano completo e a resposta, não seremos capazes de achar defeito nele.

4. Mas não é justo Deus eleger alguns e não outros.
Uma coisa é um médico atender cinco pacientes e só escolher tratar dois. Isso seria injusto, pois, como médico, ele tem a obrigação de cuidar de todos, e todos têm o direito de ser tratados. Todavia, se um juiz condena determinado número de criminosos e perdoa alguns, ele é misericordioso, pois não deve nada a nenhum deles. (Claro, isso suscitaria questões sobre a justiça de sua decisão; Paulo tem o cuidado de explicar como Deus é tanto justo quanto misericordioso em Rm 3.21-26 — veja *Romanos 1—7 para você*, p. 91-3.)

A verdadeira questão não é por que Deus não salva todos, mas por que salva *alguém*. Vale a pena citar a ilustração de D. James Kennedy outra vez:

> Cinco pessoas planejam assaltar um banco. São amigos meus. Descubro tudo e discuto com eles. Imploro que não o façam. Por fim, tiram-me da frente e dão início ao plano. Agarro um dos homens e luto com ele no chão. Os outros vão em frente, assaltam o banco, um guarda é morto, eles são presos, condenados, sentenciados [...] O único homem que não se envolveu no assalto está em liberdade. Agora proponho a você a seguinte pergunta: De quem é a culpa pela morte dos outros homens? [...] Esse outro homem que agora caminha livremente por aí — será que ele pode dizer: "Sou um homem livre porque meu coração é muito bom"? O único motivo pelo qual ele está livre sou eu, porque eu

> o impedi. De igual modo, aqueles que vão para o inferno não têm ninguém mais para culpar a não ser a si mesmos. Aqueles que vão para o céu não têm ninguém mais a louvar a não ser Jesus Cristo. Assim, vemos que a salvação é pura graça do início ao fim.[7]

5. Mas isso torna Deus arbitrário.

Não, isso o torna gracioso. A Bíblia não diz que não existe razão para a eleição divina. Sabemos que Deus sempre faz o que é justo (Gn 18.25) e sábio (Rm 11.33). Não há nenhum indício de que Deus nos escolheu (por assim dizer) "ao acaso" — "úni, dúni, tê"! Ele tem suas razões, e só o que sabemos é que suas razões não estão em nós. Como diz 1Coríntios 4.7: "Pois, quem te faz diferente dos demais? E o que tens que não tenhas recebido?...". Afirmar que desconhecemos a base para a escolha de Deus não é o mesmo que dizer que sua escolha é arbitrária.

Existe uma pista do motivo pelo qual Deus parece escolher alguns em detrimento de outros, mas não é nada lisonjeira! Encontra-se em 1Coríntios 1.27-29: "... Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte. Ele escolheu o que para o mundo é insignificante, desprezado e o que nada é, a fim de que ninguém se vanglorie diante dele" (NVI). É possível que Deus tenha escolhido você e eu porque somos loucos ou fracos ou desprezados!

De novo, como mencionei anteriormente, a única alternativa é acreditar que somos salvos por algo em nós que nos torna melhores do que os que se perdem. Essa é uma contradição total do evangelho bíblico.

[7] *Truths that transform* (Grand Rapids: Revell, 1974; ed. expandida, Revell, 1996), p. 39-40 [edição em português: *Verdades que transformam* (São José dos Campos: Fiel, 2012)].

6. Mas, se já está tudo certo e determinado, por que orar, evangelizar ou fazer o que quer que seja?

Essa objeção é míope. Primeiro, se não fosse tudo planejado por um Deus santo e amoroso, ficaríamos absolutamente apavorados ante a ideia até de nos levantarmos pela manhã. Nossos atos (sempre executados com bem pouco entendimento) poderiam ter consequências terríveis. Tudo dependeria de nós! Se não fosse tudo planejado por um Deus santo e amoroso, haveria enorme pressão sobre os cristãos quando evangelizamos. Saberíamos que nossa inaptidão para articular as palavras poderia resultar em alguém perder sua única "oportunidade" de salvação. Seria uma perspectiva pavorosa.

Segundo, evangelizamos e oramos pelo privilégio de compartilhar da obra de Deus. Um pai, por exemplo, talvez consiga cortar lenha para o fogão, mas ele pede aos filhos que aprendam a cortar lenha e a atiçar o fogo também. E se seus filhos disserem: "Não temos nenhum incentivo para cortar lenha. Sabemos que, se não a cortarmos, nosso pai cuidará disso de qualquer forma — não nos deixará morrer de frio!". No entanto, o pai responderá: "Claro que eu mesmo poderia cortá-la, mas quero que compartilhem desse trabalho comigo". A autoridade e o privilégio de trabalhar com nosso Pai celestial com certeza são incentivos mais do que suficientes! Ele deseja trabalhar conosco e em nosso favor.

Evangelizamos e oramos pelo privilégio de compartilhar da obra de Deus.

Ademais, não podemos tentar adivinhar os atos de Deus. Não podemos nunca tentar adivinhar quem é "eleito" — jamais! Deus chama todos ao arrependimento e devemos fazer o mesmo. Na verdade, a doutrina da eleição deve nos dar muito mais esperança para trabalhar com as pessoas. Por quê? Porque ninguém é caso perdido! De um ponto de vista humano, muita gente parece empedernida e completamente perdida, porém,

como a salvação acontece por eleição divina, devemos tratar todos e qualquer um com esperança, uma vez que Deus chama o morto à vida por nosso intermédio.

Assim, a soberania de Deus é motivação para evangelizar, não um desestímulo. Em Atos 18, Paulo está em Corinto e o evangelho foi rejeitado pelos judeus da cidade. Como Deus incentiva o apóstolo a não temer, a falar e a não se calar (18.9)? "Porque estou contigo e ninguém te atacará para te fazer mal algum, pois tenho muita gente nesta cidade" (v. 10). Deus garante a Paulo sua presença, sua proteção e sua *eleição*. E Paulo responde permanecendo "... ali um ano e seis meses, ensinando a palavra de Deus entre eles" (v. 11). O ensinamento é o seguinte: a próxima pessoa por quem você orar e/ou com quem compartilhar o evangelho pode ser uma das eleitas de Deus, e talvez você faça parte do modo pelo qual Deus determinou trazê-la à fé.

7. Pensar que sou "eleito" não leva a uma atitude de superiorioridade?

Com todo o respeito, essa pergunta mostra que quem a faz na verdade não compreende a doutrina da eleição! Ela tem o efeito completamente oposto. Como dissemos em resposta à objeção 2, negar a eleição é que o levará, pela lógica, a se sentir superior aos que não creem. Se negamos a eleição, quem crê se sentirá fortemente tentado a dizer aos que não creem: "Por que vocês não conseguem enxergar como eu? Devem ser mais estúpidos ou orgulhosos do que eu era!". A doutrina da eleição diz que os crentes são povo escolhido, e não povo digno da escolha. Não somos escolhidos por nossas qualidades superiores. Os motivos pelos quais somos escolhidos não estão em nós. Não existe superioridade alguma dos crentes em relação aos descrentes.

8. Creio na Bíblia e entendo todo esse ensino sobre eleição, mas por que ainda desgosto tanto dele?

Minha teoria é que o evangelho bíblico é tão sobrenatural que sempre combina qualidades que pela razão e pela cultura

naturais não conseguimos juntar. A doutrina da justificação constitui um modo de olhar para o evangelho. Ela combina tanto a lei quanto o amor por caminhos que ninguém poderia ter imaginado. Somos salvos independentemente da lei de modo que agora possamos obedecer à lei. Todas as outras filosofias ou têm lei demais (legalistas) ou de menos (antinomianistas). Ora, a doutrina da eleição é simplesmente o evangelho, para o qual se olha de outra perspectiva. Combina a soberania de Deus e a responsabilidade dos seres humanos. Nesse sentido também descobrimos que as culturas e filosofias humanas não podem combinar tais coisas.

Portanto, seja você quem for, vem de uma cultura que o saturou com uma visão tão desequilibrada que você verá a doutrina da eleição como algo mais simples e extremo do que de fato é. As filosofias e religiões orientais sempre foram mais fatalistas. Acreditam que a autonomia individual é uma ilusão. Quando pessoas com essa formação vêm para o evangelho, podem vê-lo como "puro individualismo". Em contrapartida, o secularismo ocidental acredita fortemente no direito e poder dos indivíduos para determinar o próprio curso e destino. Quando pessoas com essa formação vêm para o evangelho, veem-no como "puro fatalismo".

Assim, não importa de que "lado" venhamos, não importa qual nossa cultura ou temperamento, temos de fazer um esforço para discernir o equilíbrio cuidadoso e detalhado do evangelho da justificação e da eleição gratuitas. Temos de nos lembrar dos preconceitos que trazemos conosco para as Escrituras. Precisamos estar dispostos a aprender a equilibrar nossos pontos de vista.

Aplicações práticas

Enfim, o conceito cristão de soberania divina é um princípio prático maravilhoso. Misterioso, mas não confuso. Traz segurança e confiança:

1. *Às dificuldades da vida.* Significa que temos grande incentivo para usar nossa sabedoria e vontade da melhor forma possível, sabendo que Deus requer nossa responsabilidade e que sofreremos as consequências das tolices e maldades. Ao mesmo tempo, existe uma promessa inquestionável de que não podemos arruinar nossa vida em definitivo. Até nossos fracassos e problemas serão usados para a glória de Deus e em nosso benefício. Como isso é profundamente reconfortante!

"... Deus [...] tudo executa por mim", exclama o salmista (Sl 57.2). Desenvolvemos um doce espírito interior, um deleite silencioso em cada disposição da vontade de Deus. Até a perversidade e a tragédia, que sabemos vir do mal deste mundo e do coração humano — mal que Deus não projetou nem criou — são ainda assim entretecidos em um plano sábio.

Todavia, a promessa de Romanos 8.28, de que "... Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam...", é para os crentes. É uma garantia para os adotados na família de Deus por meio da fé em Jesus como Salvador. Se você não pertence a essa família, mesmo as coisas boas em sua vida podem não funcionar em seu benefício. Podem endurecê-lo a ponto de deixá-lo orgulhoso e cego para sua necessidade e dependência. Contudo, para os filhos de Deus, a soberania divina é sempre exercida com amor e misericórdia.

2. *À intimidade do louvor e da adoração.* O amor que elege é o amor supremo. Se Deus nos amasse por encontrar algo melhor em nós, sempre teríamos medo de perder seu amor. E nunca consideraríamos seu amor um milagre completo. Mas Deus não diz: "Eu o amo porque você me é útil", ou: "Eu o amo porque você é mais humilde que os outros". Ele diz: "Amo você simplesmente porque amo você". Isso é perfeito amor. Esse entendimento é uma fonte de louvor, gratidão e ações de graças eternos.

GLOSSÁRIO

alienado. Tornar-se inimigo de alguém ou hostil a alguém, p. ex., a Deus.

analogia. Comparação entre duas coisas, geralmente usando uma delas para explicar ou elucidar a outra.

antinomia. Contradição *aparente* entre duas convicções ou conclusões, ambas razoáveis e verdadeiras.

aramaico. Língua cotidiana de Israel quando Jesus esteve na terra.

arrogante. Com fome de honra e glória; com o objetivo de se fazer notar pelos outros.

artifício literário. Método reconhecido de comunicação na escrita (e.g.: hipérbole, flashback).

bênção. Ser abençoado é manter a relação certa com Deus, desfrutando de seu amor e favor.

condenação. Sentença de um castigo; em Romanos, Paulo está falando do justo castigo de Deus aos pecadores.

cosmovisão. Crenças que temos na tentativa de achar sentido no mundo como o vivenciamos e que direcionam como vivemos nele. Todo o mundo tem uma cosmovisão ou visão de mundo.

crescendo. Um aumento progressivo de força ou intensidade.

debilitante. Que provoca grave enfraquecimento.

depravação. Corrupção e pecaminosidade naturais.

determinismo. Teoria segundo a qual todos os acontecimentos, incluindo nossas escolhas, são causados por fatores externos a nossa vontade. Tudo já está decidido.

dinâmica. Processo.

direito divino dos reis. Teoria segundo a qual os monarcas recebem do próprio Deus (e não das pessoas) o direito de governar, de modo que não estão sujeitos a nenhuma autoridade terrena. Qualquer tentativa de restringir os poderes de um monarca, portanto, vai contra a vontade de Deus.

dissuasão. Efeito desencorajador.

divindade. Status divino.

doutrinariamente. Doutrinas são afirmações do que é verdadeiro acerca de Deus.

efêmera. De curto prazo, não duradoura.

egocentrismo. Visão de que você é o que há de mais importante no mundo, de modo que pensa somente ou primordialmente em si, sem consideração pelos sentimentos alheios.

elocução ungida. Declaração sobre o que a Palavra de Deus diz, a qual o Espírito Santo esclarece com poder especial.

encarnação. Vinda do divino Filho de Deus como ser humano, na pessoa de Jesus Cristo.

enclave. Área distinta.

enobrece. Confere dignidade a.

escravidão. Servidão, subordinação.

escrúpulos. Sentimento de dúvida ou hesitação acerca da correção de determinado curso de ação.

ética. Conjunto de princípios morais.

evangelho. Anúncio, muitas vezes traduzido por "boa-nova". Quando o Império Romano enviava uma proclamação por todo o império declarando uma vitória ou conquista, dava-se a ela o nome de "evangelho". O evangelho é boas-novas em que se deve crer, não um bom conselho a ser seguido.

expressão idiomática. Expressão que tem um significado diferente daquele das palavras separadas. P. ex.: "Chove a cântaros".

graça. Favor imerecido. Na Bíblia, a palavra "graça" costuma ser usada para descrever como Deus trata seu povo. Por ser pleno de graça, Deus dá a vida eterna aos que creem (Ef 2.4-8); ele também lhes dá dons para usar a serviço de seu povo (Ef 4.7,11-13).

imperativos. Comandos ou ordens.

inamistoso. Prejudicial, adverso.

inferências. Conclusões extraídas de uma fonte ou de um fato, os quais estão baseadas na razão, mas não podem ser provadas.

intercede. Fala em favor de outra pessoa.

justificação. Declaração de que alguém não é culpado, nem condenado, mas, sim, absolutamente inocente.

kosher. Comida que cumpre as exigências das leis dos alimentos do Antigo Testamento.

legalista. Abordagem de comportamento que vê o viver piedoso como a obediência a um conjunto de regras.

libertarismo. Teoria política que promove uma interferência bem limitada do Estado na vida das pessoas — em quase todos os sentidos, deveria ser permitido às pessoas seguirem com suas vidas sem o envolvimento do Estado.

licenciosidade. A vida vivida de acordo com os sentidos, em vez de por princípios, particularmente no que diz respeito ao sexo.

livre-arbítrio. Capacidade de escolher e agir com liberdade, indiferente aos fatores externos.

magistrado civil. Alguém responsável por aplicar a lei.

manifestação. Sinal ou acontecimento que se torna visível.

máscara. Termo usado para descrever a aparência que disfarça a verdade.

meditar. Concentrar-se e refletir na Palavra de Deus.

metáforas. Imagens que são usadas para explicar algo, mas que não são consideradas em sentido literal (p. ex.: "A notícia foi uma punhalada em seu coração").

negar. Anular.

non sequitur. Conclusão que não procede do argumento apresentado para lhe dar suporte.

obtuso. Incapaz de compreender ou resistente a isso.

panteão. Grupo de deuses em que crê um povo ou uma nação.

paralelismo. Similaridade estreita, conexão.

pecado. Tanto o poder quanto o impulso que rejeita o amor e a obediência a Deus; e ações, palavras e pensamentos que surgem quando se segue esse impulso.

perseverança. Continuar a fazer ou crer em algo diante da dificuldade.

professos. Alguém que afirma ser algo (p. ex.: o cristão professo é alguém que diz ser cristão).

providencial. A verdade segundo a qual Deus está supervisionando todos os acontecimentos.

redimido. Liberto, desobrigado, recomprado por um preço.

remanescente. Pequena quantidade de algo que restou. Na Bíblia, refere-se ao pequeno grupo de judeus que voltou do Exílio na Babilônia.

restrito. Nesse contexto, limitado, não inquestionável, não incondicional.

santo. Totalmente puro; separado.

santidade. Pureza, semelhança de Cristo.

santificação. Processo de alguém crescer em santidade.

Sinédrio. A mais alta corte em Israel na época de Jesus e de Paulo.

sorte. Qualquer meio de tomada de decisão com base em um resultado aparentemente fortuito, como jogar dados ou uma moeda.

subjugado. Derrotado e dominado.

subversivo. Que debilita um sistema estabelecido.

superável. Que pode ser sobrepujado.

temeridade. Ousadia, confiança.

teologia. Estudo da verdade acerca de Deus.

totalitarismo. Sistema de governo que requer completa submissão ao Estado em todas as áreas da vida.

transcultural. Algo não específico a uma cultura, mas aplicável a todas as sociedades (p. ex., todos os seres humanos são feitos à imagem de Deus).

violando. Desrespeitando, agredindo.

BIBLIOGRAFIA

BENNETT, Arthur, org. *The valley of vision: a collection of Puritan prayers & devotions* (Edinburgh/Carlisle: Banner of Truth Trust, 1975).

BRUCE, F. F. *Romans.* Tyndale New Testament Commentaries Series (Downers Grove: IVP Academic, 2008).

_____. *Romanos: introdução e comentário.* Série Cultura Bíblica (São Paulo: Vida Nova, 1979). Tradução de: Romans.

CALVIN, John. *Commentaries on the Epistle of Paul to the Romans.* Tradução para o inglês de John Owen (Edinburgh: Calvin Translation Society, 1849).

_____ [JOÃO CALVINO]. *Romanos.* 3ª ed. Série Comentários Bíblicos. Tradução de Valter Graciano Martins (São José dos Campos: Fiel, 2014). Tradução de: Romans.

FERGUSON, Sinclair. *Children of the living God* (Edinburgh: Banner of Truth, 1989).

KELLER, Timothy. *Romans 1—7 for you* (Epsom: The Good Book Company, 2014).

_____. *Romanos 1—7 para você* (São Paulo: Vida Nova, 2016). Tradução de: Romans 1—7 for you.

KENNEDY, D. James. *Truths that transform* (Grand Rapids: Revell, 1974: agora disponível como edição expandida, Revell, 1996).

_____. *Verdades que transformam* (São José dos Campos: Fiel, 2012). Tradução de: Truths that transform.

LEWIS, C. S. *Mere Christianity* (London, Reino Unido: Macmillan, 1943/1969).

_____. *Cristianismo puro e simples*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009). Tradução de: Mere Christianity.

LLOYD-JONES, D. Martyn. *Romans chapters 7:1—8:4*. Romans Series (Grand Rapids: Zondervan, 1989).

_____. *Romanos: exposição sobre os capítulos 7:1—8:4: a lei: suas funções e seus limites* (São Paulo: PES, 2001). Tradução de: Romans chapters 7:1—8:4.

_____. *Romans chapter 8:5-17*. Romans Series (Grand Rapids: Zondervan, 1989).

_____. *Romanos: exposição sobre o capítulo 8:5-17: os filhos de Deus* (São Paulo: PES, 2002). Tradução de: Romans chapter 8:5-17.

_____. *Romans chapter 8:17-39*. Romans Series (Grand Rapids: Zondervan, 1989).

_____. *Romanos: exposição sobre o capítulo 8:17-38: a perseverança final dos santos* (São Paulo: PES, 2002). Tradução de: Romans chapter 8:17-39.

_____. *Romans chapter 9*. Romans Series (Grand Rapids: Zondervan, 1989).

_____. *Romanos: exposição sobre o capítulo 9: o soberano propósito de Deus* (São Paulo: PES, 2002). Tradução resumida de: Romans chapter 9.

LOVELACE, Richard. *Dynamics of spiritual life* (Downers Grove: IVP, 1979).

_____. *Teologia da vida cristã: as dinâmicas da renovação espiritual* (São Paulo: Shedd, 2004). Tradução resumida de: Dynamics of spiritual life.

MACHEN, J. Gresham. *The Christian view of man* (Edinburgh: Banner of Truth, 2002).

Moo, Douglas J. *The Epistle to the Romans.* The New International Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1996).

Morris, Leon. *The Epistle to the Romans.* Pillar New Testament Commentary Series (Downers Grove: IVP, 1988).

Owen, John. "On the mortification of sin in believers". In: *Temptation and sin* (Grand Rapids: Zondervan, 1958).

_____. *Tentação e mortificação do pecado: o que todo cristão precisa saber* (São Paulo: PES, 2000). Tradução de: Temptation and sin.

Pippert, Rebecca Manley. *Hope has its reasons* (Downers Grove: IVP, 2001).

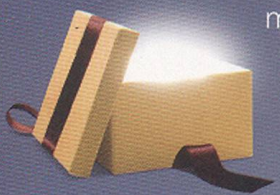
Stott, John. *Men made new* (Downers Grove: IVP, 1966).

_____. *A mensagem de Romanos 5—8: homens novos* (São Paulo: ABU, 1988). Tradução de: Men made new.

Stott, John. *The message of Romans.* Bible Speaks Today Series (Downers Grove: IVP Academic, 2001).

_____. *A mensagem de Romanos.* A Bíblia Fala Hoje (São Paulo: ABU, 2000)]. Tradução de: The message of Romans.

"Em Romanos 8, você descobre como de fato pode usar o evangelho em seu coração para ser mudado de modo profundo; e o restante do livro vai ajudá-lo a compreender e perceber essa mudança."



Junte-se ao dr. Timothy Keller na exposição da segunda metade da Carta de Paulo aos Romanos. Entenda seu significado e veja como ele transforma nosso coração e nossa vida hoje.

Escrito para pessoas de todas as idades e etapas da vida, de pesquisadores a novos crentes, de pastores a professores, este material pode ser utilizado de diversas formas e foi feito para você...

- **LER E ESTUDAR,** servindo de guia para essa carta maravilhosa, levando-o a valorizar a misericórdia de Deus e a viver com ela em vista;
- **MEDITAR E SE ALIMENTAR,** proporcionando um devocional diário que o ajudará a crescer em Cristo à medida que for lendo e meditando nessa porção da Palavra de Deus;
- **ENSINAR E LIDERAR,** oferecendo uma série de apontamentos que lhe permitirão explicar, ilustrar e aplicar Romanos 8–16 quando estiver pregando ou liderando um estudo bíblico.



Timothy Keller nasceu e cresceu na Pensilvânia, com formação acadêmica na Bucknell University, no Gordon-Conwell Theological Seminary e no Westminster Theological Seminary. Ele foi por anos pastor da Redeemer Presbyterian Church, em Manhattan, igreja que fundou em 1989 com a esposa, Kathy, e seus três filhos. É autor *best-seller* do *New York Times* e escreveu vários livros, entre eles *Romanos 1—7 para você*, *Gálatas para você* e *Juízes para você*, entre outros publicados por Vida Nova.

VIDA NOVA
vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0772-1
9 788527 507721